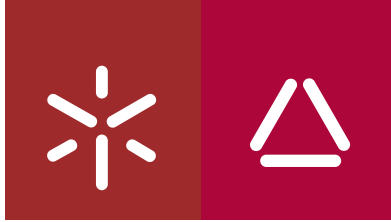


**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Dalila Isaura Salgueiro e Silva Monteiro

## **A espiritualidade *New Age* na cultura pós-moderna**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Dalila Isaura Salgueiro e Silva Monteiro

## **A espiritualidade *New Age* na cultura pós-moderna**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria Paula Vilhena de Mascarenhas**  
e do  
**Professor Doutor Jean Marie Martin Rabot**

junho de 2016

### **Anexo 3**

#### **DECLARAÇÃO**

Nome

Dalila Isaura Salgueiro e Silva Monteiro

Endereço electrónico: dalilamon@gmail.com Telefone: 917975953

Número do Bilhete de Identidade: 10594371

Título dissertação

A espiritualidade *New Age* na cultura pós-moderna

Orientador(es):

Prof. Dra. Maria Paula Vilhena de Mascarenhas e Prof. Dr. Jean Marie Martin Rabot

Ano de conclusão: 2016

Designação do Mestrado:

Mestrado Comunicação, Arte e Cultura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 28/junho/2016

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos:**

Como todos os sonhos na vida, esta é segunda parte de um grande sonho pessoal que pensei só vir a cumprir um dia, quando os meus cabelos fossem todos brancos. Sempre me senti inspirada pelo que observo à minha volta, desde as situações mais expressivas aos momentos e coisas de suposta menor significância. Para mim, tudo na vida tem um sentido. A Semiótica foi a primeira confirmação disso quando a estudei nos meus longínquos primeiros anos da Licenciatura em Comunicação Social, nesta mesma universidade. Mas a minha escolha era Sociologia. E só fazia sentido dessa forma prosseguir os meus estudos académicos, onde mais tarde me cruzei com verdadeiros «Mestres» da sabedoria da vida. E é a eles a quem primeiro devo os meus agradecimentos, deixando aqui expressa a minha profunda gratidão à minha orientadora, Professora Doutora Maria Paula Vilhena de Mascarenhas e ao meu coorientador Professor Doutor Jean Marie Martin Rabot, ambos docentes que ao longo do curso de Sociologia me ajudaram a expandir horizontes e a definir o meu trajeto como pesquisadora. A eles agradeço profundamente toda a manifestação de altruísmo, dedicação, simplicidade, incentivo e tempo dedicado para que este sonho se materializasse em palavras que a seguir discorro com profunda seriedade sobre um tema delicado, ainda.

Em segundo lugar, agradeço a todos os amigos que fazem parte da minha vida porque foram peças essenciais que ajudaram a montar este «puzzle», mesmo sem o saberem.

Em terceiro lugar, pretendo manifestar uma profunda gratidão à minha família, em particular: pai, mãe, irmãos. Sobretudo a ti, Carlos, que foste uma inspiração nos meus momentos de aperto, sabes porquê.

A todos, o meu obrigad @!



**Resumo:**

A pós-modernidade está a reencontrar o encantamento do mundo através da vivência da Espiritualidade nos indivíduos, num sentido profundo de união com o cosmos e da natureza. Com o desenvolvimento tecnológico, a internet revolucionou o modo de disseminação das culturas e da informação ao facultar livremente o acesso a conteúdos, em particular a filosofia oriental. No Ocidente, os indivíduos reconheceram nestas filosofias, os modos de sentir para os quais, até então, não tinham obtido qualquer esclarecimento. Esta foi a explicação

Paralelamente, assiste-se à modificação do paradigma cultural regido pelas religiões tradicionais e para a emergência do paradigma ecológico centrado na ética e na espiritualidade. Atualmente, em Portugal, o fenómeno social tem evidenciado ruturas nas práticas culturais dos indivíduos. A cultura da Nova Era exalta o rompimento com os modelos tradicionais e exalta a luz como signo e símbolo de uma nova era cultural. O clima ideológico criado pelos iluministas e potenciado pela Revolução Francesa parece estar a "re"emergir na cultura ocidental, em plena pós-modernidade, à luz de ideais reconfiguradas na espiritualidade, na noção de unidade, de religação com o cosmos, dos quais falam diversos autores como Boff, Giddens entre outros. A ideia da espiritualidade, da transcendência humana, do domínio interestelar do qual falam os movimentos espirituais da Nova Era estão presentes em diversos domínios da cultura pós-moderna. A ideia de luz surge como signo, sentido e simbologia principal, é a palavra mais amplamente difundida na cultura New Age. É deste modo que, por exemplo, a cocriação preenche o signo da luz repleto de sentidos, como ideia de exaltação da busca por uma espiritualidade simbolicamente individual e que se "re"cocria socialmente sob o signo principal da luz. O significado de luz e de espiritualidade do qual falam os movimentos espiritualistas tem merecido amplo destaque na publicidade, reproduzindo os sentidos de luminosidade que difundem os movimentos da Nova Era. Frequentemente, encontram-se inúmeras destas referências simbólicas em produtos e sub-produtos culturais que nos circundam.

Em certa medida, o individualismo reinventa-se através da espiritualidade dos tempos deste novo século. Ou seja, revela-se na espiritualidade voltada para si próprio, na busca do seu “eu” interno, na procura da essência de si mesmo.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade; Cultura; Espiritualidade.



**Abstract:**

Postmodernity is recovering the world's enchantment through Spirituality's experience in individuals, in a much more profound sense of union with the Cosmos and Nature. The Internet revolutionized the way that dissemination of culture and information is done, especially oriental philosophy. In the West, people recognized in these philosophies certain ways of feeling. At the same time, we see a modification in the cultural paradigm opposite to the one regulated by the traditional religions and to the occurrence of a much more spiritual and ecological archetype, focused in ethics. Nowadays, in Portugal, social phenomenon has evidenced ruptures in the cultural practices of the individuals. The postmodern culture exudes the breaking with the traditional models and exalts light as a sign and symbol of a new cultural era. The ideological climat created by the Illuminists is boosted by the French Revolution and it seems to be “re”emerging in western civilization, in the postmodernity, according to the ideals reconfigured in spirituality, in the notion of unity, of reconnecting with the Cosmos, of which several authors (e.g. Maffesoli, 2010) speak. The idea of a new spirituality, of human transcendence, and the interstellar domain of which so many postmodernity spiritual groups speak of, it's present in several postmodern cultural domains. Spirituality emerges as a sign, sense and main symbology, and is the most amply widespread word in New Age culture, due to the transculturally process (Welsch, 1999). It's this way, for instance, that cocreation fills the light sign with several senses, as an idea of exaltation of the search for a symbolically individual spirituality, and that one socially "re"cocreates under the main sign of light. However, in postmodernity, the representations and social practices exempt several attributes that characterized those previous movements. To a certain extent, it's evident that a new symbolic thought is evident. Individualism reinvents itself through the spirituality of these new century's times, i.e. it reveals itself in the spirituality turned on itself, in the search of the inner “self”, in the seeking for one's essence, in the relationship with the others and in the relation that we establish with nature and the Cosmos. An emerging paradigm that harmonizes aspects of both the East and the West.

**Keywords:** Postmodernity; Culture; Spirituality.





## Índice Geral

<b>A espiritualidade <i>New Age</i> na cultura pós-Moderna .....</b>	<b>i</b>
Introdução .....	1
1. Teorização para uma nova Cultura na espiritualidade .....	7
1.1. Objetivos e problema da investigação.....	7
1.2. A Espiritualidade no contexto da pós-Modernidade .....	9
1.3. O conceito da Espiritualidade na cultura pós-moderna.....	14
1.4. Neo-iluminismo ou a reconfiguração cultural? .....	22
1.5. O Yin e o Yang social .....	24
1.6. O meta padrão cultural e a New Age .....	33
1.7. Formas da nova cultura espiritualizada e a "re"Cocriação na New Age .....	38
1.8. Rumo a uma nova metacultura? .....	41
2. Metodologia .....	45
2.1. Os métodos: hipotético-dedutivo e arquetipológico.....	45
2.2. Pertinência da pesquisa qualitativa .....	46
2.3. O Universo e a amostra .....	48
2.3.1. Caracterização da Amostra.....	48
2.3.2. A amostra documental.....	50
2.4. As técnicas de investigação.....	55
2.5. O modelo de análise .....	57
3. Discussão de resultados.....	61
3.1. A conceptualização da espiritualidade a partir dos discursos .....	61
3.2. As representações sociais.....	75
3.3. As práticas declaradas .....	98
3.4. As formas da mudança .....	116
3.4.1. Mudanças nas representações sociais na espiritualidade <i>New Age</i> da pós-modernidade	116
3.4.2. Transfiguração do ser .....	118
3.4.3. Metamorfose nos produtos culturais na pós-modernidade .....	121
Considerações finais.....	123
Bibliografia .....	127
ANEXOS.....	133
Anexo 1 .....	135
Anexo 2 .....	137

Anexo 3 .....	162
---------------	-----

## Índice de Figuras

Figura 1: Esquema conceptual da Nova espiritualidade (Esquema do conceito de espiritualidade, adaptado de Mascarenhas (Mascarenhas, 2007, p. 100). ....	16
Figura 2: Modelo de religião social. ....	23
Figura 3: Símbolo do yin e yang. ....	24
Figura 4: Tabela dos "opostos complementares" do yin e yang social. ....	25
Figura 5: Caracterização do modelo de análise. ....	58
Figura 6: A significação de Deus atribuída pelos entrevistados enquanto símbolo espiritual. ...	63
Figura 7: A nova espiritualidade na pós-modernidade na perspetiva dos entrevistados. ....	70
Figura 8: Captura de ecrã do site da Sic Noticias, em 23 de abril de 2016. ....	71
Figura 9: Experiência da meditação está associada ao aumento da espessura cortical. ....	73
Figura 10: Captura de ecrã do computador com o artigo "A natureza, um lugar de espiritualidade para os povos do Sul", Notícias Le Monde des Religions (Doc 3). ....	75
Figura 11: Caracterização do pensamento simbólico espiritual e racional. ....	76
Figura 12: Construção de uma realidade paralela da fotografa Lizette Abraham onde joga com o corpo e o mundo da fantasia. ....	80
Figura 13: Captura de ecrã da performance "O Artista Está Presente" de Marina Abramovic (Doc 08). ....	81
Figura 14: Captura de imagens de esculturas de Monir Shahroudy Farmanfarmaian, Exposição no Museu de Serralves, no Porto, em 4 de dezembro de 2015 (Doc 22). ....	82
Figura 15: Captura de ecrã de computador do site da Network For a New Culture (Doc 16), em 7 de novembro de 2014. ....	88
Figura 16: Captura de imagem do vídeo " Tree of Light - Terra Mater Cine & TV Signation", da Aixsponza, em 9 de dezembro de 2014. ....	89
Figura 17: Captura de ecrã da publicidade filmada em Paris, do modelo DS3 da Citroen, numa campanha apresentada na televisão francesa em 2015. ....	92
Figura 18: Captura de ecrã de computador da publicidade Galp, em fevereiro, 2016. ....	94
Figura 19: Captura de ecrã de computador de cena (à esquerda) e da sinopse (à direita) do filme "Hereafter". ....	95
Figura 20: Captura de ecrã do computador do site "Nature et Conscience", em 22 de janeiro de 2016. ....	97
Figura 21: Captura de ecrã do computador, site "O mundo somos nós", a 15 de abril de 2016. ....	98
Figura 22: Jogo "Posturas de Yoga", de Helena Martins e com ilustrações de Helena Alves Carneiro (Doc 01). ....	103
Figura 23: Captura de ecrã do programa infantil "Yoga para el Niños", versal original disponível no youtube, em maio de 2015. ....	103

Figura 24: Captura de ecrã de computador de pdf do site da Universidade Lusófona, para curso de Budismo e Yoga, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração (Doc 26), recolhido a 2 de fevereiro de 2016, e com link indisponível atualmente. ....	105
Figura 25: Captura de ecrã de computador com a publicação do artigo "La nature, l'art et la spiritualité seraient d'excellents anti-inflammatoires naturels", no site "Le Journal de la Science", em 22 de janeiro de 2016. ....	107
Figura 26: Captura de ecrã do site do Projeto 2.0 da Fundação Bial - Portugal, em 15 de maio de 2016.....	108
Figura 27: Mapa que ilustra geograficamente a antiga Gallaecia, a verde, (à esquerda), e a árvore explicativa das ramificações da língua Proto celta (à direita). ....	114
Figura 28: Captura de ecrã de video da performance "Levitação", consultado em 27 maio de 2016.....	115

## Índice de Tabelas

Tabela I: Caracterização da amostrados entrevistados.....	49
Tabela II: Caracterização da amostra de documentos.....	50

## Introdução

Atualmente, em Portugal, o fenómeno social iniciado pelos movimentos Nova Era nas décadas de sessenta e setenta do século XX tem sido demonstrado como uma realidade, devido a uma nova forma de sentir a vivência da espiritualidade. De parte ficam os rituais do passado místico e das iniciações características do esoterismo. A necessidade do indivíduo dirigir-se para si mesmo parece nascer da insatisfação que alimenta perante o mundo material e caótico do consumismo. "Trata-se de uma inversão de polaridade, causa e efeito de uma profunda mutação societal ou antropológica" (Maffesoli, 2010, p. 60).

A partir dos finais do século passado, a internet e a Comunicação Social em geral passaram a divulgar projetos e ações de grupos e associações espiritualistas e ambientalistas, de todo o mundo, com em particular enfoque nas filosofias que são provenientes do Oriente. Em virtude desta globalização cultural à qual nós avaliamos como cultura transcultural, tal como indica Welsch (1999), a produção de programas televisivos, a indústria cinematográfica e, sobretudo, as grandes editoras livrescas, começaram a explorar as ideias e as práticas norteadas pelas espiritualidades orientais e ecológicas na vida quotidiana no mercado consumidor. A divulgação desta informação passou, assim, a estar mais disponível do grande público devido à facilidade de acesso a este tipo de conteúdos, mas particularmente devido à presença do mundo digital nas esferas privada e pública. Deste modo, gerou-se por um lado, uma maior consciência espiritual e ecológica, coletiva e individual, que se tem traduzido na crescente preocupação pela preservação ecológica do planeta, pela procura da espiritualidade ligada ao desenvolvimento do Ser cósmico e à ecologia, através de uma “espiritualidade naturalista” emergente de novos grupos e movimentos sociais, em particular nos centros urbanos (Mascarenhas, 2013a). Em Portugal, em particular no Norte, contexto do nosso estudo, existe uma proliferação de cursos de formação em medicinas e terapias complementares, de restaurantes e lojas de alimentação naturalista e macrobiótica, cursos de Yoga e de Reiki, entre outros.

Levantam-se, assim, um conjunto de interrogações em relação ao tema em estudo. Nesse sentido, perante as evidências da presença de novas espiritualidades,

estaremos, nós, pós-modernos, então perante um novo paradigma social e cultural? Será que podemos falar da existência de um Yin social proveniente do Oriente que mostra fortes evidências de estar a conquistar espaço geográfico naquilo que poderá ser o Yang social do Oriente? Em caso afirmativo, poderemos estar no princípio de uma fusão ao nível metacultural? Ou então, estaremos já mergulhados na cultura do novo paradigma? Estas são as questões de partida que nos levam a discorrer sobre a temática, controversa, sabemos.

A cultura *New Age* exalta o rompimento com os modelos tradicionais e exalta a luz como signo e símbolo de uma nova era cultural. Tal como refere Wilson (1982), "A cultura geral da vida do dia-a-dia nas nações avançadas, quer do Oriente ou no Ocidente, não é, nos tempos modernos, marcadamente religiosa" (Wilson, 1982, p.55).

Esta investigação vem ao encontro dos autores e das suas teorias sobre o papel da espiritualidade na vida dos indivíduos e na cultura. Barros e Betto (2009) indicam que a dimensão espiritual é mais ampla do que a religiosa e faz parte da cultura, estando sempre à disposição de todos (Barros; Betto, 2009: 86). Trata-se de uma procura da espiritualidade através de diversos caminhos, de forma a atingir o bem-estar e a harmonia individual (pessoal e familiar), coletiva (a comunidade, a sociedade, a Terra) e, até certo ponto, a harmonia com o Universo. De parte ficam os rituais místicos do passado e das iniciações características do esoterismo. A necessidade do indivíduo dirigir-se para si mesmo parece nascer da insatisfação que alimenta perante o mundo material e caótico do consumismo. "Trata-se de uma inversão de polaridade, causa e efeito de uma profunda mutação societal ou antropológica" (Maffesoli, 2010, p. 60).

Acreditamos ser relevante observar os discursos dos nossos entrevistados para compreendermos o posicionamento dos mesmos nas vivências, representações e práticas que adotam perante a existência do místico e as suas possíveis repercussões sociais, muito distantes das posições e atitudes que vividas através da mediação das instituições religiosas tradicionais. Porém, estudar estas narrativas vai além de uma definição de conceitos e conjecturas. Viver a espiritualidade *New Age*, no contexto da pós-modernidade, é uma constante busca pessoal para quem a vive que se repercute nas relações com os outros e no modo como passa a ter consciência do mundo como um todo, ligado à natureza, aos cosmos, em suma, ao universo. Ao mesmo tempo, para consolidar esta visão, é imperativa uma análise às novas formas de produção cultural em contexto pós-moderno. As evidências de um paradigma cultural em transformação são

demasiado óbvias para serem ignoradas. Por esse motivo são uma parte fundamental para a análise empírica nesta pesquisa.

Vemos na Sociologia um papel fundamental nos processos de construção e percepção social. É através dela que recebemos informações sobre o que sucede na cultura. Sendo assim, a Sociologia permite construir leituras da realidade quotidiana como um instrumento ainda mais forte de apreensão e compreensão das transformações sociais e culturais, sobretudo as que se projetam ou refletem particularidades e transformações do tecido social.

Neste estudo, propomos investigar especificamente o conceito da espiritualidade *New Age*, as suas representações, práticas e relações com a natureza/cosmos. Esta escolha é fundamentada nas experiências das ligações individuais e coletivas, numa vivência mística religada ao sagrado, experiências interligadas entre o real (VIDA), o simbólico (UNO) e o imaginário (COSMO) no Todo.

A expansão da análise das entrevistas em profundidade e dos documentos que ilustram as novas formas culturais *New Age* produzem informações sobre uma possível convergência nas teorias que têm sido desenvolvidas nas últimas duas décadas a propósito do nascimento de uma nova era global. Muitos investigadores têm realizado teorias sobre este assunto, dos quais destacamos apenas alguns: Gilbert Durand (1964), Eliade (1969), Giddens (2005), Maffesoli (2010), Boff (2008), Capra (1982), Terrin (1999), entre muitos outros. Tais observações verificaram uma série de indícios de novas espiritualidades emergentes no Ocidente.

Nesta pesquisa, procuramos construir uma grelha de análise que nos ajudasse a responder às nossas perguntas de investigação, conforme foram já acima anunciadas. A construção da grelha de análise foi também baseada nas informações de diversos estudos existentes sobre o tema. Além disto, acompanhamos as publicações de diversos sites da internet, alvo deste estudo, levantando algumas das suas características editoriais, além do contexto social em que estão inseridos. Ainda incluímos diversos produtos culturais, tais como publicidades, notícias, debates televisivos, filmes e documentários.

Neste panorama, acreditamos que contribuímos para uma melhor compreensão e entendimento do fenómeno social em investigação, de modo a contribuir para o debate sobre a questão da vivência de uma nova espiritualidade *New Age* que se reproduz culturalmente através de diversas novas formas de produtos de acesso coletivo.



Por fim, gostaríamos de recordar que esta investigação está estruturada em três partes principais que, por sua vez, estão divididas em vários capítulos cada uma. A primeira parte é de caráter teórico com o objetivo de uma teorização para uma nova cultura na espiritualidade, a segunda parte corresponde a uma descrição de todo o nosso modelo de análise e da metodologia adotada para a pesquisa e, por fim, a terceira parte expressa a análise empírica dos dados recolhidos.

O primeiro capítulo debruça-se na problemática e na descrição dos objetivos e problema da investigação. No segundo capítulo contextualizamos a espiritualidade na pós-modernidade. No terceiro capítulo é desenvolvido o nosso conceito de espiritualidade na cultura pós-moderna. No quarto capítulo estabelecemos uma ponte teórica entre o Iluminismo e esta nova abordagem das referências culturais que indiciam estarmos perante um retorno desse passado na feição de um neo-iluminismo. No quinto capítulo desenvolvemos a nossa perspectiva sobre o que consideramos ser uma tentativa de equilíbrio social à escala global, através do nosso conceito de yin e yang social. No sexto capítulo destacamos as evidências da presença de um novo meta padrão cultural perante esta *New Age*. No oitavo e último capítulo da primeira parte caracterizamos algumas evidências sobre o rumo perante este novo paradigma, uma nova metacultura.

A segunda parte corresponde a cinco capítulos onde apresentamos as escolhas metodológicas para esta pesquisa e as hipóteses esperadas para este estudo. Ainda os métodos escolhidos: hipotético-dedutivo e arquetipológico. Destacamos a pertinência da pesquisa qualitativa e caracterizamos o nosso universo e as nossas amostras em estudo, a amostra dos entrevistados e a amostra documental. Por fim, diferenciamos as técnicas de investigação às quais recorreremos nesta pesquisa e ainda discorremos sobre o nosso modelo de análise e a apresentação final da grelha de análise. Este capítulo é de extrema importância para a compreensão de algumas dimensões utilizadas na caracterização da espiritualidade *New Age* através dos discursos, das representações e das práticas dos entrevistados e dos documentos.

A parte empírica corresponde à terceira parte da nossa investigação. A terceira parte, é composta pelas análises qualitativas dos entrevistados e dos documentos que correspondem às amostras em observação. No primeiro capítulo, é elaborada uma análise crítica da conceptualização da espiritualidade a partir dos discursos. No segundo capítulo, são elencadas as representações sociais da espiritualidade *New Age*. No terceiro capítulo, diferenciamos as práticas declaradas pelos entrevistados e conferidas através de alguns documentos em análise. No quarto e último capítulo são dadas a

conhecer as formas de mudança social transmitidas pelos inquiridos e pelos documentos, e que foram potenciadas por esta espiritualidade *New Age* na pós-modernidade. Destacamos as mudanças nas representações sociais, a transfiguração do ser e a metamorfose nos produtos culturais na pós-modernidade.

Por fim, apresentamos algumas breves considerações em que destacamos os dados apresentados num breve resumo.



# 1. Teorização para uma nova Cultura na espiritualidade

## 1.1. Objetivos e problema da investigação

Perante um paradigma cultural em mudança, se ao longo dos séculos, as religiões moldaram e moldam ainda os modos de pensar dos indivíduos (Giddens, 2005, p. 432), então seria pertinente compreender quais as mudanças que a espiritualidade suscita perante "um saber que, no quotidiano, localmente, dá ênfase à falta, ao vácuo, à experiência que apresenta não uma *eficiência* externa, mas uma *eficácia* interna" (Maffesoli, 2004, p. 32). A experiência existencial dos indivíduos inclui infinitas possibilidades de ação e modelos de comportamento específicos inerentes ao contexto das vivências culturais. Assim sendo, é possível aceder aos diferentes cenários histórico-sociais que permitem explicações de significados específicos de representações sociais de ampla complexidade (Crespi, 1987, p. 23). Neste estudo destacaremos a pertinência de se aprofundar o significado das representações simbólicas e dos sentidos produzidos através destes conceitos: yin e yang social. No entanto, consideremos aquilo que os indivíduos procuram na espiritualidade, isto é, a união com o Todo e o cosmos, com o "eu" e os outros, e a forma como culturalmente essa busca está a suscitar a mudança de paradigma. Essa busca pela espiritualidade viveu sempre silenciada pela influência exercida ao longo de séculos da cultura judaico-cristã. Deste modo, será que podemos falar da existência de um Yin social proveniente do Oriente que mostra fortes evidências de estar a conquistar espaço geográfico naquilo que poderá ser o Yang social do Ocidente? Estaremos perante uma fusão metacultural?

Consideremos ainda dois conceitos básicos da filosofia oriental, duas forças fundamentais e opostas que se complementam: o princípio feminino *Yin* e o princípio masculino *Yang*. Na visão espiritualista, ambos são o símbolo do princípio gerador de todas as coisas. A espiritualidade recriada e vivida socialmente no oriente é representativa da força yin, portanto, lado yin da sociedade. E, o lado materialista e consumista do ocidente representado simbolicamente pelo yang da sociedade. Na pós-modernidade, tem-se assistido a uma espécie de fusão cultural de ambos. Se por um

lado, no Oriente procura-se reproduzir as práticas sociais consumistas do Ocidente, por outro lado, o Ocidente reforça cada vez mais as práticas espirituais do Oriente. Por seu turno, o cariz da simbologia yin e yang foi reforçado através dessa recriação e da difusão da espiritualidade pelos novos movimentos da Nova Era, no século XX. Poderia levantar-se, então, a questão de saber, se por um lado, no Oriente não haverá reprodução das práticas sociais consumistas do Ocidente e, por outro lado, o Ocidente tenderia a reforçar cada vez mais as práticas espirituais do Oriente, sem deixar de adotar um paradigma consumista. Por seu turno, parece que o cariz da simbologia yin e yang é reforçado através dessa recriação e da difusão da espiritualidade pelos novos movimentos do New Age.

No ocidente, estes movimentos têm fortalecido a sua expressão através de um dos seus principais traços: a fusão da influência oriental com a metafísica e o animismo, com fortes traços provenientes da cultura oriental. Também no mercado económico a espiritualidade ganha ênfase mediante ganhos materiais resultantes da comercialização de livros alusivos ao tema, ainda pela abertura de novos espaços físicos como lojas e centros dedicados à espiritualidade. "A dimensão espiritual, mais ampla do que a religiosa, é um componente da cultura e se integra em um conjunto maior que está à disposição de todos nós" (Barros, Betto, 2009, p. 86).

Perante as evidências da presença de novas espiritualidades, estaremos então perante um novo paradigma social e cultural? Tudo indica um caminho nesse sentido.

O objetivo deste estudo visa precisamente compreender como um processo gradual de autoconhecimento promovido pela busca da espiritualidade pode produzir mudanças na cultura, ao ponto de estimular ruturas com os dogmas das religiões institucionalizadas, em particular no Norte de Portugal, na cidade de Braga.

No país, é cada vez mais comum encontrar crentes e não crentes das instituições religiosas em práticas espirituais ligadas às filosofias orientais. O Yoga, a acupuntura, o Tai Chi e o Reiki são alguns exemplos disso. Será que isso implica uma mudança no pensamento simbólico face à vivência da espiritualidade? Perante a emergência de um novo paradigma que pode revelar mudanças, então será pertinente compreender quais as mudanças que a espiritualidade suscita perante "um saber que, no quotidiano, localmente, dá ênfase à falta, ao vácuo, à experiência que apresenta não uma *eficiência* externa, mas uma *eficácia* interna" (Maffesoli, 2004, p. 32). O aparecimento das novas tecnologias, em pleno contexto de liberdade democrática, fez da espiritualidade um assunto cada vez mais debatido socialmente, uma vez que o acesso à informação passou

a ser muito mais livre. A internet trouxe consigo uma liberdade de procura que evidência servir de trampolim para o reconhecimento da perceção de que a vivência e o sentir espiritual cresceram sempre mergulhados no caldo cultural da religião dominante, a Igreja Católica, sem a manifestação de respostas concretas que satisfizessem a curiosidade. A vivência da espiritualidade fora do espaço físico sagrado da religião parece-nos demonstrar uma clara insatisfação pelos dogmas da religião dominante, repetidamente classificados como um sistema quase obrigatório e imposto que afasta os sujeitos da espiritualidade<sup>1</sup>. Nesse contexto, existem fortes evidências de que este fenómeno da espiritualidade não é exclusivo de Portugal. A avaliar pela proliferação de informação que circula pelos meios de informação, sobretudo pela internet, trata-se de um fenómeno social fortemente visível em todas as sociedades ocidentais e, por isso, torna-se pertinente o seu estudo.

## **1.2. A Espiritualidade no contexto da pós-Modernidade**

Do que falamos ao certo quando abordamos o tema da espiritualidade em pleno século XXI? Será que a espiritualidade implica “[...] a redenção do indivíduo para concretizar a sua busca pessoal de respostas sobre o sagrado, assente numa devoção que se transforma em prática quotidiana [...]” (Weber, 2006, p. 197).

De facto, ao longo dos séculos, as religiões moldaram e moldam ainda os modos de pensar dos indivíduos (Giddens, 2005, p. 432).

A propósito da *secularização*, Costa (2006) indica que “[...] o mundo (i.e., a vida no mundo) tornou-se a-religioso, regido pelo poder *secular*, estranho a qualquer intromissão teocrática, [...] ou mesmo hostil” (2006, p. 30). Trata-se da perda de influência das religiões nas diversas esferas da vida social mediante o processo explicado na tese da secularização tal como confere Giddens (2005, p. 437). Para Giddens (2005), as religiões perdem terreno e influência nas diversas esferas da vida

---

<sup>1</sup> Relatório de investigação para obtenção do grau de licenciado em Sociologia, Universidade do Minho, 2014.

social mediante o processo explicado na tese da secularização<sup>2</sup> (Giddens, 2005, p. 437) de que falam autores como Weber e Durkheim.

Algumas teorias vêm nos novos movimentos espirituais uma reação à *secularização*, como um desvinculo das igrejas tradicionais e dos seus rituais considerados desprovidos de "sentido espiritual" (Giddens, 2005, p. 444). De facto, nas últimas décadas, as religiões tradicionais têm perdido terreno segundo os dados do Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa referente ao relatório interpretativo do "Inquérito 2011". O estudo revela que a religião católica perde crentes. Em contrapartida, assistimos a uma proliferação de novos movimentos religiosos tais como seitas, grupos espirituais, grupos de auto ajuda e grupos religiosos que tendem a romper com o modelo religioso tradicional e implementar um novo modelo social espiritual no Ocidente, reproduzindo as principais correntes filosóficas tradicionais do Oriente (Giddens, 2005, p. 443).

Parece-nos que estamos perante um novo fenómeno social espiritual, desligado das religiões tradicionais, com novas formas e novas experiências do sagrado que geram novas interações sociais e novas relações consigo mesmo, com os outros e com a Natureza o que contraria as teses que elencamos em seguida.

Ao falar do *Homos Psychologicus*, Lipovetsky (1989) conota-o com um neo-narcisismo que neutraliza o universo social e as instituições onde se manifesta o lado emocional do sujeito. Para este autor, e como consequência disso, o "Eu" do indivíduo, a identidade deste, esvazia-se emocionalmente, torna-se num "conjunto frouxo" (Lipovetsky, 1989, p. 53) devido à demasiada informação que o rodeia.

Por outras palavras, é a "Invaginação do sentido", anota Maffesoli (2010, p. 59). A espiritualidade reabsorve os símbolos e as formas da ancestralidade para recuperá-las na pós-modernidade, como dobra de um tempo e de um espaço sagrado resgatado. Maffesoli descreve esta "marca" como o "espírito do tempo" essencial da pós-modernidade no qual "o sentido significa ao mesmo tempo a finalidade e a significação" (*ibid.*). Neste contexto, a espiritualidade na pós-modernidade parece-nos adquirir o estatuto de "marca" que implica que tem sentido porque tem como finalidade ter sentido, tal como indica o autor, como consequência de um passado aterrador.

---

<sup>2</sup> Giddens (2005, p. 437), refere duas visões defendidas por diversos autores para a secularização: a primeira visa uma definição de religião vinculada à igreja tradicional; a segunda defende a necessidade de ser nela incluída a dimensão da espiritualidade pessoal.

"O *totalitarismo* a que ele induz termina, inelutavelmente, pela devastação do mundo e dos espíritos. Hoje em dia, não há mais dúvidas quanto a isso. E as consequências mortíferas, tanto no ambiente natural quanto no social que disso resultam, provocam a tomada de consciência de que um outro espírito do tempo está em gestação. Está em curso uma mudança climática. Quando se tem a lucidez e a humildade de observar, a longo prazo, as histórias humanas, percebe-se que, sempre, o apogeu de um valor provoca seu declínio". (Maffesoli, 2010, p. 60)

O processo de "saturação" (Maffesoli, 2010) dos símbolos e das formas da modernidade parece-nos evidente a tal ponto de suscitar a "inversão de polaridade, *causa e efeito* de uma profunda mutação societal ou antropológica" do qual fala Maffesoli (*ibid.*, p. 60). O movimento *New Age* cada vez mais parece apostada em ser essa expressão da "marca" que provoca a dobra para uma mutação em rumo.

Neste sentido, Terrin (1996), resumia a sua tese em torno da *New Age* afirmando que: "[...] a religiosidade da Nova Era não é um novo desafio dirigido às religiões. É simples e inexoravelmente o produto do pós-moderno: de uma cultura que viu ruir todos os seus mitos, as ideologias, a verdade e os valores" (1996, p. 10). Duas décadas depois destas palavras de Terrin, a cultura do pós-moderno é repleta de novas formas de produtos de uma cultura espiritualizada, tal como abordaremos mais adiante.

A mudança de paradigma deve-se, em parte, ao incremento tecnológico, à adoração do indivíduo pelos objetos técnicos e à proliferação de novos meios de difusão de informação, como a internet que veio globalizar a comunicação.

Nesse sentido, Felinto (2005) refere que o atual "farto mercado espiritual da cultura contemporânea" abre novas perspectivas para o aparecimento de novas formas de religiosidade (Felinto, 2005, p. 11). Ou não será antes, para novas formas de expressão da espiritualidade? Os meios de comunicação pós-modernos, onde se incluem a televisão e a internet, definem ainda mais concretamente como é que vivemos (Giddens, 2005, p. 375). Terrin (1996) referia-se a:

"[...] um encontro com as formas expressivas e artísticas em nível *non-sense* e já se encontra impregnada de irracional, de sensações mais do que ideias, de vontade de crer mais do que convicções, de visões e perspectivas deformadoras e de pluralismos indefinidos mais do que apegos a tradições, às grandes histórias e aos grandes mitos do passado". (Terrin, 1996, p. 10)



A cultura é um caldo vasto. Por outras palavras, o conceito de cultura é, foi e muito provavelmente será um dos conceitos que sofre mais transformações, ampliações e adaptações. "Hoje, a cultura consiste em ofertas, não em normas" (Bauman, 2007, p. 20).

Alguns autores (Welsch, 1999) tentam superar algumas falhas no conceito de Cultura, propondo os conceitos tais como a multiculturalidade, a interculturalidade e a transculturalidade que visam a compreensão mútua das diferentes culturas.

O autor defende que cada cultura é como uma esfera privada (uma ilha) ou um círculo. A cultura categoriza e recodifica significados ao atribuir características naturais a práticas e normas sociais instituídas culturalmente e que passam a ser interpretadas/consideradas legítimas e naturais. Ao categorizar, a naturalização da cultura produz novos sentidos e consensualiza-os, naturaliza também os sentidos e reduz a imprevisibilidade e a complexidade do real. É, portanto, um caldo imensamente vasto de leituras, tão vasto como as particularidades de qualquer sociedade (Welsch, 1999). Perante esta diversidade do conceito de cultura, Bauman (2007) defende que "a cultura [...] é, na sua fase líquida-moderna, feita à medida da [...] liberdade de escolha individual" (Bauman, 2007, p. 19). A escolha, como indica o autor, não só é vital como também é um dever dos indivíduos (*ibid*, p. 19).

Nesse sentido, a cultura emergente do novo paradigma elaborada à luz dos conceitos espiritualistas e de pensadores como Leonardo Boff, Fritjof Capra e até mesmo Giddens, produz novos sentidos através da introdução das simbologias espirituais das filosofias orientais e da nova era. Esta cultura é já existente, é uma espécie de "recolagem" das culturas orientais nas práticas que foram naturalizadas no terreno da cultura dominante judaico-cristã. As terapias alternativas como o reiki, a acupunctura são exemplo disso.

Canclini (1997) sugere que "[...] hoje são reutilizadas as tradições e os monumentos que as consagram. Certos heróis do passado sobrevivem em meio aos conflitos que se desenvolvem em qualquer cidade moderna, entre sistemas de signos políticos e comerciais, sinais de trânsito e movimentos sociais" (Canclini, 1997, s/p). Segundo este autor, diversos símbolos culturais ressurgem das tradições e emergem novamente na atualidade, de certa forma, impressos em monumentos que as consagram. "Certos heróis do passado sobrevivem em meio aos conflitos que se desenvolvem em qualquer cidade moderna, entre sistemas de signos políticos e comerciais, sinais de trânsito e movimentos sociais" (Canclini, 1997). É o caso de Adesuwa, um orixá

feminino devota de Oya ou Iansã, deusa dos ventos, tempestades e paixões<sup>3</sup>. Mas existem muitos heróis reproduzidos culturalmente em videojogos, filmes ou em livros. A questão, como adverte Canclini (1997) visa precisamente compreender em que sentido o próprio desenvolvimento tecnológico modifica a sociedade.

"Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriar se delas, com sentidos diferentes [...]. Os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam". (Canclini, 1997)

Apesar dos indivíduos nascerem culturalmente condicionados, a cultura por si só está nos modos de estar e de viver, nas formas como se apresenta socialmente. Para Maffesoli: "Tanto isso é verdade que a fala verdadeira ou a nova fala é, antes, um escutar. Escutar o advento do que está ali. É assim que Fernando Pessoa define a "sociologia das profundezas" capaz de expressar, de dar forma, àquilo que, vindo de muito longe, fala através de nós". (Maffesoli, 2010, p. 61)

Tal como refere Costa (2006): "Esta espécie de reincidência pós-moderna nos mitos primordiais modernos pode surpreender-se aqui e ali, por vezes onde menos se espera" (2006, p. 33).

Deste modo, as sociedades pós-modernas são multiculturais em si mesmas, abrangendo uma multiplicidade de variadas formas de vida e estilos de vida (Welsch, 1999, p. 2). Apesar das diferenças verticais na sociedade, não exibem qualquer denominador comum. Segundo Welsch (1999), o conceito de interculturalidade reage contra a conceção clássica da cultura como ideia de cultura como esferas isoladas na sociedade. Por outro lado, o conceito de multiculturalidade apresenta condicionamentos semelhantes, mas mistura culturas diferentes numa só sociedade coabitando por entre oportunidades de tolerância e compreensão, tal como se de esferas (ilhas) diferentes se tratassem. Assim, o conceito de transculturalidade descrita por Welsh surge mais próximo da definição de cultura que apresentamos neste estudo. "Transculturalidade é, em primeiro lugar, uma consequência da diferenciação interna e complexidade de culturas modernas" (Welsch, 1999, p.5). O conceito abrange os modos de vida e

---

<sup>3</sup><http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/este-e-um-filme-sobre-o-super-heroi-africano-apresentado-pelos-orixas-diz-diretor-nigeriano>

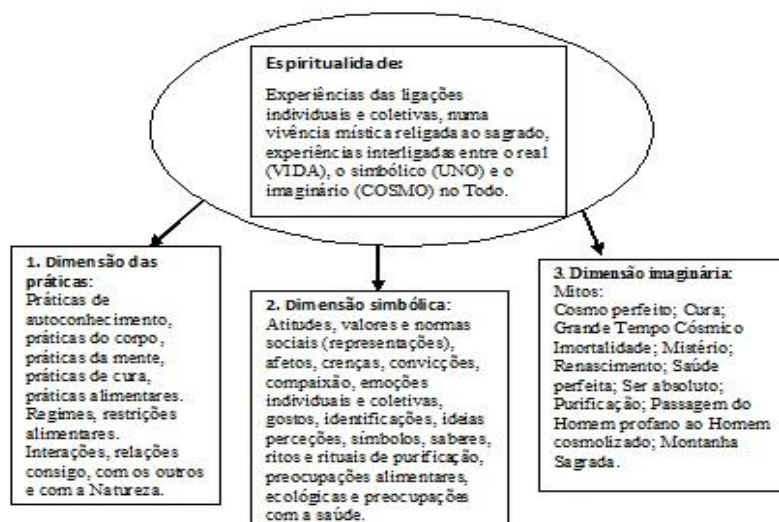
culturas que se interpenetram e podem surgir um no outro, enquanto indivíduos, através de uma rede externa de culturas. Tal como indica Welsch (1999): "As culturas são hoje extremamente interligadas e enredadas umas nas outras. Os estilos de vida já não se limitam às fronteiras das culturas nacionais, mas vão além destes, encontram-se do mesmo modo em outras culturas" (Welsch, 1999, pp. 5-6). As culturas apresentam-se hoje como híbridas, tornam-se disponíveis em todo o planeta, em parte devido às novas tecnologias e às redes sociais existente na grande rede virtual da *World Wide Web*. "Está tudo ao nosso alcance"(Welsch, 1999, p. 6). Então, estaremos nós, pós-modernos, já mergulhados na cultura do novo paradigma?

### **1.3. O conceito da Espiritualidade na cultura pós-moderna**

Nas últimas décadas, assiste-se a uma deslocação da ideia de religião que era concretizada em espaços institucionais para a ideia da valorização da espiritualidade como dimensão interativa e comunitária dos homens sem ser preciso o recurso a formas hierárquicas de viver a experiência do sagrado. Assim, a espiritualidade é um conceito de múltiplas visões com redefinições ao longo dos tempos que importa dissociar do conceito complexo de religião. A ideia de alma surge como um dos aspetos mais enunciados pelos diversos defensores da visão tradicional. Todas as sociedades são marcadas pela relação com o sagrado. O sentimento do espiritual individual converte-se numa vivência religada ao próprio sentido do sagrado como resposta para saciar a necessidade de busca permanente da dimensão misteriosa da existência humana. Embora a espiritualidade e a mística sejam duas formas de sentir a ligação ao Todo, a espiritualidade é *o estar com* o cosmos ao invés do *sobre* o cosmos (Boff, 2003, p. 102). A espiritualidade significa sobretudo uma palavra só - união. Para que a aprendizagem da espiritualidade seja de facto integradora é preciso considerar a *animus*, numa dimensão masculina referente à conquista e à racionalidade, ordem e poder; e a *anima* associada à dimensão feminina da perceção dos valores e de toda a simbologia da intuição e da espiritualidade, duas forças que fazem parte do ser humano (Boff, 2008, p. 152).

A espiritualidade implica o sentido de mistério que está profundamente ligado à experiência dos rituais de iniciação e ao cariz " *suprasocial-comunitário (racional) de uma doutrina ou revelação [...]*" (Boff & Betto, 1999, p. 13 - 14), ou seja, a mística. "*La palabra mística es adjetivo de misterio*" (Boff & Betto, 1999, p. 13). Apenas quem é místico experimenta o mistério (Boff & Betto, 1999, p. 16). Tudo o que é místico tem as suas raízes no sentido dos rituais e da iniciação. O mistério é um conceito que engloba uma dimensão profunda inscrita nos próprios indivíduos e na totalidade do ser mesmo nos aspetos mais incompreensíveis, pois "*cada pessoa é um misterio*" (Boff & Betto, 1999, p. 14). A mística é a atitude que se tem diante do mistério (*ibid.*, p. 16). Segundo Boff & Betto (1999), a mística não é privilégio de alguns mas antes uma "dimensão da vida humana" à qual todos acedem (*ibid.*, p. 16). Logo, todos os indivíduos são místicos por natureza. Embora a espiritualidade e a mística sejam duas formas de sentir a ligação ao Todo, a espiritualidade é o estar com o cosmos ao invés do sobre o cosmos. A Espiritualidade significa sobretudo uma palavra só: união. A "*transformação dialética*" (Barros & Betto, 2009, p. 24) do sujeito ocorre através de um trabalho individual e íntimo. Este conceito de espiritualidade implica re-ligar o sujeito com o cosmos (*ibid.*, p. 24). Todavia a espiritualidade não deve ser confundida com espiritualismo tal como nos advertem os autores acima mencionados. Pois, espiritualismo implica uma doutrina e a espiritualidade implica um modo de estar e de sentir o espiritual.

Assim sendo, propomos um conceito de nova espiritualidade dos New Age, relacionando a teoria com os discursos dos nossos entrevistados. Neste sentido, esta nova espiritualidade é entendida como as experiências das ligações individuais e coletivas, numa vivência mística religada ao sagrado, em experiências interligadas entre o real (VIDA), o simbólico (UNO) e o imaginário (COSMO) no Todo e que geram novas relações consigo mesmo, com os outros, com a sociedade e com a Natureza, (Figura 1).



**Figura 1:** Esquema conceitual da Nova espiritualidade (Esquema do conceito de espiritualidade, adaptado de Mascarenhas (Mascarenhas, 2007, p. 100).

A nova espiritualidade do New Age constitui-se, em primeiro lugar, como uma experiência pessoal mística que se transforma em prática quotidiana, porém, assume-se como uma vivência da riqueza da interioridade humana, uma ligação entre o ser, o uno e a totalidade, assumindo uma conotação normativa na nossa vida.

Define-se ainda pelo desprender das amarras dogmáticas da religião tradicional e das instituições religiosas apreendidas nos diferentes processos de socialização e de subjetivação do sujeito sem que estas formações socio-históricas estejam completamente silenciadas. Tal como indica Mascarenhas:

"As formas de subjetivação, segundo Foucault, são essencialmente constituídas por uma rede de relações de poder/saber que conduzem o sujeito a produzir a sua própria verdade, transformando-o num objeto de conhecimento de si mesmo (objetivação/subjetivação)" (Mascarenhas, 2012, p. 108).

Elas afloram em todos os discursos dos nossos entrevistados, fazendo parte do processo de construção de uma nova espiritualidade resultantes da relação consigo mesmo, das relações com os outros, das relações com a sociedade e da relação com a natureza.

Terrin (1996) insiste na ideia de que: "Não se trata do abandono de qualquer critério de reconhecimento da verdade religiosa, mas de uma subjetivação de tais critérios" (1996, p. 221). A espiritualidade na cultura pós-moderna, "propõe uma

evolução positiva de todo o mundo" (*ibid.*). Uma das duas características é a sua "transversalidade que ninguém pode negar, a ponto de se propor como visão holística da realidade toda: todo o Universo é simplesmente uma grande rede de conexões, de interações, por trás da qual vibra uma alma" (*ibid.*).

O nosso estudo remete-nos para um conceito de espiritualidade mais amplo do enunciado por Weber. Constitui-se como uma experiência pessoal mística que se transforma em prática quotidiana, porém, assume-se como uma vivência da riqueza da interioridade humana, uma ligação entre o ser, o uno e a totalidade, assumindo uma conotação normativa na nossa vida. Assim sendo, a espiritualidade enquanto "parte fundamental da Natureza" de que falam Barros e Betto (2009, p. 21). Boff (1999) explica a crise atual das religiões com a ausência da experiência do mistério profunda de Deus (1999, p. 17). A experiência do mistério está associada ao significado de mística desenvolvido por Boff (1999, p. 13), isto é, o místico experimenta o mistério (*ibid.*, p. 16), para "[...] instaurar uma comunhão reverencial com o mistério mais profundo, presente em cada ser[...]" como referem Barros e Betto (2009, p. 24). Boff e Betto (1999, p. 16) indicam a mística como uma "dimensão da vida humana" à qual todos acedem, apesar de esta dimensão ter estado ausente das religiões (Boff, 1999, p. 17). Assim sendo, a espiritualidade baseia-se numa procura pessoal de respostas sobre o significado e sentido da vida. Barros e Betto (2009) indicam que a dimensão espiritual é mais ampla do que a religiosa e faz parte da cultura estando sempre à disposição de todos (Barros & Betto, 2009, p. 86).

A espiritualidade é um atributo do sagrado. Segundo Eliade (2006), a hierofania<sup>4</sup> explica porque é que o sagrado se manifesta nos indivíduos como conhecimento diferente do profano (2006, p. 25). "O sagrado equivale ao poder" (Eliade, 2006, p. 27). Se, "a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo" (*ibid.*, p. 36), então esta nova forma de reconstruir o sagrado pela vivência de uma espiritualidade mais consciente é a manifestação do sagrado no próprio indivíduo, dentro de si mesmo, como um novo espaço sagrado. A vivência do sagrado, conforme indica Eliade (2006) é uma experiência que "[...] precede toda a reflexão do mundo" (*ibid.*, p. 35). Mais ainda: "É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o «ponto fixo», o eixo central de toda a orientação futura" (*ibid.*, pp. 35-36). A

---

<sup>4</sup> Hierofania exprime algo que se manifesta como sagrado em objetos ou símbolos, por exemplo.

pós-modernidade trás consigo a vivência da espiritualidade que assume novas formas, nomeadamente, novos espaços sagrados. Assim sendo, poderemos considerar a hipótese de um deslocamento deste "eixo central" para um novo ponto fixo da orientação dos indivíduos? Nesta linha de ideias, Eliade (2006) confere:

"Quando o sagrado se manifesta por uma qualquer hierofania, não só há rotura na homogeneidade do espaço , mas há também *revelação de uma realidade absoluta*, que se opõe à *não-realidade* da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo". (Eliade, 2006, p. 36)

Deste modo, a expressão do sagrado através de novos símbolos e formas revelam um renovado «ponto fixo», um novo «Centro» (*ibid.*). Estaremos, portanto, perante uma nova realidade da vivência espiritual?

A espiritualidade é uma forma e um método para o sujeito se ligar ao sagrado, implica o relacionamento do indivíduo com o mundo, com o outro, consigo mesmo e com a crença numa divindade que pode ou não ser plural (Durkheim, 2002, p. 249). Vários sociólogos têm refletido para a necessidade de assumir a espiritualidade como parte da Natureza, exigindo assim um "refinamento do seu espírito" (Barros & Betto, 2009, p. 21 - 22) e uma abordagem pelo mistério. "*Antes que nada está la experiencia del misterio* " (Boff & Betto, 1999, p. 17). A espiritualidade naturalista é a "*dimensão espiritual, mais ampla do que a religiosa, é uma componente da cultura e se integra em um conjunto maior que está à disposição de todos nós*" (Barros & Betto, 2009, p. 86). A proposta lançada por Barros & Betto visa a consagração de uma espiritualidade ecológica assente no encanto da vida humana e na comunhão com o universo que "[...] *se propõe a ir além das religiões (sem rejeitá-las) como atitude de amor que redescubra o encanto da vida presente em nós mesmos, em todo o ser humano e no Universo [...]*" (Barros & Betto, 2009, p. 22 - 24). A vivência da espiritualidade visa "*instaurar uma comunhão reverencial com o mistério mais profundo, presente em cada ser. Isso exige de cada pessoa uma contínua conversão na forma de lidar consigo mesma, com os outros e com a natureza [...]*" (Barros & Betto, 2009, p. 24). O sentido de mística descrito por vários autores visa a experiência de ser e de sentir do indivíduo que interioriza a vivência desse mistério (Boff, 2003, p. 102). Tudo o que é místico tem as suas raízes no sentido dos rituais e da iniciação. Sem dogmas, sem rituais. A versão mais recente do animismo está representada na ecologia que "*promove o respeito pelos*

*espaços e pelas espécies*" (Vallet, 1993, p. 66). A espiritualidade implica o sentido de mistério que está profundamente ligado à experiência dos rituais de iniciação e ao cariz "*suprasocial-comunitário (racional) de uma doutrina ou revelação [...]*" (Boff & Betto, 1999, pp. 13-14), ou seja, a mística. O mistério é um conceito que engloba uma dimensão profunda inscrita nos próprios indivíduos e na totalidade do ser mesmo nos aspetos mais incompreensíveis, pois "*cada pessoa é um mistério*" (Boff & Betto, 1999, p. 14). A mística é a atitude que se tem diante do mistério (Boff & Betto, 1999, p. 16). A "*transformação dialética*" (Barros & Betto, 2009, p. 24) do sujeito ocorre através de um trabalho individual e íntimo.

Tal como indicamos, Boff e Betto (1999) abordam a espiritualidade como um novo paradigma, um diálogo infinito onde se incluem todas as dimensões da vida (1999, p. 15). Cada indivíduo é como um mistério com capacidade básica de sentir através do espírito (Boff, Betto, 1999, p. 15). Habermas (1990) refere que "a chave para a esfera interna" (1990, p. 41) é precisamente a autoconsciência, mas de forma consciente, como uma "[...] fonte espontânea de realizações transcendentais, elevada à categoria de absoluto, como espírito [...]" (Habermas, 1990, p. 41). A razão surge como parte subjetiva do mundo, uma "[...] reflexão, ao mesmo tempo totalizadora e auto-referente [...]" que permite que o sujeito considere todas as possibilidades de ver o mundo com a compreensão dialética de espírito (*ibid.*).

Se a espiritualidade implica olhar tudo como uno, então segue uma lógica de padrão de união que se inscreve culturalmente também nas identidades dos indivíduos. O pensamento metafísico em Habermas (1990), sociólogo e filósofo alemão, reflete sobre o aparecimento de uma nova metafísica, "[...] uma nova metafísica que tenta afirmar-se na linha pós-kantiana, ou que se apressa em retroceder atrás da dialética transcendental [...]" (*ibid.*, p. 37).

Habermas (1990) caracteriza como metafísico o idealismo que teve origem em Platão e que teve como precursores no neo-platonismo, Agostinho e Tomás, Descartes, Spinoza, Kant, Fichte ou Hegel. Apesar do autor frisar a permanência dos movimentos anti-metafísicos provenientes do materialismo antigo, do ceticismo, bem como do empirismo moderno, Habermas (1990) trata aquilo que é metafísico perante o motivo da unidade da filosofia das origens, isto é, entre ser e pensar; pelo pensamento da identidade; ainda pela doutrina das ideias (*ibid.*, p. 38).

As teorias frisam que o "carácter da mídia de uma sociedade exerce uma forte influência sobre a organização dessa sociedade" (Giddens, 2005, p. 374). A própria



internet espelha "um mundo sem divisões" que surge espontaneamente (Giddens, 2005, p. 380) e transforma a vida diária (Giddens, 2005, p. 382).

Giddens (2005) lembra que muitos destes novos movimentos provêm das tradicionais religiões (2005, p.443). A religiosidade é a «janela» para a espiritualidade de que fala Durkheim (2002, p.249). A vivência da espiritualidade será o refinamento do espírito do qual fala Boff (1999).

Elsa Bishop (2007) na sua tese sobre *Le New Age aux USA* refere que o New Age é um movimento amplo constituído por práticas, crenças e novas espiritualidades em interconexão segundo novos modos de organização, visando uma transformação pessoal e planetária. Este movimento organiza-se em volta dos valores de contracultura e de uma nova “espiritualidade” ou ainda de uma nova “consciência universal” que só se pode adquirir a partir de uma transformação dialética.

A ideia de uma transformação pessoal que desencadeia uma transformação cósmica exige um trabalho sobre o “meu interior” e sobre as energias, atrai as espiritualidades de todo o mundo, operando de um modo sincrético e eclético aberto às crenças de cada um.

O planeta apresenta uma capacidade de autocriação e organização, a «autopoiesis». "Na realidade, pensando quânticamente, cada processo é indivisível e engloba todo o universo, que se faz cúmplice do seu surgimento" (Boff, 2008, p. 154), a cosmogénese.

A visão de uma «sinfonia universal», cósmica, da qual fala Boff (2008, p. 157), é um dos aspetos mais fortemente marcantes do movimento Nova Era que exclui a presença de dogmas (religiosos).

Os novos movimentos sociais religiosos e espirituais são, em parte, responsáveis pelas atuais transformações dialéticas em curso. Ajudam a estabelecer uma nova configuração da vivência da espiritualidade, para além da religiosa, conforme aqui se pretende demonstrar. A emergência de uma sensibilidade espiritual. Isto representa, segundo Giddens (2005) que "[...] outras formas de atividades religiosas estão em ascensão" (Giddens, 2005, p. 443).

Através da explosão das novas tecnologias, o espiritual ganhou terreno através da internet ao encontrar nela a via mais favorável de propagação, conforme escreve Felinto (2005):

"No farto mercado espiritual da cultura contemporânea, uma nova forma de religiosidade parece estar surgindo. Ela possui seus sacerdotes, templos e rituais, mas seu caráter anti-institucional não permite identificar padrões e regularidades absolutos em nenhuma dessas três instâncias. Se tem características que possam ser qualificadas como essenciais, são elas talvez a sua espetacularidade e paradoxalidade. A nova religiosidade não apenas encontrou um nicho favorável na cultura de massas espetacularizada da pós-modernidade, mas também demonstrou ser capaz de conjugar polaridades tradicionalmente tidas como inconciliáveis: corpo-espírito; visibilidade-invisibilidade, misticismo-ciência. Não seria surpreendente, em vista de tudo isso, descobrir figurações desta religiosidade nascente em produtos da indústria cultural do entretenimento". (Felinto, 2005, p. 11)

O novo perfil de práticas fez com que diversos investigadores falassem no retorno da religião. Deste novo caldo social espiritual nasce a “Nova Era”, uma designação que deriva do termo inglês «*New Age*», que instaura uma nova forma de olhar e de viver o mundo.

O fenómeno social pode ser explicado pela necessidade dos indivíduos se religarem ao sagrado, não de um modo ritualizado como acontece nas religiões, mas dentro de si, como dimensão do individualismo. O sagrado mora dentro de cada indivíduo e é um Deus e mestre de si na procura desse caminho sagrado. Este é o ponto-chave defendido pelos movimentos da Nova Era.

Leonardo Boff (2008) entende que a universalidade do movimento se deve à evolução própria da Humanidade para cumprir a lógica sequencial de "ordem-desordem-interação-organização-criação" (Boff, 2008, p. 152), de que falava Edgar Morin. Oriundo do passado, o movimento cumpre-se no presente e abre-se para o futuro, como uma totalidade orgânica imparável que se movimenta por vários terrenos micro e macro físicos, e repleta de conexões entre os indivíduos, o planeta e o universo (*ibid.*).

O novo paradigma do qual falam Marcelo de Barros e Frei Betto (2009) serve de critério para explicar o conjunto de novas práticas que estão na base de uma nova teoria que sustenta o mundo através da espiritualidade e que apenas reconstituem, em modo light, as crenças, rituais e práticas de outras culturas, algumas delas seculares.

Isto permite compreender como é que a espiritualidade dos movimentos sociais da “Nova Era” se traduz nos indivíduos da sociedade pós-moderna, através da dimensão das suas práticas e das representações simbólicas tendo como indicadores as crenças, as normas, os rituais, as orações, os símbolos e os valores a que pertencem dentro daquilo que é considerado a filosofia Reiki.

## 1.4. Neo-iluminismo ou a reconfiguração cultural?

Para Maffesoli (2004), "Periodicamente verifica-se um (re)nascimento deste mundo composto" (Maffesoli, 2004, p. 13). A relativização dos valores faz com que a sociedade renasça para um "real plural" (Maffesoli, 2014, p. 13). Maffesoli lembra que esta é uma mudança inaugurada pelo Iluminismo, durante o período inicial da modernidade. O mesmo pensamento de enfatizar o dinamismo e a circulação de ideias (Maffesoli, 2004, p. 14) parece renascer na pós-modernidade, um pouco "Contra o progressismo judaico-cristão, empenhado em explicar tudo (*ex-plicare*, retirar as pregas) [...]. Eis, portanto, a mutação pós-moderna, aquela que aceita as pregas dos *arcaísmos pré-modernos*" (Maffesoli, 2004, pp. 13-14).

Os ideais do iluminismo, tais como, o progresso, a defesa da liberdade acima de tudo, a procura de uma explicação racional para tudo, provocaram a revolução intelectual na história do pensamento moderno, no século XVIII. O objetivo final do movimento intelectual que teve a sua maior expressão em França era a busca pela felicidade humana, rejeitando a injustiça, a intolerância religiosa e os privilégios, trazendo a luz do conhecimento às sociedades. A Época das Luzes foi um período de profundas transformações na estrutura social. A liberdade, o progresso e o Homem eram os temas deste processo desenvolvido pelos pensadores da época para corrigir as desigualdades sociais numa tentativa de serem garantidos os direitos naturais do indivíduo, tais como a liberdade e a livre posse de bens.

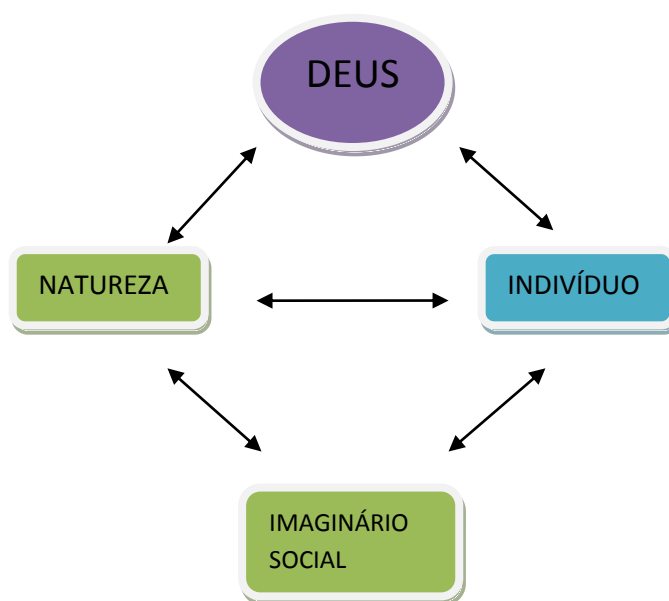
Os iluministas acreditavam na presença de Deus na natureza mas também no próprio indivíduo. Nessa linha, um dos maiores pensadores do Iluminismo, o francês Voltaire, o qual era crítico da Igreja e do clero, acreditava na existência de um Deus na natureza e no homem, passível de ser descoberto através da razão. Voltaire defendia a livre expressão e condenava a censura. Este clima ideológico criado pelos iluministas potenciado pela Revolução Francesa parece estar a "re"emergir na cultura ocidental, em plena pós-modernidade, à luz de ideais reconfigurados na espiritualidade, na noção de unidade, de religação com o cosmos, dos quais falam diversos autores como Boff, Giddens e outros.

As filosofias dos novos movimentos sociais *New Age* são reproduções das filosofias antigas provenientes do Oriente, tais como taoísmo, induísmo ou o budismo. Todas acreditam na presença de Deus na natureza, defendem a libertação dos indivíduos

pelo reconhecimento da liberdade interior de cada um e todas elas convergem para a ideia de que a religação com o uno é no próprio indivíduo. A ideia de luz, como signo, sentido e simbologia, é a palavra mais amplamente difundida na cultura *New Age*.

Frequentemente se encontram inúmeras destas referências simbólicas em produtos e subprodutos culturais que nos circundam. No marketing, por exemplo, o sentido simbólico da luz surge diversas vezes figurado em publicidades. O anúncio da marca de automóveis Citroen recentemente lançado nas televisões portuguesas para publicitar o modelo DS3 é exemplo disso.

Em certa medida, parece-nos que os movimentos sociais *New Age* situam-se na confluência da pós-modernidade (com o *slogan* da *New Age* “no futuro”) e da modernidade, com a acentuação das técnicas e da espiritualidade, conforme a tese de Jacques Ellul (2003) e da temática da luz que remete para o regime diurno da imagem de que fala Gilbert Durand (1979). Assim sendo, parece-nos que os *New Age* reconstroem os ideais iluministas do século XVIII e os ideais do romantismo do século XIX, configurando a tríade Deus-Natureza-indivíduo como modelo de religação social.



**Figura 2:** Modelo de religação social.

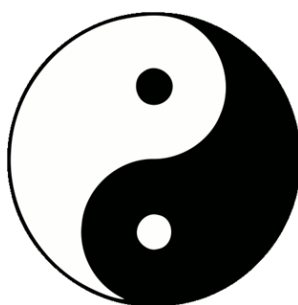
Estaremos, portanto, perante uma espécie de neo-iluminismo pós-moderno assente numa cultura que se redefine através da perspetiva espiritual? Parece-nos prematura tal afirmação nesta fase de investigação.

A partir da pesquisa na internet e da análise documental podemos constatar a existência de diversas referências ao neo-iluminismo<sup>5</sup> apesar de inconsistentes para sustentar ainda a hipótese de um movimento neo-iluminista.

## 1.5. O Yin e o Yang social

Consideremos nestes dois conceitos básicos da filosofia oriental estas duas forças fundamentais e opostas que se complementam: o princípio feminino Yin e o princípio masculino Yang.

A origem da teoria da polaridade universal Yin Yang remonta por volta dos 700 anos A.C., na velha China e nos conceitos básicos que se encontram registados no mais antigo livro originário do Extremo Oriente, "O Livro das Mutações" (I Ching). O universo era organizado em qualidades interligadas através de um padrão em permanente processo de mutação, de forma cíclica, desde os mais complexos ecossistemas (o macro) até à mais ínfima forma de vida (o micro), cujo símbolo é representado pela figura seguinte.



**Figura 3:** Símbolo do yin e yang.

---

<sup>5</sup> Ver aqui: «<http://lucianoayan.com/2013/04/27/glossario-neo-iluminismo/>»; «<http://vanraz.wordpress.com/2012/05/03/neo-iluminismo/>»; «<http://cteme.wordpress.com/2011/03/21/neo-iluminismo/>»; «<http://neoiluminismo.wordpress.com/>»; «<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/LACUNA%20COGNITIVA%20E%20LIMITA%C3%87%C3%95ES%20DA%20UTOPIA%20NEO-ILUMINISTA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20SOCIODIGITAL.pdf>»

A teoria dos "opostos complementares" observada na filosofia chinesa é, deste modo, uma das bases para conceptualização do nosso yin e yang social, sob a ideia de que duas forças opostas e complementares suscitam transformações sociais em massa através de forças centrífugas e centrípetas simbólicas. É impossível termos a noção de frio se não tivermos a experiência do calor. O claro exige o conceito do escuro e assim por diante. No Yin existe a semente do Yang, ou seja, o seu princípio, e no Yang está a semente do Yin. Nenhum dos aspetos é fixo e o aumento de um implica a diminuição do outro.

Para a produção de sentido simbólico e significado das representações destes conceitos, yin e yang social, consideremos aquilo que os indivíduos procuram na espiritualidade, isto é, a união com o Todo e o cosmos, na procura de harmonia e equilíbrio dos opostos, tal como demonstra a figura seguinte

Yang social	Yin social
<ul style="list-style-type: none"> <li>* dominação</li> <li>* posse</li> <li>* controle</li> <li>* corpo</li> <li>* Universo objeto</li> <li>* contração</li> <li>* sugado</li> <li>* medo</li> <li>* separação</li> <li>* morte</li> <li>* claro</li> <li>* alto</li> <li>* forte</li> <li>* quente</li> <li>* seco</li> <li>* masculino</li> <li>* dia</li> <li>* sol</li> <li>* frio</li> <li>* quietude</li> <li>* céu</li> <li>* lado direito e posterior do corpo humano</li> <li>* positivo</li> <li>* outono/inverno</li> <li>* flui para cima e para fora</li> <li>* clareza</li> <li>* atividades funcionais, rápidas, claras e animadas</li> <li>* fogo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* cooperação</li> <li>* partilha</li> <li>* extravagância</li> <li>* alma</li> <li>* Universo sujeito</li> <li>* expansão</li> <li>* expirado</li> <li>* emocional</li> <li>* orgânico</li> <li>* unidade/união</li> <li>* vida</li> <li>* escuro</li> <li>* terra</li> <li>* baixo</li> <li>* fraco</li> <li>* lua</li> <li>* noite</li> <li>* frio</li> <li>* húmido</li> <li>* feminino</li> <li>* movimento</li> <li>* negativo</li> <li>* primavera/verão</li> <li>* flui para baixo, para dentro</li> <li>* obscuridade</li> <li>* tranquilidade</li> <li>* inibição</li> <li>* esfriamento</li> <li>* água</li> </ul>

**Figura 4:** Tabela dos "opostos complementares" do yin e yang social.

A oposição entre Yin e Yang generaliza a contradição e a luta entre duas forças opostas dentro de uma coisa ou de um fenómeno para manter o equilíbrio. O dia é Yang e a noite é Yin, mas o dia e a noite podem dividir-se em Yin e Yang, assim

como a manhã é Yang dentro de Yang e a tarde é Yin dentro de Yang. A primeira metade da noite é Yin dentro de Yin e a segunda é Yang dentro de Yin. Desse modo, o aparecimento, a mudança e o desaparecimento de um facto social é o resultado do contínuo movimento das duas partes Yin e Yang. A transmutação entre o Yin e o Yang reveste-se como uma lei universal que governa o desenvolvimento e a mudança de todas as coisas e fenómenos<sup>6</sup>, inclusive os fenómenos sociais. Barros & Betto indicam que: "A dimensão espiritual, mais ampla do que a religiosa, é uma componente da cultura e se integra em um conjunto maior que está à disposição de todos nós" (Barros & Betto, 2009, p. 86). Então, é fácil constatar empiricamente que a busca pela espiritualidade viveu silenciada e abafada pelo Yang social devido à influência exercida ao longo de séculos de cultura judaico-cristã junto dos indivíduos.

Uma vez sabendo que o Yin e o Yang são um símbolo do princípio gerador de todas as coisas, ao extrapolarmos para um padrão de configuração de lógica no sentido e significado destes símbolos espirituais, podemos indicar que a espiritualidade recriada e vivida socialmente no oriente é representativa da força yin, portanto, lado yin da sociedade. E, o lado materialista e consumista do ocidente está representado simbolicamente pelo yang da sociedade. Por outras palavras, por um lado, no Ocidente está a simbologia do masculino, a dominação, posse, controlo, medo e clareza da razão herdada da modernidade, por outro lado, no oriente está a simbologia do feminino, as emoções, a cooperação, partilha, união, tranquilidade. Nas últimas décadas, tem-se assistido a uma espécie de fusão cultural de ambos. Se por um lado, no Oriente procura-se reproduzir as práticas sociais consumistas do Ocidente, por outro lado, o Ocidente reforça cada vez mais as práticas espirituais do Oriente. Um dos potenciadores desta mistura/fusão de culturas é, em parte, a globalização da informação através da internet. Por seu turno, o cariz da simbologia yin e yang é reforçado através de recriações nas práticas dos indivíduos e na difusão destes símbolos através das noções da espiritualidade propagandeadas pelos novos movimentos da Nova Era, tal como indica Xiberras.

"À l'aube de l'an 2000, on ne peut qu'observer le développement des «sectes» (Orde du Temple solaire, Église e scientologie, cultes sataniques divers), l'explosion d'une «nébuleuse ésotérique et mystique», ainsi que le renouveau en Occident d'anciennes religions (bouddhisme, islam et

---

<sup>6</sup> «<http://www.florijane.com/Antigo%20Site/yinyang.htm>»

christianisme) ou de pratiques telles que l'astrologie, la divination, la chiromancie... Mais si la spiritualité connaît un nouvel essor, fût-ce en ordre très dispersé, elle n'a plus qu'un très lointain rapport avec les drogues" (Xiberras, 2008, p. 72).

No Ocidente, estes movimentos têm fortalecido a sua expressão através de um dos seus principais traços: a fusão da influência oriental com a metafísica e o animismo, com fortes traços provenientes da cultura oriental. As ecovilas são disso expressão. Também no mercado económico a espiritualidade ganha ênfase mediante ganhos materiais resultantes da comercialização de livros alusivos ao tema, ainda pela abertura de novos espaços físicos como lojas e centros dedicados à espiritualidade. "A dimensão espiritual, mais ampla do que a religiosa, é um componente da cultura e se integra em um conjunto maior que está à disposição de todos nós" (Barros & Betto, 2009, p. 86).

Estaremos então perante um novo paradigma social e uma transmutação rumo a um novo equilíbrio social? Tudo indica um caminho nesse sentido. A Nova Era é, então, a espiritualidade expressa em "movimentos de afirmação do mundo" (Giddens, 2005, p. 444). Um novo paradigma social do qual já falamos, onde os relacionamentos se modificam gradualmente mas com o objetivo de estabelecer uma harmonia universal. No entanto, "Este equilíbrio nada tem de unanimista: ele é conflituoso, em tensão permanente, um equilíbrio enraizado" (Maffesoli, 2004, p. 42).

Para Maffesoli (2004), o paradoxo do bem e do mal coloca o poder económico em oposição ao movimento New Age, numa "postura de resistência" (2004, p. 34) que tem como objetivo "derrubar a ordem divina, com objetivos diabólicos" (2004, p.p. 34 - 35).

"Da astrologia às medicinas paralelas, constatamos a mesma preocupação popular: encontrar uma ordem interna, que tem seu próprio rigor, mas que se baseia na interação permanente do material com o imaterial. Correspondências, analogias, metáforas: são muitos os instrumentos que, utilizados neste sentido, insistem na sinergia, na complexidade dessa estrutura holística que vem a ser o indivíduo ligado ao outro humano, ao outro animal, ao outro natural." (Maffesoli, 2014, pp. 34-35)

Então, num mundo repleto de violência como convivem o mal e o bem? A sabedoria popular, tal como descreve Maffesoli (2004): "Na verdade reconhece que o anjo e a besta estão intimamente ligados, e que se um desses polos é demasiadamente



acentuado, o outro só pode ressurgir" (2004, pp. 42- 43). O que nos remete para o nosso conceito de yin e yang social e o seu significado simbólico: o equilíbrio.

Um equilíbrio social e das suas tensões que está na génese do conceito de yin e yang social. A espiritualidade emerge então como uma purga para o mal. Por um lado, prevalece a ambivalência da maldade que vem do passado, como na caça às bruxas na época medieval, a inquisição (*ibid.*, p. 41). Por outro lado, reemerge o sentido da luz no imaginário do espírito humano através das filosofias orientais e da ecosofia. Através de uma ecologia sensível, esta abordagem abre o caminho para uma abordagem que também renova a espiritualidade. Assim, a dualidade que separa as trevas e a luz sempre marcou a consciência ocidental, lembra Maffesoli (*ibid.*, p. 40).

"Toda a temática da emancipação moderna repousa nesta separação. O universalismo da filosofia do Iluminismo e sua mais recente manifestação, a lengalenga moralista contemporânea, derivam diretamente dela. A dialética matizada característica do pensamento grego, entre o pecado, factual e portanto superável, e a "poluição", estrutural e inelutável, ficou esquecida. E a partir deste corte radical que se elabora o conflito metafísico entre o bem e o mal". (Maffesoli, 2004, p. 40)

Neste sentido, a pós-modernidade pode ainda, em grande parte, ser caracterizada como a explosão de um enorme coletivo do indivíduo reprimido. O Yin social é a polaridade da psique humana da qual fazem parte as emoções consideradas demoníacas e do mal, ou seja, o lado feminino do ser humano, ridicularizado e condenado ao ostracismo durante séculos da história. A Natureza, entretanto, é eminentemente Yin, feminino. Mas a modernidade foi projetada contra a natureza: rejeitou-a, demonizou-a, desprezou-a, nomeadamente através das ideologias materialistas e consumistas amarradas ao capitalismo. Em geral, a parte feminina da humanidade foi degenerada e oprimida pela mentalidade moderna, desde o surgimento do monoteísmo e das sociedades patriarcais que são emanações diretas da polaridade da psique humana.

Na pós-modernidade, trata-se da gestão do mal. O reforço da espiritualidade surge como uma espécie de reparação do mal, indicando que pode haver um outro caminho. Isto configura um novo sentido a um mundo de violência. O processo de "subjativação" expresso em Foucault (1984) e que leva progressivamente a uma transformação individual e cósmica até à espiritualidade, na vivência da pós-modernidade. O pós-modernismo envolve a redescoberta pela humanidade assente na

procura de restaurar a harmonia perdida dos opostos, das polaridade yin e yang. Ao incluir os cuidados com a natureza fá-lo de uma forma que, logicamente, escancara a espiritualidade na pós-modernidade. Algo que é cíclico e histórico, tal como descreviam Manheim, Merton & Mills (1967).

"Se olharmos para a "relativização do pensamento teórico", de um ponto de vista sociológico e histórico, veremos que ele pode ser levado adiante de muitas maneiras, dependendo daquilo sobre que a entidade se assenta e de que se julga que o pensamento dependa; esse papel pode ser desempenhado pela consciência mística, pela religiosa, ou qualquer outro tipo de *gnosticismo*, ou por uma esfera empiricamente investigada, subsequentemente, hipostasiada como realidade última, tal como a esfera social ou biológica. Em todos esses casos, o fator de que se julga que o pensamento dependa contrasta-se com ele como "Existência", e o contraste entre "Pensamento" e "Existência" é resolvido filosoficamente de acordo com o modelo da Filosofia grega. Na maior parte desses sistemas, a "Existência" aparece como um todo, em contraste com o "Pensamento", meramente parcial; e costuma-se acreditar que, para se apossar da realidade, se necessita de um órgão supra-racional (i. e., intuição) ou de uma forma mais elevada de cognição (i. e., o conhecimento dialético, em contraposição ao conhecimento refletivo)". (Manheim, Merton & Mills, (1967), p. 18)

A imaginação humana coloca o Ocidente perante um cosmos simbólico que traduz a felicidade do homem e o leva a concretizar um movimento idêntico ao "cogito do sonhador" presente no fenómeno "simbolista", descrito por Gilbert Durand (1993, p. 66). Este processo "nunca é vazio, nunca é puro, nunca é nirvana sonolento", pois "os símbolos do mundo reconduzem o microcosmos, o cogito - coração do microcosmos humano", isto é, "o interior do ser" (Durand, 1993, p. 66 - 67). A *anima* é o símbolo da Mãe de todos os símbolos das fantasias humanas, escreve Durand (1993). A *animus* é o oposto que impede a alienação como "solipsismo" (1993, p. 68) gnosiológico, metafísico e moral.

Trata-se então de "repousar as tensões sociais num acordo tensional, numa harmonia conflituosa entre o instinto animal e as limitações objetivas, sejam naturais, culturais ou sociais" (Maffesoli, 2004, p. 42).

Maffesoli é um dos autores que melhor corrobora desta visão de contenção da polaridade entre o yin e o yang social, afinal, os homens agem mais emocionalmente para conter o racional. A relação de dominação entre o indivíduo e o mundo da modernidade está ultrapassada e na pós-modernidade encaramos, enquanto sociedade

global, aquilo que Maffesoli (2009) considera ser um processo de recriação e de conciliação com este mesmo mundo, reavivando o yin social no Ocidente que é yang social. Trata-se de uma forma estrutural da realidade social para considerar o desencantamento do mundo como um processo que está a culminar. A pós-modernidade surge como um re-encantamento pelas emoções, como uma força de ressuscita fruto do desencantamento do material. A propósito Rabot (2015) escreve:

"Cette force est purement symbolique et se manifeste sans même que l'on soupçonne sa présence. Le rapport de l'homme au monde est donc fondé sur quelque chose d'immatériel qui ne laisse pourtant pas d'être réel, sur ce que Michel Maffesoli nomme l'« imaginaire social ». Cet imaginaire nous permet de comprendre que ce qui relie les hommes entre eux n'est pas un dessein rationnel, de type contractuel ou conventionnel, mais un ensemble diffus de sentiments, de passions. Ces derniers se manifestent certes dans les moments paroxystiques, comme la Révolution française, dont même les plus dogmatiques des révolutionnaires ont dû reconnaître le caractère festif et sacré, comme le souligne Mona Ozouf, en ajoutant que ces transgressions festives ont « le mérite de faire apparaître l'emmêlement nécessaire, pour une sensibilité inchangée, de la cérémonie religieuse avec l'acte social », mais ils se manifestent aussi dans les moments plus discrets et anodins de la vie quotidienne, sous la forme du préjugé et du bon sens". (Rabot, 2015, p. 33)

O valor das coisas é transformado a partir do momento em que sacrificar, hoje, implica tentar viver um futuro melhor, segundo Maffesoli (2010). A atitude de sacrifício resgata em si a ideia de salvação espiritual, segundo o autor. No passado, os calvinistas, especialmente os puritanos dos Estados Unidos partilham o mesmo sonho: construir a cidade de Deus, mas só que ao invés de projeta-lo para o céu, foi projetado sobre a Terra, abrindo assim a possibilidade de, na Terra, um dia, se testar a doçura do céu<sup>7</sup>. E "esta sensibilidade atribui simplesmente à presença das coisas, a presença de vida", diz Maffesoli (2010, p. 102).

Da separação para a integração, a visão holística tradicional do mundo reencontra a sua força no pós-modernismo para se libertar da rigidez da mentalidade da modernidade. Quando uma coisa chega a um certo limite, é inevitável uma mudança em direção oposta.

---

<sup>7</sup> Arriaga Martínez, Rafael. (2014). De Max Weber a Michel Maffesoli: inmigración, reencantamiento del mundo y politeísmo de valores en Estados Unidos. *Culturales*, 2(2), 179-209. Consultado em 30 de maio, 2016, de [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-11912014000200008&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-11912014000200008&lng=es&tlng=es)

Assim, a procura dos indivíduos para concretizar a sua viagem interior e a obtenção de respostas para a espiritualidade faz com que aumente o número de espaços dedicados às novas formas de representação espiritual de forma muito peculiar na última década. De facto, é visível um aumento no número de espaços físicos dedicado à esfera holística da vida, sobretudo nas cidades, onde conciliam as terapias alternativas com a medicina tradicional. Um sinal claro da eclosão de novas formas de vivência do espiritual. Se existem é porque claramente de igual modo existe um mercado consumidor.

Alguns autores tentam explicar este fenómeno pela explosão tecnológica que desencadeou uma proliferação de livros, de filmes, de séries televisivas de reportagens e de páginas na internet sobre o tema. Todavia, estarmos perante um "período de mudança baseado na relativização dos valores" do qual fala Maffesoli (2004, p. 31). Esta tem sido a evidência empírica mais óbvia para demonstrar que algo está a mudar profundamente no sentir social a partir da espiritualidade. Partimos de um "ponto de mutação" para a compreensão destes processos de mudanças evolutivas, pois "não podem ser impedidas por atividades políticas a curto prazo" o que facilita a "mais robusta esperança para o futuro" (Capra, 1982, p. 397). Capra menciona um declínio inevitável do paradigma velho. Os padrões da cultura dominante "acabarão por desintegrar-se, ao mesmo tempo que a cultura nascente continuará ascendendo e assumirá finalmente seu papel de liderança" (Capra, 1982, p. 397). Esta ideia vai de encontro a Giddens (2005) quando menciona que as religiões estão a perder influência nas diversas esferas da vida social, um processo explicado na tese da secularização (Giddens, 2005, p. 437).

O processo de secularização não implica a laicização mas antes um movimento de deslocação social para a espiritualidade, ou seja, um movimento à escala global para uma reconfiguração da vivência de tudo aquilo que é e representa a espiritualidade socialmente.

Perante um paradigma em mudança e se, ao longo dos séculos, as religiões moldaram e "re"moldaram ainda os modos de pensar dos indivíduos (Giddens, 2005, p. 432), então seria pertinente compreender quais as mudanças que a espiritualidade promove perante a experiência, "não uma *eficiência* externa, mas uma *eficácia* interna" conforme indica Maffesoli (2004, p. 32).

A propósito, lembramos as palavras de Boff (1999) quando explica a crise atual das religiões com a ausência da experiência do mistério profunda de Deus (1999, p. 17). A experiência do mistério está associada ao significado de mística desenvolvido por

Boff (*ibid.*, p. 13), a mesma que faz parte da dimensão da vida do ser humano segundo o autor.

Em Portugal, no período anterior ao regime democrático, não havia quase informação sobre a espiritualidade, basicamente ela era veiculada pelas religiões tradicionais, sobretudo, a Igreja Católica. Por outro lado, historicamente o 25 de Abril de 1974 marcou um salto brutal no acesso à informação, por conseguinte à aprendizagem. O aparecimento das novas tecnologias, em pleno contexto de liberdade democrática, fez da espiritualidade um assunto cada vez mais debatido socialmente, uma vez que o acesso à informação passou a ser muito mais livre. Estudos recentes revelam que, de certo modo, a liberdade de expressão serviu de trampolim para o reconhecimento da percepção de que a vivência e o sentir espiritual cresceram sempre mergulhados no caldo cultural da religião dominante, a Igreja Católica, sem a manifestação de respostas concretas que satisfizessem a curiosidade.

O tecido social tem revelado cada vez mais a existência de evidências que constata a vivência da espiritualidade fora do espaço físico sagrado da religião, como "variedades da experiência religiosa do espaço" (Eliade, 2006, p. 74). Em culturas e épocas diferentes, tal como descreve Elias, o sujeito religioso sempre valorizou a experiência do transcendente de formas diferentes (2006, p. 75). No pós-modernismo, diversos autores, como Giddens, atribuem significado ao diferente modo de expressão esse sentido místico como fazendo parte de uma clara insatisfação pelos dogmas da religião dominante, repetidamente classificado como um sistema quase obrigatório e imposto que afasta os sujeitos da espiritualidade. Elias (2206) refere mesmo que: "[...] a vida religiosa da humanidade, realizando-se na história, as suas expressões são fatalmente condicionadas pelos múltiplos momentos históricos e estilos culturais" (*ibid.*, p. 75). E nesse contexto, existem fortes evidências de que este fenómeno da espiritualidade não é exclusivo de Portugal. Um dos sinais mais claros dessa nova vivência do transcendente é a proliferação de informação que circula pelos meios de informação, sobretudo pela internet. um fenómeno social fortemente visível em todas as sociedades ocidentais. A transculturalidade de hoje facilita a troca de produtos e subprodutos culturais desde o oriente ao ocidente.

A experiência existencial dos indivíduos inclui infinitas possibilidades de ação e modelos de comportamento específicos inerentes ao contexto das vivências culturais. Deste modo, é possível aceder aos diferentes cenários histórico-sociais que permitem explicações de significados específicos de representações sociais de ampla

complexidade (Crespi, 1987, p. 23). Perante este contexto, será que podemos falar da existência de um Yin social proveniente do Oriente que mostra fortes evidências de estar a conquistar espaço geográfico naquilo que poderá ser o Yang social do oriente. Estaremos perante uma fusão metacultural?

## 1.6. O meta padrão cultural e a New Age

Algumas teorias vêm nos novos movimentos espirituais uma reação à secularização, como um desvínculo das igrejas e dos seus rituais considerados desprovidos de "sentido espiritual" (Giddens, 2005, p. 444).

O novo perfil de práticas fez com que diversos investigadores falassem no retorno da religião. Deste novo caldo social espiritual nasce a “Nova Era”, uma designação que deriva do termo inglês «New Age». As novas práticas da espiritualidade permitem ao sujeito deslocar o lugar do religioso dos espaços consagrados aos rituais, como as igrejas, para o "espaço" dentro de si próprio, transformado num indivíduo-espaço-sagrado. Deste modo, a espiritualidade renova-se, de forma reorganizada, para o espaço sagrado que é o próprio "*eu*" e reúne os indivíduos em torno das suas crenças.

Nesse sentido, a vivência de uma dita nova espiritualidade pautada na sacralização do próprio indivíduo não parece acontecer ao acaso. Leonardo Boff (2008) entende que a universalidade do movimento se deve à evolução própria da Humanidade para cumprir a lógica sequencial de "ordem-desordem-interação-organização-criação" (Boff, 2008, p. 152), de que falava Edgar Morin. Oriundo do passado, o movimento New Age cumpre-se no presente e abre-se para o futuro, como uma totalidade orgânica imparável que se movimenta por vários terrenos micro e macro físicos, e repleta de conexões entre os indivíduos, o planeta e o universo (*ibid.*).

A teoria sistémica de Bateson (1979) explica em certo modo como é que as sociedades chegam à mudança social através das reconfigurações individuais dos modelos de interação social. Bateson (1979) descreve como modelo básico da interação social a unidade mínima de interação que apresenta três elementos: estímulo, reação e o

reforço (Bateson, 1979, p. 142). Para o autor, a reação implica ser o reforço do estímulo, o reforço é o "reforço" da reação, a reação reforça o estímulo (*ibid.*). E, assim, se processa a mecânica de todos os relacionamentos (*ibid.*).

Este modelo de Bateson (1979) explica porque é que na interação social os indivíduos conseguem relacionam-se apenas pelos comportamentos que apresentam na relação que estabelecem entre si, por exemplo. Se a relação evoluiu para "novos contextos de ação" (*ibid.*) que conferem novos padrões de interação dentro do sistema da relação, a mudança sofre uma "evolução de ajustamento" na relação dos indivíduos (*ibid.*). Ora, se a cultura também é feita das experiências dos indivíduos então ela também se transforma sempre que se alteram as condições histórico-ambientais ou nascem novas exigências individuais ou coletivas, conforme sugere Crespi (1987):

"[...] a cultura deve adaptar as suas próprias interpretações e reformular as suas próprias respostas, fornecendo novos significados mais adequados às exigências do momento. Isso explica a razão pela qual a cultura já não consegue reproduzir o automatismo do determinismo biológico, ainda que tenda a *absolutizar* as suas formas expressivas e as suas regras, até ao ponto de quase se transformar numa segunda *natureza*". (Crespi, 1987, p. 23)

Conforme descreve Medeiros (2007), qualquer interpretação está sempre vinculada a experiências vividas no quotidiano e relacionadas com os vínculos sociais, geracionais, de género e formação intelectual de cada sujeito (Medeiros, 2007).

As representações sociais de cada indivíduo, seja qual o contexto situacional no qual são manifestadas, resultam do habitus (Bourdieu, 2008). "[...] é o que se adquiriu, mas encarnou de modo duradouro no corpo como forma de disposições permanentes [...]" (Bourdieu, 2003, p. 140). Resultam do caldo cultural em que o indivíduo nasce.

Mas as relações fazem parte de um meta padrão (Bateson, 1979), já acima descrito. Nessa linha de ideias, a configuração social é um "padrão mutável" com uma "existência própria" objetivada pelas expressões, pelas ações e pelo intelecto dos indivíduos que estão numa dada relação de interdependência, tal como o exemplo descrito por Elias (1999, p. 142), um jogo de cartas, para exprimir o seu conceito de configuração social.

"[...] uma configuração é uma estrutura de jogo que pode ter uma hierarquia de várias relações de «eu» e «ele», «nós» ou «eles» [...]" (Elias, 1999, p. 142).

O processo de configuração implica "[...] um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração [...]" (Elias, 1999, p. 143).

Assim, extrapolando para a vivência em sociedade, a configuração social é tão concreta quanto a configuração intelectual de cada indivíduo nela incluída (Elias, 1999, p.p. 142 - 143). E sem interdependência não existe configuração social, "quer sejam aliados ou adversários" (Elias, 1999, p. 142).

"Os seres humanos criam um cosmos especial próprio dentro do cosmo natural, e o fazem em virtude de um relaxamento dos mecanismos naturais automáticos na administração de sua vida comum. Juntos, eles compõem um continuum sócio-histórico em que cada pessoa cresce - como participante - a partir de determinado ponto. O que move e compromete o indivíduo dentro desse cosmo humano, e lhe confere todo o alcance de sua vida não são os reflexos de sua natureza animal, mas a inerradicável vinculação entre os seus desejos e comportamentos e os das outras pessoas, dos vivos, dos mortos e até, em certo sentido, dos que ainda não nasceram - em suma, a sua dependência dos outros e a dependência que os outros têm dele, as funções dos outros para ele e as suas funções para os outros". (Elias, 1990, p. 36)

A configuração social manifesta-se, assim, no espaço social através do sistema de relações (Fernandes, 1992).

"É a sociedade que produz o espaço social através da apropriação da natureza, da divisão do trabalho e da diferenciação. O próprio espaço físico é também construção do imaginário individual e coletivo. Pode dizer-se que a relação com o meio ambiente é mediatizada por representações. Existe aqui uma circularidade: constrói-se como se representa e representa-se como se constrói" (Fernandes, 1992, p. 62).

Conforme descreve Elias (1999), os indivíduos estão "[...] continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras [...]" (Elias, 1999, p.p. 22 - 23).



Deste modo, poder-se-á afirmar que a cultura se "remolda" consoante se reconfiguram as identidades, as percepções e as interações sociais. Se os atos dos indivíduos são condicionados pela percepção do comportamento do outro, então a interação social traduz sempre uma ação com reflexo social (Watzlavick, Beavin e Jackson, 2000).

Estas relações fazem parte de uma meta padrão descrito por Bateson (1979, p. 19), ao qual todos os seres vivos estão ligados. A visão do autor define meta padrão como o "padrão dos padrões". "Ele é aquele meta padrão que define a vasta generalização que, aliás, são padrões que ligam [...]" (Bateson, 1979, p. 20). Ora, os padrões associados ao meta padrão são superficialmente estáticos pois registam alterações regulares (Bateson, 1979, p.p. 20 - 21). O meta padrão estabelece comparações das comparações já anteriormente feitas nos padrões a ele ligados (Bateson, 1979, p. 129) mediante a descodificação de mensagens que provêm da meta mensagem, inseridas numa lógica diferente da original (Bateson, 1979, p. 124). É necessária a adaptação dos indivíduos a esse contexto para posteriormente ser generalizado na mente.

Assim sendo, poderemos explicar o florescimento dos novos movimentos religiosos com "o fato de que um certo número de pessoas, graças à elevação de um certo nível de instrução, tiveram condição de ter acesso pessoalmente à produção cultural, à autogestão espiritual [...]" (Bourdieu, 2004, p. 124).

É neste caldo de comunicabilidade que se pode extrapolar o papel e o contributo da informação para o processo de socialização e para a formação de novas percepções que ajudam à mudança cultural. Para Maffesoli (2004) é "[...] a sinergia de fenómenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico [...]" (Maffesoli, 2004, p. 21). Segundo o sociólogo francês, a pós-modernidade traz consigo a socialidade em vez da estrutura social formada por grupos, que é um movimento de massas formado pela lógica das experiências e das emoções no qual os indivíduos procuram o sentido estético da vida na partilha pela partilha da "faculdade comum de sentir, de experimentar" (Maffesoli, 2000, p. 105), num estar junto apenas por estarem juntos, sem ideologias ou fim comum.

Aplicando ao contexto desta pesquisa, os movimentos sociais da nova era surgem aqui como agentes de socialização para os indivíduos. E, apesar de se nascer imerso numa cultura própria, isso não quer dizer que não sejam capazes de manter a sua individualidade e livre-arbítrio (Giddens, 2005, p. 43).

A espiritualidade moderna contradiz o enfraquecimento dos relacionamentos e reafirma o fortalecimento dos laços sociais, porque os indivíduos reproduzem a necessidade de procurarem e se adaptarem a novos contextos de interação social, ajustando em cada contexto a identidade que apresentam perante os outros (Giddens, 1991, p. 42).

O objetivo é atingir uma maior liberdade de expressão para romper com o processo individual de conformismo social (Castells, 1999, p. 385).

Se a espiritualidade implica olhar tudo como uno, então a ideia de uma nova cultura a partir da perspectiva da espiritualidade aqui exposta segue uma lógica de cultura cujo padrão de união, ou meta padrão, se inscreve também na lógica das identidades, práticas, representações, atitudes e crenças dos indivíduos, por exemplo. Logo, poderemos também falar do pensamento metafísico em Habermas (1990). Ao refletir sobre o aparecimento de uma nova metafísica, o sociólogo e filósofo alemão sugere "[...] uma metafísica que tenta afirmar-se na linha pós-kantiana, ou que se apressa em retroceder atrás da dialética transcendental [...]" (Habermas, 1990, p. 37). Para Habermas, os movimentos sociais da nova era devem "ser levados mais a sério". Pois, preenchem "[...] lacunas deixadas pela perda do uno e do todo através da invocação abstrata da autoridade de um sistema científico cada vez menos transparente [...]" (Habermas, 1990, p. 38).

Na nova cosmologia (Newnum, 1994), a realidade é vista como uma teia de verdades, a revelação não é algo feito mas antes manifestações da vida que se movimentam.

Antes do aparecimento das novas tecnologias, Luckmann (1973) aludia que a modernidade estava a provocar a conversão da identidade pessoal para um fenómeno privado (1973, p. 108). Após o advento da internet e a globalização, as teorias começaram a apontar para um caminho oposto e a formação de uma "celebração móvel" (Hall, 2006, pp. 11-12).

Para Capra (1982), os movimentos da Nova Era "representam a cultura nascente, que agora está pronta para passar à era solar" (Capra, 1982, p. 397). A modificação de paradigma parece ser um fato incontornável e arrasta consigo esta nova forma de viver e sentir a espiritualidade, apesar do declínio e das resistências da cultura dominante recusar esta mudança, presa de forma rígida às suas "ideias obsoletas e as instituições sociais dominantes" que "tampouco cederão seus papéis de protagonistas às novas forças culturais" (Capra, 1982, p. 397).

Capra (1982) acredita que o "ponto de mutação" está na compreensão destes processos de mudanças evolutivas, pois "não podem ser impedidas por atividades políticas a curto prazo" o que facilita a "mais robusta esperança para o futuro" (Capra, 1982, p. 397).

A "espiritualidade do eu" (Giddens, 2005, p. 444). A Nova Era é, então, a espiritualidade expressa em "movimentos de afirmação do mundo" (Giddens, 2005, p. 444). Um novo paradigma social no qual os relacionamentos se modificam gradualmente mas com o objetivo de estabelecer uma harmonia universal.

Atualmente, a espiritualidade tem maior ênfase devido ao seu carácter agregador social. O processo de mudança cultural é gradual e conduz a importantes mudanças na configuração social. Com o desenvolvimento tecnológico, a internet assumiu um papel importante na difusão da informação acerca dos novos movimentos sociais Nova Era. Ao mesmo tempo disponibilizou à escala planetária os conteúdos e ideias desses movimentos, desencadeando um movimento mais amplo da Nova Era. Deste modo, processam-se reconfigurações identitárias coletivas e individuais.

A alteração na configuração social é constatada teoricamente (Giddens, Bateson, Elias, entre outros).

O nosso estudo leva-nos a concluir que nessa lógica de mudança de paradigma, estabelece-se na sociedade ocidental transformações culturais através do elemento feminino, mais simbolicamente "*anima*", coerente com a nossa noção de yin social. As novas tecnologias apoiam a mudança para um paradigma assente na vivência da fé, na forma como as sociedades representam a espiritualidade. Simbolicamente, o equilíbrio entre *yan* e *yin*, defendido por estes movimentos sociais da Nova Era, é um processo transformativo que pode demorar porque a transformação social é também gradual, no entanto suscitando já mudanças culturais.

## **1.7. Formas da nova cultura espiritualizada e a "re"Cocriação na New Age**

Atingir uma espiritualidade da cultura quotidiana associada a uma responsabilidade social, será isso um dia possível? As novas formas de conduzir a humanidade ao seu lado mais espiritual têm revelado princípios básicos assentes nessa

busca permanente de um suposto encontro com Deus, com o cosmos, propondo a quem procura esse caminho o início de uma jornada de transformação pessoal interior, individual, através do autoconhecimento, de uma limpeza de emoções e sentimentos. O suposto é atingir uma cura pessoal. Defendem um profundo olhar do indivíduo para o seu interior. Esse íntimo espiritual deve ser sentido e vivido nas pequenas coisas do dia-a-dia, nos pequenos gestos, nas conversas com os outros. Daí, qualquer sujeito se apresenta capaz de cocriar a sua vida.

Em certa medida, o individualismo reinventa-se através da espiritualidade dos tempos deste novo século. Ou seja, revela-se na espiritualidade voltada para si próprio, na busca do seu “eu” interno, na procura da essência de si mesmo. Ao mesmo tempo ele desabrocha de novo para o mundo e para o cosmos, o sentido da partilha, da fusão e, em particular, da união. Os movimentos espirituais da *New Age* rejeitam nas suas práticas o simbolismo dos rituais e das hierarquias do modelo cultural das religiões. Adotam, isso sim, todos os sentidos e símbolos reproduzidos pela cultura espiritual oriental. É deste modo, por exemplo, que a cocriação surge conceito repleto de sentidos, como exemplo de exaltação da busca por uma espiritualidade simbolicamente individual e que se “re”cocria socialmente. Deste modo, importa antes de mais, olhar a definição de cocriação mais consensual entre os movimentos espirituais e que é a seguinte:

"Co-criar é um poder que todos temos, e que tem a função (objetivo) de garantir que todas as experiências que você realmente deseje ter, consiga ter. Isto é, garante que você possa SER, TER e FAZER tudo o que você desejar. É baseada em uma lei universal chamada Lei da Atração. É chamada de “co-criação” porque você não cria sozinho(a), mas sim com a ajuda de uma força universal”<sup>8</sup>.

O conceito de cocriação não é recente. Inicialmente introduzido pelos movimentos sociais da Nova Era, na década de setenta do século XX, a ideia de cocriação foi adotada e aplicada à estratégia de marketing só muito mais tarde, em 2010.

"A cocriação é um termo cunhado C.K. Prahalad que descreve a nova abordagem à inovação. Prahalad e Krishnan em A Nova Era da Inovação observam as novas formas de criação de um produto e a experiência

---

<sup>8</sup> Autor: Lucy Sem Fronteiras - Artigo original do Blog Amor e Paz Sem Fronteiras:  
« <http://www.amorepazsemfronteiras.com/p/curso-completo-de-co-criacao.html#ixzz3LzQ2yGC9> »

através da colaboração de empresas, consumidores, fornecedores e parceiros de canais interligados numa rede de inovação. Uma experiência é um produto e nunca a experiência com o produto por si só. É a acumulação de experiências individuais de consumo que cria mais valor para o produto. Quando os consumidores individuais experimentam o produto, eles personalizam a experiência de acordo com as suas próprias e únicas necessidades e desejos. Observamos três processos-chave de cocriação. Primeiro, as empresas devem criar o que chamamos de uma "plataforma", que é um produto genérico que pode ser personalizado ainda mais. Em segundo lugar, deixem os consumidores individuais dentro de uma rede personalizada da plataforma, para combinarem o produto com suas próprias identidades únicas. Finalmente, pedir o feedback dos consumidores e enriquecer a plataforma, incorporando todos os esforços de personalização efetuadas pela rede de consumidores". (Kotler, 2010, pp. 32-33)

Esta prática é atualmente comum na abordagem de aos consumidores e é a forma como as empresas mais tiram proveito da cocriação junto do indivíduo/consumidor.

Kotler (2010), uma das maiores referências do «mundo» do marketing, introduz a espiritualidade como perspetiva a ser incluída nos meios de publicidade quando lança no mercado global aquilo que viria a ser considerada a «bíblia» do marketing, isto é, o livro *Marketing 3.0 - From products to customer to the human spirit*<sup>9</sup>. A partir daí, o conceito cocriação passa a figurar na performatividade da publicidade, introduzindo progressivamente a carga simbólica da espiritualidade no meio publicitário. Para Kotler (2010), o marketing também atravessa uma nova era para responder de forma sofisticada às exigências dos consumidores, porque é a época em que as práticas são muito influenciadas por mudanças no consumidor, quer no comportamento quer na atitude, pois são mais colaborativas, cultural, espiritual e solicitam novas abordagens na comercialização (Kotler, 2010, p. 21).

Deste modo, a simbologia da cocriação começa a estar cada vez mais presente nos mais variados aspetos da sociedade. Por abdução, o conceito de cocriação que é profundamente espiritual passa a incluir e a envolver a participação dos indivíduos na elaboração de produtos comerciais, feitos à medida do consumidor.

Em bom modo será o "retorno daquilo que julgávamos ultrapassado" (Maffesoli, 2004, p. 13) dando azo a novas formas de produtos da nova cultura *New Age*.

---

<sup>9</sup> Kotler, Philip. (2010). *Marketing 3.0 - From products to customer to the human spirit*. New Jersey: John & Sons, Inc

## 1.8. Rumo a uma nova metacultura?

A forma como os indivíduos se articulam com a sociedade reproduz os sentidos, categorias e simbologias da estrutura social, suscitando reconfigurações e reconstruções sociais que também espelham o seu próprio contexto histórico e cultural.

Em certa medida, poderemos falar da proliferação de movimentos de contra-culturas provenientes de sub-culturas que se foram instalando em Portugal e na cultura dominante portuguesa: a cultura judaico-cristã. Os vários produtos e subprodutos que estas sub-culturas introduzem nas práticas dos indivíduos sugerem que há um campo de forças dinâmico que promove uma mudança social, mesmo que esta seja aparentemente uma luta simbólica e lenta.

As definições culturais destes grupos minoritários, tais como budistas, tibetanos, taoístas, reikianos ou espíritas, criam novas identificações identitárias na sociedade ao utilizarem os instrumentos de poder que detêm, ou seja, a doutrina e as filosofias às quais estão ligadas desde a sua génese, para conseguirem ter a capacidade de produzir discursos e sentidos nos indivíduos que nunca anteriormente devidamente elucidados pela cultura dominante, a cultura judaico-cristã.

Bauman (2007) recorda Bourdieu quando refere que as ofertas culturais promovem ainda mais uma clivagem de classe (distinção social) quando são dirigidas a determinadas classes sociais e selecionadas pela classe (Bauman, 2007, p. 13). A obra de arte constituiria, portanto, um veículo de distinção e divisão social entre as massas e a dita cultura erudita acedida aos intelectuais da sociedade. A cultura seria "uma força socialmente conservadora" (Bauman, 2007, p. 14).

Bauman (2007) aponta uma ideia de cultura que reflete como um instrumento de produção de sentidos repleto de ambivalência:

"A ambiguidade que importa, a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o habitat humano como o "mundo da cultura", é entre "criatividade" e "regulação normativa". As duas ideias não poderiam ser mais distintas, mas ambas estão presentes – e devem continuar – na ideia compósita de "cultura", que significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcendê-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível. A ambivalência central do conceito de "cultura" reflete a ambiguidade da

ideia de construção da ordem, esse ponto focal de toda a existência moderna." (Bauman, 2007, p.p. 13 - 14)

A globalização como nova forma de interação social é também uma nova forma de fusão cultural. A interdependência do planeta transmite a consciência dessa globalidade, encolhendo as distâncias quer geográficas quer culturais. Deste modo e à luz deste novo paradigma social, será que se pode falar da globalização cultural enquanto metacultura globalizante?

Aparentemente não, devido à preservação das sub-culturas e dos interesses, por exemplo, de cada estado-nação. Mas há que ter em consideração o fato da globalização permitir a partilha das práticas sociais das culturas orientais que emergem em movimentos espiritualistas em Portugal. Não se trata propriamente de desterritorialização da cultura judaico-cristã, mas antes a introdução no imaginário português das ideias, personagens e linguagens que circulam pelo mundo e as quais também fazem parte da cultura global. É neste sentido que podemos dar uma orientação à nossa noção de metacultura espiritual.

Alguns sinais evidentes da reprodução da metacultura espiritual são os próprios produtos culturais que aparecem com a simbologia da espiritualidade, reproduzindo os sentidos dessas mesmas visões filosóficas e doutrinárias das culturas orientais em plena cultura pós-moderna ocidentalizada.

A interação social promove ajustamentos dos padrões individuais e consequentes adaptações ao meta-padrão implícito nesta pesquisa, ou seja, a espiritualidade. Esta adaptação é, em princípio, uma transferência da aprendizagem anterior" (Bateson, 1979, p. 23) e que se difunde por via de mensagens e meta mensagens.

Como a configuração social é um padrão móvel e objetivada pelas expressões, ações e pelo intelecto, os indivíduos que estão nas relações de interdependência social aqui descritas vão estabelecendo um novo "equilíbrio" na estrutura social (Elias, 1999, p. 143). O conhecimento dos indivíduos é adquirido pelas experiências (Medeiros, 2007). Essas experiências estão sujeitas a representações sociais que são manifestadas socialmente como "formas de disposições permanentes" (Bourdieu, 2003, p. 140) dos indivíduos.

Deste modo, as sociedades pós-modernas são multiculturais em si mesmas, abrangendo uma multiplicidade de variadas formas de vida e estilos de vida (Welsch,

1999, p. 2). Apesar das diferenças verticais na sociedade, não exibem qualquer denominador comum. Segundo Welsch (1999), o conceito de interculturalidade reage contra a concepção clássica da cultura como ideia de cultura como esferas isoladas na sociedade. Por outro lado, o conceito de multiculturalidade apresenta condicionamentos semelhantes, mas mistura culturas diferentes numa só sociedade coabitando por entre oportunidades de tolerância e compreensão, tal como se de esferas (ilhas) diferentes se tratassem. Assim, o conceito de transculturalidade Welsch (1999) enquadra-se na definição de cultura sobre a qual discorreremos nesta pesquisa. A transculturalidade é o resultado da distinção interna e da complexidade das culturas modernas (Welsch, 1999, p. 5). Deste modo, o processo de mudança abraça todos os modos de vida e culturas, "extremamente interligadas e enredadas umas nas outras" (Welsch, 1999, p.p. 5-6). Esta transformação apresenta-se na forma de uma cultura híbrida através dos indivíduos e de uma rede externa de culturas, onde "Os estilos de vida já não se limitam às fronteiras das culturas nacionais, mas vão além destes, encontram-se do mesmo modo em outras culturas" (Welsch, 1999, p.p. 5-6). A grande rede virtual da *World Wide Web* é, em parte, a responsável pela transfiguração cultural disponível em todo o planeta. "Está tudo ao nosso alcance" (Welsch, 1999, p. 6). Então, estaremos nós, pós-modernos, já mergulhados na cultura do novo paradigma?





## **2. Metodologia**

### **2.1. Os métodos: hipotético-dedutivo e arquetipológico**

A lógica de investigação neste modelo é dominada pelo método hipotético-dedutivo. Este estudo pretende ser um contributo para a explicação de mudança de paradigma social e cultural através da espiritualidade, perante evidências cada vez mais significativas que nos levam a crer que existe uma deslocação de crenças, atitudes e sentidos, quer individualmente quer coletivamente. Nesta investigação pretendemos saber o que os indivíduos procuram na nova espiritualidade dos movimentos New Age e como esta promove novos relacionamentos consigo mesmo, com o outro e com a Natureza, desencadeando novas práticas e representações sociais.

Nesse sentido, perante as evidências da presença de novas espiritualidades, estaremos, nós, pós-modernos, então perante um novo paradigma social e cultural? Deste modo, será que podemos falar da existência de um Yin social proveniente do Oriente que mostra fortes evidências de estar a conquistar espaço geográfico naquilo que poderá ser o Yan social do Oriente? E se sim, poderemos estar a presenciar o princípio de uma fusão ao nível metacultural? Ou então, estaremos já mergulhados na cultura do novo paradigma? Estas são as questões de partida que nos levam a discorrer sobre a temática, controversa, sabemos. Contudo, as evidências são demasiado fortes para serem ignoradas, sobretudo, ao nível cultural e nas formas em que ela, a nova espiritualidade, se apresenta hoje. Falamos da presença de filmes, de publicidades, da existência de espaços e de práticas cada vez mais orientadas pelas filosofias orientais e da deslocação dessas práticas para espaços não habituais na sociedade, como por exemplo, os estabelecimentos de ensino.

A escolha do método hipotético-dedutivo explica-se construção de conjecturas baseada nas hipóteses. Este tipo de método fornece o problema geral da investigação, que no caso se aplica à mudança de paradigma cultural através da perspectiva da espiritualidade, "isola o objeto a ser estudado", a nova cultura espiritualizada da pós-modernidade. As hipóteses sendo verdadeiras indicam que as conjecturas também o

serão. Para tal, este método obriga à submissão das hipóteses em estudo a testes e à crítica intersubjetiva, assim como ao controle mútuo pela discussão crítica.

O recurso ao método arquetipológico da mitocrítica e da mitoanálise (Durand, 1996) revela pertinência na nossa pesquisa sociológica, devido à "«oportunidade» histórica" relativamente ao nosso objeto de estudo (Durand, 1996, p. 146). A espiritualidade na pós-modernidade permite verificar a "existência de uma natureza humana específica", tal como indica Durand (1996, p. 146). Assim:

"Sempre que um «novo espírito científico» se manifestou - e o espírito científico é sempre *novo*, senão o espírito não passa de um arrazoado escolástico - o confronto intelectual insurgiu-se contra aqueles que, «fora do círculo», parecem impedir que as coisas se processem sossegadamente. Mas quando uma revolução epistemológica se vem abater nas margens da antropologia - o que significa que, mais cedo ou mais tarde, toca na moral, nos costumes, nos critérios de verdade, na religião... - a efervescência indignada dos letrados é mais viva. É exatamente o que sucede com o nosso arquetipológico, esse crime de lesa majestade mítico constituído pela proclamação de «estruturas antropológicas» para a totalidade das representações do *sapiens sapiens*" (Durand, 1996, p. 147).

Na sociologia a aplicação deste método traduz -se como uma solução que, "não deixando nada de fora" (1996, p. 150), conduz a uma eficácia heurística, um processo simplificador das mudanças em curso.

## **2.2. Pertinência da pesquisa qualitativa**

A opção pela pesquisa qualitativa permite-nos interpretações sociológicas dos objetivos de estudo pretendidos. Além de gerarem conjecturas possíveis sobre a realidade, também permitem o confronto dos fenómenos através da observação e/ou experiências. Este método de análise qualitativa revelou-se o mais adequado em virtude dos objetivos propostos, pois permite a pesquisa em profundidade sobre o objeto empírico, traduz uma maior riqueza na investigação e um conhecimento exaustivo sobre a questão em estudo.

A primeira etapa desta investigação iniciou em 2004. Fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre este tema de forma a fundamentar teoricamente este estudo. Procedemos ainda à pesquisa documental em de links na internet.

Tendo em consideração a "imersão" pesquisador no campo de pesquisa qualitativa (Rey, 2005, p. 81), durante o período de tempo da primeira fase da investigação foi privilegiada a obtenção de informação mediante as técnicas de investigação centradas na observação participante em centros espíritas, reuniões de reikianos, retiros e eventos que envolveram a participação de novas práticas tais como a meditação, a yoga e o recurso a taças tibetanas em sessões de relaxamento. O principal foco visou a obtenção de informação sobre as modalidades de transmissão de saberes técnicos e práticas de obtenção e de transmissão de conhecimento espiritual, quer através das experiências do quotidiano dos indivíduos nestes contextos sociais, quer através da sua combinação com as novas tecnologias. Tal como refere Rey (2005), a "representação teórica guia os diferentes momentos da pesquisa e define a necessidade de introduzir novos instrumentos e momentos nesse processo" (2005, p. 81). A espiritualidade emerge no "cenário social", na sua expressão cultural de massas, "onde tem lugar o fenómeno estudado em todo o conjunto que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele" (2005, p. 81).

Considerando a pertinência do estudo, a reflexão teórica foi-se construindo, de forma progressiva, a pesquisa. Na segunda fase, em 2013, foi privilegiado o estudo da identidade e das interações sociais em contexto espiritualizado, intitulado "Espiritualidade na identidade do movimentos sociais da Nova Era - Estar com o Universo" <sup>10</sup>. A partir deste estudo exploratório, permitiu-se concluir que a espiritualidade tem maior ênfase devido ao seu carácter agregador, confirmando a hipótese de que a espiritualidade conduz os indivíduos a mudanças na identidade que promovem a interação e modificam o contexto social. Ainda que, a *New Age* espiritual desencadeia a transformação dialética dos indivíduos, num processo gradual de transformação que conduz a importantes mudanças na configuração social através da aprendizagem de novos itens de ação conforme defendeu Gregory Bateson (1979).

O estudo permitiu concluir que as reconfigurações identitárias são também coletivas, uma vez que a mudança do indivíduo é transportada às suas relações, através

---

<sup>10</sup> Relatório de investigação para obtenção do grau de licenciado em Sociologia, Universidade do Minho, 2014.

dos processos de influência social. A relevância do tema sugeriu a elaboração de um estudo mais aprofundado sobre a espiritualidade na vivência da pós-modernidade.

Deste modo, a presente investigação pretende apreender melhor esta mudança nas dimensões das representações e das práticas que surgem associadas aos sujeitos envolvidos, os entrevistados, como resultado da integração da espiritualidade na vida quotidiana. Ao mesmo tempo, solidificar a base teórica que assume a existência de um novo paradigma social e cultural através do estudo das formas de produtos de uma nova cultura espiritualizada, em contexto pós-moderno, a partir da perspectiva da espiritualidade e de onde os sinais de uma crescente propensão dos indivíduos para o conceito de uma espiritualidade renovada são evidentes.

## **2.3. O Universo e a amostra**

Tendo em conta os objetivos deste estudo, a mudança de paradigma cultural na perspectiva da espiritualidade, não consideramos fundamental uma amostra representativa da população em análise, isto é, todos os indivíduos que habitam no Distrito de Braga. Deste modo, procurou-se construir uma amostra não representativa de forma a estudar as novas espiritualidades. Seleccionámos a técnica de amostragem intencional que regista a opinião dos entrevistados as ações e intenções dos mesmos (Marconi & Lakatos, 1999, p. 54). Os critérios foram definidos pelo investigador e correspondem às seguintes características ou variáveis: residência no distrito de Braga, sexo, idade, geração e pertença a grupos espiritualizados.

### **2.3.1. Caracterização da Amostra**

O centro da análise desenvolvida nesta etapa reportou-se à condução das entrevistas a jovens, adultos e idosos numa amostra intencional pouco ampla mas representativa do universo em estudo (Marconi & Lakatos, 1999, p. 53). Este tipo de amostra não probabilística pretende captar as intenções dos entrevistados e, embora não sejam representativos do universo em análise, expressam modos de pensar e de agir

representativos da população em geral ( Marconi & Lakatos, 1999, p. 54). Nesse sentido, a amostra dos entrevistados está subdividida em três grupos geracionais da população: os jovens que vão desde os 18 aos 29; os adultos dos 30 aos 59; os idosos, dos 60 em diante. O conjunto de inquiridos constitui, assim, uma parcela suficientemente alargada, geograficamente dispersa na naturalidade de cada um mas territorialmente concentrada em Braga, socialmente diversa, com indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos, conforme a caracterização exposta na tabela seguinte.

**Tabela I:** Caracterização da amostrados entrevistados.

Entrevistados	Género	Idade	Grupo geracional	Profissão	Naturalidade		Local residência
					País	Região	
Entrevistado 1	Masculino	61	Idoso	Comerciante	Portugal	Póvoa de Varzim	Braga
Entrevistado 2	Feminino	63	Idoso	Docente	Portugal	Aveiro	Braga
Entrevistado 3	Feminino	22	Jovem	Estudante	Portugal	Braga	Braga
Entrevistado 4	Masculino	47	Adulto	Agrónomo	Brasil	Crato	Braga
Entrevistado 5	Feminino	45	Adulto	Jornalista	Venezuela	Caracas	Braga
Entrevistado 6	Feminino	18	Jovem	Estudante	Portugal	Braga	Braga
Entrevistado 7	Masculino	19	Jovem	Estudante	Portugal	Braga	Braga


A amostra dos entrevistados em análise é, pois, composta por 4 indivíduos do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Quanto à distribuição geográfica de onde são naturais, 5 dos inquiridos correspondem ao norte e centro de Portugal, no continente europeu, e 2 são provenientes da América do Sul, designadamente Venezuela e Brasil, correspondente à América Latina onde a vivência da espiritualidade está integrada no quotidiano social. A recolha de testemunhos através da entrevista em profundidade fornece uma amostragem muito melhor da população em geral e permite uma maior flexibilidade na obtenção de significados mais específicos, uma vez que a abertura das questões traduz-se numa oportunidade para mais facilmente se obter informações relevantes e significativas de forma mais precisa e passíveis de comprovação posterior. Uma das limitações é a incompreensão do significado das perguntas da pesquisa por parte do entrevistado, sobretudo do grupo dos jovens, devido a causas específicas diversas (Markoni & Lakatos, 1999, p. 97).

### 2.3.2. A amostra documental

Durante os últimos cinco anos foram pesquisados diversos sites na internet, de forma intencional, de modo a sustentar uma visão global de mudança de paradigma cultural através da espiritualidade à escala mundial. Nesta análise incluímos ainda a concretização de casos particulares de introdução de práticas espirituais, em concreto no Norte de Portugal, tais como a meditação e práticas de relaxamento, em contexto de aulas letivas do ensino público português<sup>11</sup>. A amostra documental inclui 37 produtos culturais que indicam uma transformação no paradigma cultural a partir da espiritualidade (ver tabela II).

A análise de discurso e semiótica com recurso a análise semiótica da imagem também foi utilizada para caracterizar a produção de novos sentidos imagéticos, por exemplo através da animação<sup>12</sup>, da publicidade<sup>13</sup> e da música numa observação crítica à utilização de símbolos como a luz<sup>14</sup>. Este tipo de análise será ainda aplicada para o estudo da produção artística, nomeadamente o estudo do projeto Art21<sup>15</sup> entre outros que possam ser incluídos. A etnografia foi um outro meio para recolha de informações no decorrer do estudo.

**Tabela II:** Caracterização da amostra de documentos.

Documento	Identificação	Fonte	País	Ilustração
Doc 01	Jogo infantil "Posturas de Yoga para Crianças"	Documental	Portugal	

---

<sup>11</sup> Introdução de Reiki em projeto piloto no concelho de Guimarães

<sup>12</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=SP5p1gLUOHI>


<sup>13</sup> O caso do modelo DS3 da Citroen, <https://www.youtube.com/watch?v=iMudVfX67PQ>


<sup>14</sup> Caso da agência de publicidade alemã Aixsponza e de alguns vídeos publicitários de outras agências, ainda vídeos musicais que utilizam a imagem da luz como reprodução de mensagens e símbolos da espiritualidade.

<sup>15</sup> <http://www.art21.org/about-art21>

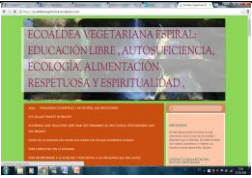
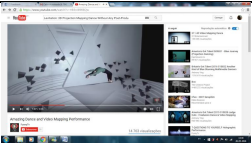
Doc 02	Projeto "Crescer com Reiki" nas Escolas de Guimarães	Rádio Fundação, Guimarães através de Youtube	Guimarães, Portugal	
Doc 03	"La nature, un lieu de spiritualité pour les peuples du Sud"	Internet	França	
Doc 04	Drusuna, banda de música	Pesquisa etnográfica (??)	Portugal	
Doc 05	"Um laboratório para mundos imaginários, a obra de Abraham Lizette"	internet	México	
Doc 06	Programa 40, Sociedade Civil, Vida para além da morte, RTP2	Televisão	Portugal	
Doc 07	Galp, publicidade	Televisão	Portugal	
Doc 08	Marina Abramovic	Internet	Sérvia	
Doc 09	La nature, l'art et la spiritualité seraient d'excellents anti-inflammatoires naturels	Internet	França	
Doc 10	<b>Ecologie et Spiritualité, A proteção ambiental é um ato espiritual e consciente</b>	Internet	França	



Doc 11	Ecovilas - Portugal	Internet	Portugal	
Doc 12	Project Art21, Spirituality, Ann Hamilton, John Feodorov, Shahzia Sikander, James Turrell	Internet	EUA	
Doc 13	Aixsponza (Eks-Sponza)	Internet	Alemanha	
Doc 14	Animação Yoga para Crianças	RTP2/Youtube (versão original)	Original: Espanha	
Doc 15	Comunidade Anada	Internet	Portugal	
Doc 16	Network for a new Culture	Internet	EUA	
Doc 17	Projeto 2.0 da Fundação Bial - Portugal	Internet	Portugal	
Doc 18	Hereafter - filme de Clint Eastwood	Cinema	EUA	
Doc 19	Moda Kiev 2016 - Cosmos	RTP2 Euronews	Ucrânia	
Doc 20	Projeto O Mundo Somos Nós	Internet	Portugal	

Doc 21	<b><u>Bailado: O misticismo barroco de Andonis Foniadakis em Links</u></b>	RTP2 Euronews	Grécia	
Doc 22	Monir Shahroudy Farmanfarmanian	Exposição Museu de Serralves, Porto	Irão	
Doc 23	Programa de Sociologia da Espiritualidade Universidade Sénior de Azeitão (USAZ) Associação Cultural de Azeitão	Internet, Facebook	Portugal	
Doc 24	Colóquio Internacional, O imaginário esotérico, Literatura, Cinema, Banda Desenhada	Universidade do Minho, Braga	Portugal	
Doc 25	Evento "Tibete ao Vivo, Convento do Carmo", em Braga	Internet, Facebook	Portugal	
Doc 26	Universidade Lusófona, Curso Superior Budismo e Yoga, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração	Internet	Portugal	
Doc 27	Publicidade Citroen DS 3	Televisão portuguesa  (imagem: vídeo da campanha apresentada na TV, em França, foi filmado em Paris)	França	

Doc 28	Eco-aldeia procura pessoas e famílias para viver em comunidade no norte de Portugal	Internet	Portugal	
Doc 29	Instituto CRIAP, Pos-graduação Arte Terapia e Waking Dream Therapy com recurso ao uso de terapias alternativas como o Reiki	Internet	Portugal	
Doc 30	Meditation experience is associated with increased cortical thickness	Internet	EUA	
Doc 31	Morgan Freeman, "A História de Deus", National Geographic	Internet	EUA	
Doc 32	Documentário "Encontrando a Felicidade"	RTP2	EUA	
Doc 33	Ciclos e Movimentos, "Religião", episódio 5, 14 agosto 2015	RTP2	Portugal	
Doc 34	Publicidade Mercedes-Benz Classe E - Mais do que inteligente, intuitivo	Televisão	Portugal	
Doc 35	Grande Reportagem SIC - Uma questão de Fé	SIC	Portugal	

Doc 36	Ecoaldeia Epiral, Cabeceiras de Basto	Internet	Portugal	
Doc 37	Levitation	Internet	Rússia	

A seleção dos documentos foi feita aleatoriamente com base em critérios que assentam na sua pertinência à medida em que foram sendo registadas e compiladas na ocasião ou após conhecimento do investigador (Markoni & Lakatos, 1999, p.65) como fontes primárias e secundárias da nossa pesquisa.

## 2.4. As técnicas de investigação

Numa primeira fase, este estudo teve como base a pesquisa e a análise bibliográfica e a pesquisa e análise documental daquilo que consideramos serem produtos da nova Cultura. Nesta análise incluímos música, publicidade, sites, como os casos particulares do site Network for a new culture e das ecovilas - Portugal, entre outros. A segunda fase metodológica desta investigação decorreu entre Novembro de 2015 e Março de 2016, com a realização de entrevistas em profundidade. A entrevista implica o desenvolvimento de interações, entre entrevistado e entrevistador, que permitem captar significados e sentidos sobre as características pessoais dos entrevistados, nomeadamente culturais e sociais (Olabuénaga, 2003, p. 165). Deste modo, a entrevista em profundidade serviu para a recolha de narrativas que permitiram identificar mudança cultural desde o período do Estado Novo até a atualidade. Nesse sentido, foi elaborada uma análise de conteúdo de dois depoimentos já recolhidos, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, ambos reformados e ex-católicos praticantes. Para enriquecimento dos testemunhos, as narrativas incluem ainda o

depoimento de sete testemunhos de indivíduos. O guião da entrevista foi construído com base nos estudos anteriores e já descritos no subcapítulo alusivo à pertinência da pesquisa qualitativa. O objetivo foi a recolha de narrativas a partir da vivência dos entrevistados que ilustrassem o que é a espiritualidade para si, como a descrevem em si mesmos, na sua relação com o(s) outro(s) e na relação que mantêm com a Natureza. Importa ainda o registo de narrativas que visassem a recolha das representações e das práticas da espiritualidade no conjunto das variáveis em estudo. As entrevistas tiveram como principal contributo a averiguação e determinação de factos e das opiniões de cada entrevistado e apreender os seus sentimentos. Cada narrativa permite a descoberta dos motivos conscientes de opiniões, sistemas e de ações indicadoras das condutas que cada sujeito adopta face a si mesmo, ao(s) outro(s) e à natureza/cosmos. Deste modo é permitida a identificação de geral de padrões de comportamentos: éticos, "do que deveria ter sido feito", e práticas, "do que é possível fazer" (Markoni & Lakatos, 1999, p. 95).

A pesquisa documental permitiu a coleta de dados fundamentais para a investigação. Os documentos, escritos ou não, como entrevistas a rádio, filmes, sites na internet, notícias e publicidades são a nossa fonte primária, recolhidas no momento em que ocorreram (Markoni & Lakatos, 1999, p. 64). A gravações de vídeo e de áudio, sites da internet, filmes, rádio, cinema, televisão e ilustrações foram compiladas posteriormente, de forma a permitir o estudo das formas culturais produzidas em contexto das novas espiritualidades na pós-modernidade. Estes documentos "permitem analisar as sociedades", uma pesquisa em campo que vai além das observações efetuadas (Markoni & Lakatos, 1999, p. 66). Do mesmo modo, permitem conferir a produção dos novos sentidos simbólico e imaginários presentes nas narrativas dos entrevistados.

A pesquisa bibliográfica, enquanto nossa fonte secundária, permitiu conferir a pertinência deste estudo. Esta etapa foi um importante meio para a definição e exploração do objetivo da investigação, reforçando paralelamente a análise documental e a recolha de mais informações sobre o tema (Markoni & Lakatos, 1999, p. 73). Exemplo disso foi a recolha de notícias diversas onde o simbolismo e imaginário espiritual surge como tema de informação, quer ao nível científico quer a outros níveis mais empíricos. Este tipo de pesquisa confere conteúdo e orientação dos discursos, das

representações e de práticas vocacionadas para a espiritualidade na pós-modernidade. Do mesmo modo, confere as tendências e espaços dedicados a este novo paradigma cultural, nomeadamente, ao reportar factos diversos, notícias locais, nacionais ou internacionais sobre o assunto, publicidade, entre outros, facilitando o registo do "tom da mensagem, pessimismo, otimismo, sentimentalismo" (1999, p. 74). A imprensa alternativa na internet também possibilitou especificar as categorias dos grupos de interesse no tema em investigação, pois permitiu a identificação das ideias, a atuação e os interesses de alguns grupos sociais nacionais e internacionais (1999, p. 74).

Na pesquisa de meios audiovisuais, tais como a rádio, os filmes e a televisão, importa destacar a análise de conteúdo da própria comunicação. A análise pautar-se-á pela descrição das tendências de conteúdo da comunicação, em particular na indicação de diferenças e/ou semelhanças no conteúdo internacionais, comparando, examinando e construindo padrões culturais de símbolos inerentes ao imaginário espiritual. Deste modo, será possível a identificação de intenções e de características vocacionadas para o tema em pesquisa. Similarmente, possibilita a reflexão de atitudes e valores da população, permite ainda uma descrição de respostas dessas atitudes e de comportamentos sociais (Markoni & Lakatos, 1999, p. 75).

Posteriormente, procedeu-se ao tratamento de dados, recorrendo à técnica da análise de conteúdo temática a partir da construção de uma grelha de análise para as entrevistas em profundidade e uma grelha de análise para os documentos selecionados na amostra. Avaliámos e confrontámos os dados com as teorias e as hipóteses de trabalho avançadas na pesquisa.

## **2.5. O modelo de análise**

O processo de construção de uma nova espiritualidade resulta das experiências consigo mesmo, da relação com o(s) outro(s), das relações com a sociedade: do "eu" com a vida quotidiana em contexto social; do "eu" com o "tu" e com o(s) outro(s); ainda da relação com a Natureza.

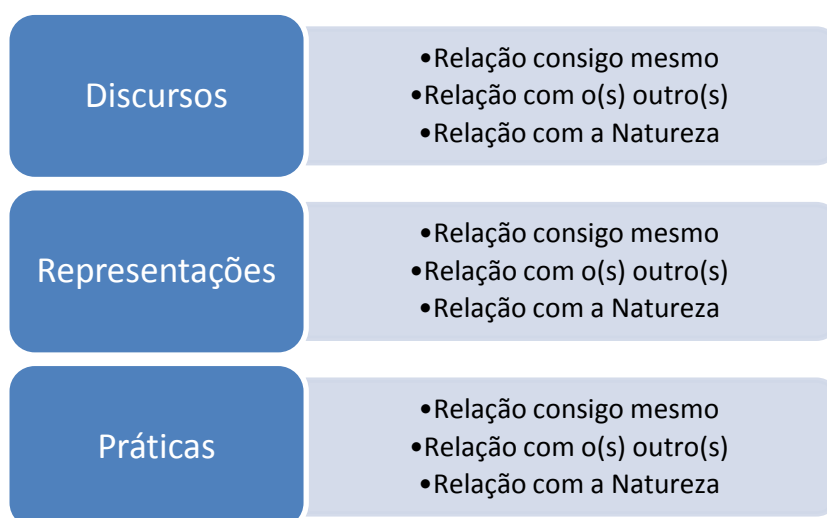
A espiritualidade no seu processo de subjetivação deseja especificar os sentidos de interioridade e exterioridade dos indivíduos no decurso da procura pelo "eu" (Mascarenhas, 2012).

Enquanto conceito, a espiritualidade na pós-modernidade surge como variável central explicativa dos processos de produção de pensamento simbólico e imaginário que leva os sujeitos à produção de novos sentidos, valores, convicções, normas sociais, sensações, percepções, atitudes, mitos, crenças, saberes, convicções, emoções coletivas e individuais, afetos, gostos, valores, identidades, compaixão e de autoconhecimento.

Os discursos, as representações e as práticas dos entrevistados, assim como a análise documental, são dimensões desta nova produção de sentidos perante a espiritualidade, num processo que é gradativo. "Enquanto representação coletiva e instituição social, a ciência é a mitologia dos tempos modernos" (Rabot, 2015 , p. 29) que aprofunda agora o seu sentido racional à produção de sentido das emoções.

As práticas surgem associadas à espiritualidade através das narrativas e das formas culturais aqui apresentadas que indicam mudanças, algumas delas profundas, ao nível dos cuidados com corpo, a mente, com as preocupações, as estéticas e até mesmo a cura para uma vivência total em comunhão com o Cosmos e a Natureza.

Assim, o nosso modelo de análise permite uma análise assente em três dimensões com três tipos de indicadores distintos tal como ilustra a figura seguinte.



**Figura 5:** Caracterização do modelo de análise.

Para tal estudo, é necessário recorrer ao método arquetipológico da mitocrítica e da mitoanálise de Gilbert Durand, anteriormente indicado. Este método é validado pelas mensagens que os sujeitos expressam enquanto "código de uma língua natural" (Durand, 1996, p. 145). Embora circunstanciais, essas mensagens são pontos de vista que o autor considera importantes para uma reflexão antropológica e social. Os campos da literatura e dos discursos estéticos em geral incitam ao alargamento da análise ao "conjunto do discurso social [...], banal, ideológico, etc., de uma sociedade e de uma época" (1996, p. 158). Para não limitar a pesquisa, a análise de conteúdo exige que se consinta o auxílio de vários pontos de vista metodológicos e que exigem que passe de "uma mitocrítica pontual a uma mitanálise mais generalizada" (1996, p. 158). Deste modo é possível uma melhor compreensão do movimento estruturo-funcionalista das dimensões simbólica e imaginativa dos mitos e das representações em estudo. Conforme pronuncia Durand, a mitocrítica e mitanálise permite obter o conjunto preliminar de uma "orientação epistemológica e filosófica nova, não de uma novidade fugaz do tipo «pronto a vestir» intelectual, mas nova no sentido de renovada pelo encontro de mitos, de sensibilidades e de filosofemas ocultos" (Durand, 1996, p. 159). *"Ser ou não ser, eis a questão"*, conforme escreveu William Shakespeare.





## 3. Discussão de resultados

### 3.1. A conceptualização da espiritualidade a partir dos discursos

A espiritualidade é um conceito comum às partes e peças de coordenação de um todo societal, tal como argumentou Durkheim (2002). Representa o que é comum num grupo de indivíduos.

Nesta ideia da natureza social da espiritualidade advêm algumas propriedades epistemológicas fundamentais do pensamento social. Uma dessas propriedades é que as partes podem formar unidades ou configurações de ordem superior, com um significado próprio e inabalável para cada uma dessas partes. A espiritualidade é um conceito que surge de alguma coordenação das partes; não está contida numa só linha, mas na relação específica entre as linhas que orientam a vida social. A segunda propriedade ou característica do pensamento social é o que está por detrás da formação de conceitos num grupo social, ou sejam, os símbolos. A aglomeração de performances individuais pode representar coisas que não estão contidas em performances individuais isoladas. Assim, o grupo social em si não só determina a interpretação, mas tem em si um significado. Assim, conforme foi observado por Levi-Strauss<sup>16</sup>, o pensamento simbólico é necessário na vida social. Por outras palavras, a questão não é só como as coisas são simbolizadas nas relações sociais, mas como se simbolizam nas relações sociais (Paez, 2003).

Num mundo cada vez mais *secularizado* por força da globalização da informação via internet, a nova espiritualidade que se pretende estudar, reassume o objetivo existencial dos indivíduos da pós-modernidade para “conquistar uma condição interior” com motivações que confirmem e garantam um renascimento interior (Weber, 2006, p. 199). Este pensamento em Weber referia-se a um período cultural bastante diferente da pós-modernidade dos dias atuais, mas já traduzia, na altura, uma “conduta de vida de cada sujeito como um todo” (Weber, 2006, p. 203), bem ao estilo do

---

<sup>16</sup> Lévi-Strauss, C. (1978). *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, p. 24.

anteriormente defendido através de Durkheim, a propósito do "efeito de contágio que inspiram os sentimentos de outras pessoas ou coisas, associada às representações sociais individuais" (2002, p. 249), no caso, associadas à vivência do espiritual e do religioso.

### **3.1.1. Um retrato da espiritualidade pela mão dos entrevistados**

Na perspectiva dos nossos entrevistados, a espiritualidade fez sempre parte das narrativas. Sempre se reinventou, quer através dos mitos, quer através dos rituais, ou mesmo através das práticas. Então, como negá-la na pós-modernidade? Já afirmava Durkheim: "[...] Muito pelo contrário, dependendo do ponto de vista em que nos colocamos, se chamamos espiritualidade à propriedade distintiva das representações no indivíduo perante a vida, devemos dizer da vida social que ela se define através de uma hiper-espiritualidade" (2000, p. 58).

Nesta linha de orientações, a vivência dos entrevistados para uma nova espiritualidade na pós-modernidade emerge pautada na sacralização do próprio indivíduo e não acontece ao acaso. A convivência com o "eu" espiritual mostra-se sob a capa de uma "uma visão muito larga sobre o mundo" (H1), apresentando-se como uma característica com a qual "já se nasce e que depois vai -se desenvolvendo" (H1). As narrativas expõem a espiritualidade com atributos como o de "navegar" (H1) fora do contexto do religioso, como uma "paixão muito grande" para aquilo que se considera ser o significado de Deus e que "não é o Deus das religiões" (H1). Na pós-modernidade a espiritualidade significa: liberdade de escolha do "eu", respeito na relação com o(s) outro(s) e responsabilidade na relação que se mantém com a natureza/cosmos.

Assente na reflexão de Mannheim (1967) a propósito da consciência mística e religiosa, cada época "[...] sempre se inclinou a relativizar o pensamento em relação ao êxtase ou ao conhecimento revelado, e a doutrina da primazia da vontade representa exatamente mais uma forma de resolver esse problema da relativização" (Mannheim *et al.* (1967), p. 19).

Nessa orientação de ideias, a espiritualidade pós-moderna "sente-se" (H1), por mais oprimida ou equivocada que ela possa ter sido pelas religiões, ao longo de séculos. Na perspectiva dos entrevistados, viver esta nova espiritualidade implica romper com os símbolos das instituições religiosas tradicionais:

"Fui maratonista e estava uma vez em Lisboa, no Restelo, e de noite tinha orado ao Universo, à entidade de Deus, ao Chefe que é como lhe chamo, General das Estrelas, uso esse tipo de identificação que é para não me identificar com a religião, porque essa entidade quer que a gente comunique" (H1).

"A tese que me foi dada foi a que me foi veiculada pelos meus pais, pela sociedade de Aveiro e pela Igreja Protestante Metodista. A minha antítese foi me dada pela descoberta de que não, não quero ir por aí, eu quero fazer outra coisa que não sei o que seja., e começar a ver e querer saber e por aí fora. A pouco e pouco, lá pelos trinta e muitos anos, comecei a dizer que também não é por aqui nem é por ali, será por aqui mas aberto a querendo experimentar" (M1).

Os símbolos da fé, de Deus e outros de cariz profundamente religiosos surgem transfigurados na pós- modernidade. A espiritualidade é o relacionamento do indivíduo com o mundo, com o outro, consigo mesmo e com a crença num Deus, mas um Deus destacado pelos entrevistados com sentido simbólico diferente, conforme ilustra a figura seguinte.



**Figura 6:** A significação de Deus atribuída pelos entrevistados enquanto símbolo espiritual.

Este é um sintoma típico de uma época que marca o fim das “grandes narrativas, correlativas de uma inalienável crença nas potencialidades da razão em guiar o mundo e a levá-lo no caminho de um progresso sem retrocesso” (Rabot & Oliveira, 2014, p. 96).

Essa contraposição é possível de ser compreendida através dos discursos dos entrevistados do grupo geracional idoso. Indiferente ao gênero, os sentidos da espiritualidade durante o século XX era bem diferente. Seriam incompreendidas as manifestações de desejos ou vontades de questionar a própria vida espiritual, mesmo durante a fase de maior abertura para a New Age, nas décadas de sessenta e setenta.

"A espiritualidade era essencialmente ir contra as amarras feitas pela Igreja, tanto a Católica tanto como a protestante. Fui penalizada por ser diferente e por fazer coisas que ninguém fazia. E essa diferença foi no Liceu e noutros momentos, mesmo na Igreja eu era tida como a esquisita, que só gostava de saber, questionar e saber as coisas, isolar-me, isto sempre foi visto como algo que não era assim muito bom. Mas eu queria saber mais, queria mergulhar nestas questões, saber os porquês. E portanto, no Liceu eu falava de uma forma diferente, utilizava palavras que as outras meninas não utilizavam (era um liceu feminino). Até 69 foi todo um período com condicionalismos da Igreja Protestante meio fechado e meio aberto, mas pelo menos ir contra a corrente, permitiu ser diferente e ter a possibilidade de fazer caminhos que os jovens naquela altura não tinham. Depois de 50 anos de ditadura, foi a explosão de tudo e então falava-se de tudo" (M1).

Olhando para o passado, o grupo geracional dos idosos classifica a espiritualidade como uma crença "adulterada" (M1) pelas crenças das instituições religiosas. Só que a espiritualidade nos dias de hoje, por um lado, não necessita desse tipo de formatos e, por outro lado, também é mais fácil porque o "dom da palavra está mais desenvolvido, há outras técnicas que são muito mais fáceis de saber o que são" (M1).

Os modos de subjetivação, de acordo com Foucault, levam a produzir a sua própria verdade dentro de uma rede de relações de poder e de conhecimento pessoal, transformando-o num objeto de conhecimento, tal como indica Mascarenhas (Mascarenhas, 2012, p. 108). Nesta dimensão, os discursos dos entrevistados permitiram identificar a convergência de opiniões e de relatos a propósito das suas vivências e experiências com a espiritualidade. As sensações de bem estar, "mística e paixão, paixão de vida e entusiasmo" (M1) surgem orientadas para uma busca interior "intuitiva" (M2), implicam um "envolvimento emocional" (H2) do "eu", tal como descreve uma das entrevistadas.

"[...] Ser eu mesma para uma visão da vida com maior "simplicidade, como um todo que é interligado e funciona de forma espontânea. Uma coisa que flui" (M2).

A idade também é um fator relevante para entender as diferenças e as semelhanças entre os padrões de compreensão da espiritualidade devido aos modos de sociabilidade inerentes a cada grupo etário. A pós-modernidade traz consigo a socialidade em vez da estrutura social formada por grupos, que é um movimento de massas formado pela lógica das experiências e das emoções no qual os indivíduos procuram o sentido estético da vida na partilha pela partilha da "faculdade comum de sentir, de experimentar" (Maffesoli, 2000, p. 105), num estar junto apenas por estarem juntos, sem ideologias ou fim comum. E nesta dimensão, os discursos convergem. A espiritualidade tanto é uma "maneira de estar na vida [...] maneira de viver e de envolver-se com a vida e com a sociedade" (H2) para os mais idosos, como também revela ser "uma maneira diferente de ver as coisas" (M4) na opinião dos jovens.

"Até achava que era muito esquisita até eu ser assim mas depois de eu descobrir este lado [a espiritualidade] acho que é se calhar uma coisa muito natural, é uma coisa que já vem de mim e consegui-me sentir melhor com isso" (M4).

A literatura científica não descurou a socialização como parte de um processo que torna o sujeito gradualmente autoconsciente, instruído e hábil nos modos da cultura na qual nasceu (Giddens, 2005, p. 42). Trata-se de um processo de aprendizagem e de transmissão de cultura, tal qual indica Giddens (2005), pelo qual passa cada elemento da sociedade, de geração em geração. Nesse sentido, o conceito desta espiritualidade pós-moderna foi sofrendo transformações no curso da vida dos sujeitos, à semelhança da evolução da técnica. Assim, para o grupo etário dos idosos, o primeiro contato com o conceito foi estabelecido pela informação disponibilizada à época, falamos das décadas de sessenta e setenta quando estoira a revolução da New Age através dos movimentos hippies da altura. A única forma de modelar o comportamento através da espiritualidade era através das interações sociais descritas em Giddens (2005, p. 42). Através dessas trocas sociais se conseguiam "todos os livros e todos os princípios" (M1) acerca da espiritualidade no conceito no qual ela hoje se apresenta. Isto facilitou que os indivíduos

aprendessem e fizessem os ajustes necessários ao longo da vida (Giddens, 2005, p. 42) para uma mudança do "eu" nesta perspectiva.

"[Sobre conceito de fé] Sempre nos foi pedido, na Igreja Protestante, na Igreja Católica e na Igreja Ortodoxa vejo que é idêntico. A Fé é uma crença em absoluto. Essa palavra é tão pequenina que até pode dizer-se que "move montanhas"... mas talvez seja mais um formalismo da palavra tal qual como a palavra Deus. A Fé que nos é dada - pelas religiões - é uma Fé cega. Esta Fé que questiona e que eu imagine que seja um pouco a minha é uma Fé intuitiva, é uma entrega onde não é preciso que tenha Fé naquele santo ou em Cristo, para mim não fica aqui. Não digo isto: não tenho Fé nisto ou naquilo. Creio nas presenças, na espiritualidade Luz porque o Divino poderá ter duas vertentes por aquilo que tenho lido, como espiritualidade superior e espiritualidade inferior se é que também há isso" (M1).

Tal como indicou Lévy, citando Heidegger em *Ser e Tempo*: "[...] o « não poder ser» pesa muito mais que «ser»" (Lévy, 2000, p. 174). Atribuindo o sentido destas palavras à nossa pesquisa, aquilo que o autor expõe "é a decisão de pensar o sujeito não mais na sua relação a «si», ou na relação entre «si» e o «mundo», mas sim na relação ao «Ser», que é o local onde reside o próprio sujeito, como seu «pastor» ou «emanação» (*ibidem*, 2000, p. 174). Nesse sentido esta nova espiritualidade é algo com pregnância simbólica no "eu", tal como indicam os entrevistados.

"Sempre fui assim, mas com o descobrir deste lado espiritual se calhar consigo perceber que já era uma coisa minha e que eu agora consigo aceitar-me melhor, e ver que não é uma coisa estranha mas antes ma coisa natural. É uma aceitação basicamente... Aceitação de nós próprios, de tudo, mas de maneira mais diferente" (M4).

A espiritualidade renasce transfigurada, conforme a metáfora utilizada por Maffesoli (1992) a partir das novas tecnologias. Em certa medida, é o tal "regresso às origens" – ou "fenómenos de renascença", como lhes chama Maffesoli (1979). A espiritualidade é reinterpretada para alterar a sua aparência mas nunca a sua essência, tal como observa Maffesoli: "[...] a transfiguração se opera quando uma figura se baseia numa figura existente para se transformar noutra coisa" (1992, p. 240).

Deste modo, a nova espiritualidade conquista espaço na configuração social, pois essa mesma configuração se transforma, pois é ela própria um "padrão mutável" com uma "existência própria" objetivada pelas expressões, pelas ações e pelo intelecto

dos indivíduos que estão numa dada relação de interdependência, tal como refere Elias (1999, p. 142). A busca pelo "eu" profundo, iniciada pelos movimentos da Nova Era no século XX, é encarada na pós-modernidade como algo que faz parte do indivíduo, a vivência do transcendente. Em particular, pelos mais jovens:

"Até achava que era muito esquisita até eu ser assim mas depois de eu descobrir este lado [a espiritualidade] acho que é se calhar uma coisa muito natural, é uma coisa que já vem de mim e consegui-me sentir melhor com isso" (M4).

Assim sendo, a configuração social manifesta-se no espaço social através do sistema de relações (Fernandes, 1992). Como contributo para o esclarecimento dos fundamentos da vida quotidiana, é de suma importância destacar as objetivações dos processos e significados subjetivos que repousam na construção do mundo intersubjetivo do senso comum. É nesse sentido que importa nesta pesquisa destacar a análise fenomenológica da experiência subjetiva desta nova espiritualidade na vida quotidiana, pois a consciência é sempre intencional (Berger & Luckman, 1999, p. 32). E esta realidade subjetiva é sempre partilhada com os outros. Nessa orientação, os discursos dos três grupos geracionais indicia estranheza perante os seus pares. O grupo geracional dos jovens reflete preocupação na abordagem do tema em contextos sociais, como por exemplo, a escola. Além de ser "um assunto muito polémico para muitas pessoas porque é tabu" (M3), na situação frente a frente, os jovens sentem-se no alvo da "crítica" (M3) e, apesar de tudo, os outros são apreendidos como curiosos sobre o tema:

"Tenho medo de falar sim, e se calhar de ir a centros espíritas acho que são muito pouco recetivos quanto a isso mas em questão de séries, por que se calhar são séries, acho que sim, são muito mais abertos a isso. Acho que também têm vergonha do que é que os outros vão pensar. Por exemplo dizem: "olha aquela, acredita em espíritos, é tolinha". Acho que é mais por isso, com medo do que as pessoas vão dizer, o que vão julgar. Por exemplo, eu já tenho muitos amigos que dizem "tu és tolinha, acreditas nessas coisas, oh, oh, oh, tu és tola". Penso que também é mais por causa disso. Se calhar muitos acreditam e não falam por causa disso mesmo, de serem julgados. Os rótulos... porque na nossa idade é o que mais há, é rótulos em tudo. Então para julgar... A minha geração é mais maldosa" (M3).

"Muitos colegas como diziam que não acreditam no lado espiritual diziam : "ah, isso é uma treta, isso é uma perda de tempo, só estás a perder tempo e isso é tudo mentira". E eu tentava explicar que não, que



era uma coisa que eu penso e que eu aceitava. Pelas conversas que eu tinha com os meus colegas até depois de começar o curso [curso básico de espiritismo], eles [os amigos] muitas vezes perguntavam e tinham sempre uma ideia muito má, muito negativa. Acho que fui sempre mais liberal mas sinto que se fosse um outro jovem qualquer se calhar ficava assim a olhar de lado. Quando se fala de espiritualidade e espiritismo as pessoas acham que é um bocado estranho e muitas vezes tem medo da palavra e às vezes julgam antes de darmos uma oportunidade de explicar. A família tem aquela ideia de que vão olhar de lado e vão julgar" (M4).

"As pessoas começaram a chamar-me feiticeira. Aí fechei-me. Nunca mais fiz nada nem demonstrei nada. Não me expunha para esse efeito. Tenho deixado de utilizar de usar as mãos porque como parece que sou uma espécie de antena, às vezes tenho receio porque tive medo de uma clivagem" (M1).

A transmissão de sentimentos comuns entre os indivíduos implica uma partilha de emoções através da educação, como uma aprendizagem iniciática, e é uma das formas pelas quais a sociedade expressa seu carácter transcendental, tal como descreve Rabot (2015). "A transcendência é inerente na sociedade" (Rabot, 2015 , p. 27). Mesmo assim, não escapa aos preconceitos da sociedade naquilo que traduz a percepção dos jovens:

"Tentava explicar-lhes mas eles tinham sempre aquela ideia, aquele preconceito que ainda existe, uma ideia que não é certa do que é. Uma pessoa fala de um curso sobre espiritismo e as pessoas pensam que vamos fazer bruxarias, eram as palavras que eles usavam. Achavam que íamos fazer coisas esquisitas e eu explicava que não, que íamos aprender o que era o espiritismo, e tentava explicar a partir da ideia do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, para eles perceberem o que era mas muitas vezes, pronto, eles desistiam da conversa a meio porque não era bem o que eles pensavam e então não gostavam muito de ficar com aquela ideia de "eu não tinha razão" (M4).

Já o grupo geracional idoso expressa com alguma preocupação o preconceito dos outros face à nova espiritualidade, a tal ponto que pode colocar em causa a sua integração social, mesmo em contexto familiar.

"Uns psicólogos amigos a quem partilhei isto disseram logo que eu estava era num estado de ansiedade brutal. (risos) Ok, sob o ponto de vista material pode estar explicado só que isto é muito mais além. Nunca contei isto depois isto à minha companheira, que também é assim, porque

a irmã é espiritista. Nem contei aos meus filhos e um deles até acredita nisto, as coisas da espiritualidade, até é professor universitário na Universidade de Benguela. Nunca contei estas coisas não é, porque isto não se pode explicar, é impossível, só se pode viver" (H1).

Conforme observa Rabot (2015), mesmo sabendo que o homem não pode viver fora da sociedade, longe dos padrões que o tornam naquilo que é, não restam muitas alternativas senão julgar o bem e amá-lo (Rabot, 2015 , p. 27), mesmo sob o julgamento social ao qual possam estar submetidos ou pelas mudanças que consigam inferir nos outros, tal como expressam os diferentes grupos geracionais:

"Espero só que a espiritualidade nos dias de hoje talvez se torne mais, porque não necessita de nenhum tipo de formatos, mas por outro lado também é mais fácil porque a comunicação está mais desenvolvida" (M1).

"Acho que estão a aceitar cada vez mais, vejo isso pelos meus amigos. Um colega meu muito ligado à ciência que se dizia ateu, não acreditava na reencarnação que é uma coisa que sempre lhe tentei explicar com muita calma. Atualmente, nem foi há uma semana, até veio fazer uma pergunta dessas.... Com as novas gerações que é uma coisa que pode crescer muito, há muita gente hoje que procura até as medicinas alternativas" (M4).

"Sou agnóstico, mas foi mesmo por iniciativa própria. Não fui buscar informação, foi mesmo uma vontade de chegar a um contexto de calma e uma paz interior e ouvi por uma amiga falar disso [da espiritualidade]" (H3).

Por um lado, a realidade social sobre a nova espiritualidade é apreendida num contínuo conjunto de tipificações que, progressivamente, entram no círculo interior das situações frente a frente das relações (Berger & Luchman, 1999). Por outro lado, no polo oposto, estão as abstrações, completamente anónimas (*ibidem*, 1999, p. 45), que surgem das interações sociais dos entrevistados dos quais elencamos alguns na figura seguinte.



**Figura 7:** A nova espiritualidade na pós-modernidade na perspectiva dos entrevistados.

Assim, o pensamento simbólico desta nova espiritualidade pós-moderna toma contornos bem definidos e que vão ao encontro da nossa abordagem teórica sobre o tema.

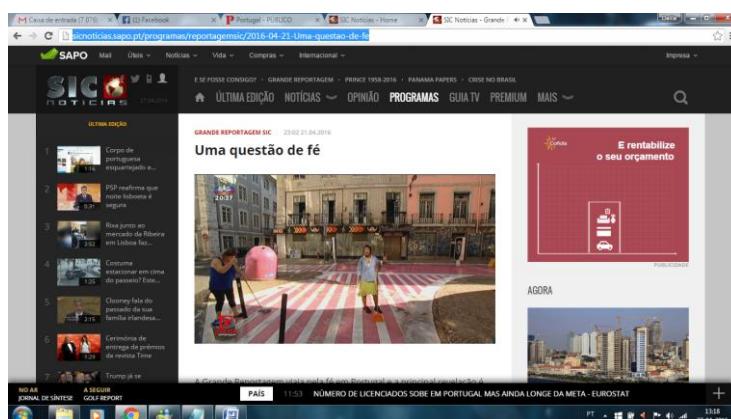
### **3.1.2. Nova espiritualidade nas formas culturais**

O significado do conceito da espiritualidade potencia a existência de um sistema de relações sociais em si mesmo.

O conjunto de crenças, imagens, sentimentos que simbolizam este novo sentir espiritual pode ser um modelo para a configuração de outras coisas, como por exemplo, os produtos culturais da pós-modernidade. As evidências de que o pensamento simbólico inerente ao contexto social define o domínio do social remete o conceito de espiritualidade do nosso estudo para a outros símbolos infinitamente reproduzidos nas formas de produção desta nova cultura espiritual. Sobre estas novas formas de expressão apenas daremos destaque a alguns exemplos.

A sociologia do conhecimento frisa sistematicamente que o ser humano só é capaz de perceber as coisas através do crivo da sua relação com o outro, ou seja, através da comunicação, da intersubjetividade, da linguagem, da troca, e isso implica uma continuidade entre simbólico e real, entre palavra e coisa. Com a globalização tecnológica enquanto nova forma de interação social dos sujeitos, a partilha de produtos culturais entre culturas mais distantes passou ser superior. As trocas de produtos

culturais entre Oriente e Ocidente passaram a ser progressivamente permanentes e com isso também a introdução de novas ideias no imaginário social passou a ser mais veloz, sobretudo na relação que promove com e entre as pessoas. O programa Sociedade Civil que é transmitido diariamente ao início da tarde na RTP2, é uma expressão desta nova forma de comunicar os sentidos e o pensamento simbólico e imaginário da espiritualidade. Durante aproximadamente uma hora, os convidados presentes na edição de 24 de março de 2016, do programa 40 (Doc 06)<sup>17</sup>, dedicado à vida para além da morte, foram instados a falar sobre os estados alterados de consciência e as proximidades que esses estados podem significar perante a morte, a fé e a crença na vida após o término de uma vida num corpo físico. Ainda na RTP2, um outro programa televisivo, "Ciclos e Movimentos", episódio 5, emitido a 14 de agosto de 2015, dedicado ao debate e à reflexão social, lançou para cima da mesa de discussão a controversa questão da religião desde os alvares da cultura judaico-cristã ao conflito israelo-palestiniano, passando pelo extremismo islâmico e pelo papel da religião católica e de João Paulo II. A reflexão dos académicos convidados para refletir sobre o tema, Isabel Ponce Leão, Rui Luís Andrade, Padre Vasco Pinto de Magalhães e Francisco Laranjo, culminou com a ideia de se pensar a sociedade pós-moderna em torno de uma nova visão do mundo a partir da espiritualidade<sup>18</sup>. Um outro exemplo que destacamos aqui é a Grande Reportagem SIC - Uma questão de Fé, emitida a 23 de abril de 2016<sup>19</sup>.



**Figura 8:** Captura de ecrã do site da Sic Noticias, em 23 de abril de 2016.

<sup>17</sup> « <http://www.rtp.pt/play/p2317/e229311/sociedade-civil> »

<sup>18</sup> Na medida em que não foi possível obter uma cópia do programa televisivo em análise recorremos apenas a transmitir a ideia geral conclusiva da conversa mantida entre os convidados.

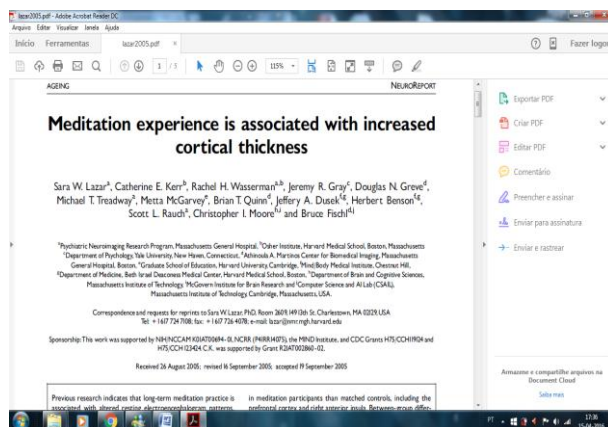
<sup>19</sup> Fonte: « <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagensic/2016-04-21-Uma-questao-de-fe> »

Uma parte dos discursos remetem para a vivência de uma fé sem dogmas nem instituições religiosas. Ao longo da reportagem os entrevistados explicam que no seu entender a vivência da fé condiz com convicções inerentes ao seu "eu" e nunca às fundações de cariz religioso:

"A religião é diferente de fé. A religião muitas vezes divide porque é baseada no esforço humana e na tentativa de agradar a Deus. A fé é baseada em Deus em quem eu creio e acredito" (Doc 53).

As evidências de um afastamento das instituições religiosas são partilhadas até por quem delas faz parte. Na reportagem, Frei José Nunes indica: "O numero de pessoas que se dizem sem religião aumentou. Há uma secularização crescente, muito significativa, da sociedade portuguesa. Isso traduz-se na indiferença perante a Igreja Católica. (Doc 35)".

Num outro ponto de vista desta proximidade pela procura de respostas para aspetos variados da vivência do sentido espiritual da vida no New Age é a produção de conhecimento no campo científico. Lembremos a propósito Rabot (2015): "Como uma representação coletiva e instituição social, a ciência é a mitologia dos tempos modernos" (Rabot, 2015, p. 29). Ora, os discursos dos documentos aprofundam a análise que fazemos do sentido espiritual associado à produção de sentido das emoções. No caso, através da própria ciência exata. É cada vez maior o número de pesquisas feitas para explicar o sentido espiritual da vida, em particular a partir do momento em que a quântica começou a conquistar terreno e credibilidade. A lista de exemplos que demonstram isso mesmo seria exaustiva para ser mencionada aqui. Daremos apenas como demonstração disso, o exemplo que recolhemos para a nossa amostra de documentos, o documento 30 (ver figura seguinte). Trata-se de um artigo publicado pelo site da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos, em 2006.



**Figura 9:** Experiência da meditação está associada ao aumento da espessura cortical.

"Meditation experience is associated with increased cortical thickness" é o título do artigo científico, no qual uma equipa de investigadores descreve que a prática da meditação de longo prazo está associada a padrões de eletroencefalograma alterados. A pesquisa sugere mudanças duradouras na atividade cerebral, indicando que a meditação pode provocar mudanças no cérebro à medida que aumenta a sua prática ao longo dos anos<sup>20</sup>. De facto, o resultado desta pesquisa é o que menos importa destacar aqui, na medida em que, mais importante é realçar o tema "*per si*", ou seja, a meditação. Na espiritualidade, a meditação é vista como um meio que possibilita os indivíduos a descoberta do "eu", "entre o que somos e o que queremos ser" (Terrin, 1992, p. 138). É um símbolo *New Age*, de inspiração oriental, cujo objetivo pretender ser a plenitude de vida, a obtenção de uma profundidade interior e a libertação espiritual. E é neste contexto que nos importa ver estes estudos científicos dentro da nossa pesquisa, conforme mais à frente daremos destaque.

As personagens e linguagens que circulam pelo mundo também fazem parte desta nova cultura global espiritualizada. Bem perto dos centros urbanos mas afastado de tudo e de todos, a ecoaldeia vegetariana Espiral<sup>21</sup>, instalada algures no concelho de Cabeceiras de Basto, no distrito de Braga, faz questão que distinguir-se de qualquer pensamento ou instituição fundada nas religiões tradicionais, conforme frisa no seu site. A ecoaldeia vegetariana Espiral revela-se ao mundo através da internet, sem mencionar nomes de fundadores, apenas dando a conhecer o seu projeto que assenta em seis pilares

<sup>20</sup> Fonte: « <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1361002/> »

<sup>21</sup> Fonte: <https://ecoaldeavegetariana.wordpress.com/>

para a sua existência: a livre educação das crianças, respeito pela comida, espiritualidade, comunidade, ecologia e, por fim, autossuficiência.

"Não seguimos nenhuma religião nem tendência espiritual concreta. Cada pessoa é livre de fluir com a espiritualidade que sente. Para nós é importante estar aberto às respostas das diferentes formas de espiritualidade [...], estamos situados no centro de todos os pilares, irradiando e recebendo energia e a visão do resto dos pilares. Pensamos que a espiritualidade, o amor, está presente em todos os momentos das nossas relações durante a vida que compartilhamos com os outros. Consideramos a espiritualidade como uma forma de ver e entender a vida, de obter consciência de que todos formamos parte de um Todo, de uma harmonia em Unidade que se manifesta a cada instante [...] Tudo está unido, entrelaçado, e o que eu faço e penso vai ressoar em todas as partes" (Doc 36).

A espiritualidade é a linguagem que circula nesta nova cultura global. Existente em cada instante, esta nova espiritualidade invoca toda a atenção, de forma plena, para o "agora", enquanto momento único e mágico que os sujeitos podem ter enquanto vivem o presente.

"É necessário parar a nossa mente que habitualmente está sempre no futuro e no passado, e viver com consciência tudo o que nos acontece agora. Desenvolver esta consciência em vez de a manter inconsciente é importante para que nos guie na vida e na totalidade daquilo que somos em cada momento" (Doc 36).

É neste sentido que a ecologia se apresenta como ponto fulcral para esta nova espiritualidade. Para alguns povos, a natureza é considerada um lugar espiritual, conforme ilustra a entrevista publicada *on-line*<sup>22</sup> pelo jornal *Le Monde des Religions*, a 12 de fevereiro de 2015. O filósofo Mohammed Taleb destaca que no Sul do planeta, da Índia ao Brasil, via África e Palestina, "a luta pelo meio ambiente é também uma luta social e cultural para defendê-la como um lugar sagrado herdada dos ancestrais" (ver figura seguinte).

---

<sup>22</sup> [http://www.lemondedesreligions.fr/actualite/la-nature-un-lieu-de-spiritualite-pour-les-peuples-du-sud-12-02-2015-4514\\_118.php](http://www.lemondedesreligions.fr/actualite/la-nature-un-lieu-de-spiritualite-pour-les-peuples-du-sud-12-02-2015-4514_118.php)



**Figura 10:** Captura de ecrã do computador com o artigo "A natureza, um lugar de espiritualidade para os povos do Sul", Notícias Le Monde des Religions (Doc 3).

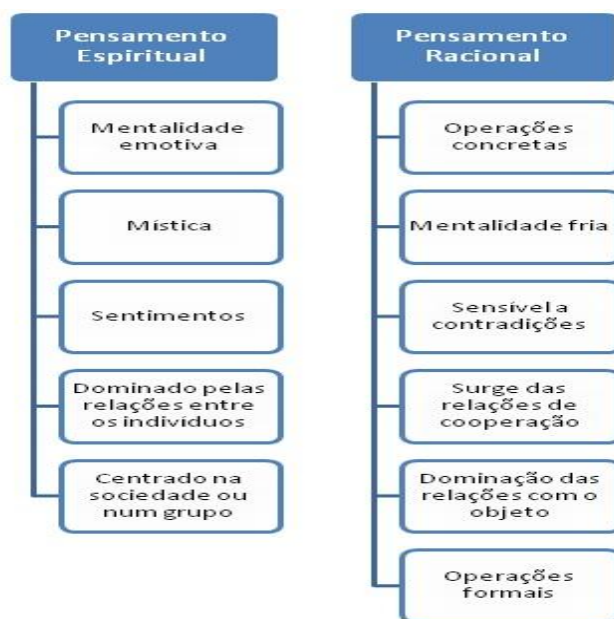
Diante dos nossos olhos, uma vista deslumbrante com espaços mágicos, convidando à serenidade, à meditação e ao silêncio é a proposta dos novos ecoespiritualistas.

### 3.2. As representações sociais

O pensamento desta nova espiritualidade repousa na capacidade de representar uma coisa mediante outra ou na capacidade de uma coisa representar algo mais que a si mesma, isto é, o pensamento simbólico. A génese do conhecimento desta nova forma de sentir a vida e o Todo resulta de um processo de comunicação complexo, tornando assim possível o pensamento simbólico e a natureza social do conceito em análise. Desta forma, torna-se possível reagrupar objetos, eventos e particularidades desta espiritualidade *New Age*, como algo que se transforma a partir de elementos e/ou propriedades que já eram comuns anteriormente, mas que estão a gerar símbolos abundantes e usuais que tornam possível toda a comunicação, quer ao nível da interação social de pequenos grupos de indivíduos quer ao nível das relações sociais coletivas, como por exemplo nas formas de produção cultural da pós-modernidade.



Desde já, podemos constatar algumas das diferenças entre o pensamento espiritualizado New Age na pós-modernidade e o pensamento racional que ainda radica da modernidade. A figura seguinte ilustra essas distinções, elencadas com base na lei de envolvimento e do pensamento científico da lógica formal observado entre culturas por Lévy-Bruhl (1976).



**Figura 11:** Caracterização do pensamento simbólico espiritual e racional.

### 2.2.1. Relação consigo mesmo

A linguagem é um dos meios pelo qual atualizamos a totalidade do mundo quotidiano, na medida em que é através dela que se estabelecem as relações sociais, em particular através da oralidade e da leitura (Berger & Luckmann, 1999, p. 51). Quando se pretende expressar, comunicar um juízo sobre uma pessoa, ou ter uma ação sobre alguém, haverá na verdade um pré-julgamento, porque para isso cada indivíduo terá de representá-lo através de conceitos, categorias e classificações que sejam capazes de atualizar tais declarações ou ações. Para tal, é imprescindível que esses conceitos e categorias tenham sido previamente desenvolvidas pela sociedade. Uma vez imerso na rede social, cada indivíduo adquire os atributos do pensamento que se dissemina entre

ela mesma, associando os mesmos sentidos e adotando comportamentos idênticos. Observamos então que, deste modo, a implementação de um sistema de representações, classificações, passam a fazer parte de um grupo social, seja ele pequeno ou vasto, e que as representações que um tem do(s) outro(s) depende do tipo de abordagem escolhida para o seu envolvimento nesse mesmo conjunto (Perez, 2004, p.p. 4-9).

Ora, em primeiro lugar, desde os povos primitivos a linguagem é um sinal como signo que expressa sentidos e significados, com alguém ou consigo próprio (Alleau, 1976, p. 181). Manifesta enunciados e/ou gestos simbólicos (*ibid.*). É através da linguagem que os sujeitos interpretam e comunicam as experiências que vivem, seja ela a realidade da vida quotidiana seja eles os sonhos. Ao comunicarmos produzimos sentidos dessa mesma ideia que representamos no pensamento (Berger & Luckmann, 1999, p. 51), primeiramente com o "eu" do indivíduo. Dentro deste contexto, os entrevistados produziram os seus sentidos e significados acerca da nova espiritualidade *New Age*.

Recordando Aldo Terrin (1992), o início da Nova Era das décadas de sessenta e setenta do século XX trouxe consigo "uma pausa de repouso e sonho, após a invasão das máquinas" (1992, p. 20), com a superação de todos os limites pessoais através da intuição trazendo aos espiritualistas da época uma liberdade pessoal, como "sinal de uma descoberta interior que supera a descoberta de novas galáxias e novos mundos ao nível do astrofísico" (*idib.*). Esta visão é, particularmente, partilhada pelo grupo geracional dos entrevistados mais velhos da nossa pesquisa.

"Sinto correntes elétricas em mim e agora se vou explicar isso a alguém chamam-me maluco. [...] Era ZZZZZZZZZZZZZZ [exemplificando o sim repetidas vezes] da cabeça aos pés. Mas não é uma corrente elétrica que nos leve à dor ou sofrimento, qual quê, aquilo era um extasy sem o ser. Foram vinte minutos assim. Um delírio incrível, pá. Acabei por dormir feliz, sempre a comunicar com Ele. [...] sabia quem era, era Aquele que eu procuro. Era Aquele que eu procuro. Era o criador do Universo. Ele não tem nome. O importante não é o nome, é o seu espírito e o seu caráter. Tinha eu uns vinte e tal aninhos" (H1).

Para os entrevistados, a vivência da espiritualidade é uma dimensão incontroável que ecoa pela eternidade, sem o formalismo das religiões tradicionais. Sobretudo, representa o respeito pela totalidade das esferas da vida.

"Aquilo que eu tento viver no meu dia-a-dia é o respeito por mim, o respeito pelos outros, o respeito pela mãe Natureza. Uma coisa é sentir,

outra coisa é encontrar as palavras para traduzir aquilo que se sente. A espiritualidade é algo que pertence a cada um de nós, no diálogo com o Universo, com a harmonia universal, tentando conjugar as várias forças, sendo elas de cima ou de baixo, da esquerda ou direita, tentando criar um caminho de diálogo com o superior, um superior que não quer dizer que seja um Deus criado pelo homem " (M1).

As narrativas descrevem que a espiritualidade modifica a visão do mundo para algo que é místico e que passa a adquirir características luminosas a partir das próprias características pessoais dos indivíduos que permitem ver que o mundo não é só material. A espiritualidade, conforme testemunham os vários grupos geracionais, dá uma nova noção à consciência. O mais importante para os entrevistados é mais "ser do que ter" (H1). O pensamento, seja positivo ou negativo, não pode mais ser "intoxicado" (H1) em termos espirituais, porque se acredita que tudo o que se sente e pensa terá um "efeito «boomerang»" (H1) na vida. A consciência do "eu" nessa busca pela espiritualidade, "abre caminho para sairmos" (M1), promovendo a reformulação de atitudes, valores e normas sociais, afetos, crenças, convicções, compaixão, emoções individuais e coletivas, gostos, identificações, ideias percepções, símbolos, saberes, ritos e rituais de purificação, preocupações alimentares, ecológicas e preocupações com a saúde.

"[A espiritualidade é] Transcendência é algo para além do material, neste é algo que está para além de nós. [...] É um bem estar que sinto apenas psicologicamente. É a nossa forma mesmo de estar com o mundo. Quase não se sente, é mesmo um estado de vivência. É um bocado fora do normal" (H3).

"Há mística e paixão, paixão de vida e entusiasmo [...] é ser eu mesma" (M2).

"Essa mística vem do envolvimento emocional, afetivo. [...] E a partir desse envolvimento emocional e que é parte da nossa maneira de ser, a nossa maneira de estar na vida, a nossa maneira de viver e de envolver-se com a vida e com a sociedade. Não é só como filosofia de vida mas como um respeito à vida" (H2).

Para os entrevistados, a mística representa a "simplicidade de ver a vida" (M2), intuitivamente, e onde "tudo é uno" (M1). A fé no mundo espiritual é uma das objetivações, isto é, a produção de um dos sinais tal como indicam Berger & Luckmann

(1999, p. 47) que, embora seja suscetível de ser utilizada enquanto sinal reproduz uma intenção desta nova espiritualidade.

"Esse mundo espiritual creio que veio comigo quem sabe de outras vidas, a fé é sempre uma coisa que está comigo, não preciso de muito convencimento para saber que tem presenças e que existem energias. Penso que é preciso espírito pleno. Cada uma traz um caminho, uma força" (M2).

"Se calhar devia rezar mais e não rezo mas tenho muito fé. [...]Sinto-me mesmo muito calma e sinto-me tranquila. E confesso que sinto que tudo vai correr bem, apesar de estar muito nervosa numa situação onde eu acho que vai correr mal ou ter um mau resultado" (M3).

Na relação consigo mesmo, a espiritualidade representa uma busca interior. Declara-se numa "descoberta" (M4) que permite encontrar "estados de calma e tranquilidade" (H3), estados de felicidade, através de pequenas coisas da esfera da vida quotidiana. Amplia os pontos de vista sobre a realidade. Apesar de ser uma "maneira diferente de viver que dá mais importância aos momentos e não às coisas materiais" (M4), a espiritualidade é, no entanto, ainda um assunto muito tabu, sobretudo, na relação com os outros.

"Até pode ser visto como falar da demagogia ou falar da imaginação, mas não é" (H1).

"Ao início foi estranho e ouvi várias coisas. No início eu relacionava a espiritualidade com a Igreja [Igreja Católica] e não aceitava esse facto mas depois comecei a entender a espiritualidade como algo mais próprio de cada um e não da religião" (H3).

"Tenho colegas minhas que não são católicas, que não tem religião e eu cheguei a comentar com elas que acredito em espíritos e isso, elas ficam assim, do género: "ai isso só os mais velhos é que acreditam nisso, não?! Acho que é mais um bocado receio, mas acho que ainda é assim um assunto um bocado visto de lado" (M3).

O tipo de relacionamentos sociais está efetivamente implicado num conjunto de operações de pensamentos individuais que quando interage coletivamente se depara com outro tipo de representações sociais (Perez, 2004, p.p. 4-9). Se a natureza do pensamento social é a comunicação por símbolos, então essa comunicação é mediada por processos inferenciais de interpretação que permitem a descodificação da mensagem

espiritual pelos sujeitos. Essa informação repassa socialmente codificada nas mais variadas formas de produção culturais. Lembramos, que o próprio pensamento dos indivíduos implica o uso de símbolos, daí que tanto pensamento social como pensamento mental impliquem a mesma natureza, isto é, a comunicação (*ibid.*). Ora, a plena consciência dos enunciados, das codificações, das linguagens e dos conteúdos (Durand, 1996, p. 137) está então também impressa nos discursos oficiais das formas culturais *New Age*.

Na obra de Lizette Abraham, "Un laboratorio para mundos imaginarios", a fotógrafa mexicana desafia-se em retratar o mundo onírico, dos sonhos, através da fotomontagem cénica onde dramatiza a dimensão fantástica da sua mente. Para Lizette Abraham, o conceito é tudo, usa a ironia como uma ferramenta para comunicar a sua mensagem. Cada imagem tem como referente criar cosmos complexos de uma realidade alternativa, conforme ilustra a figura seguinte.

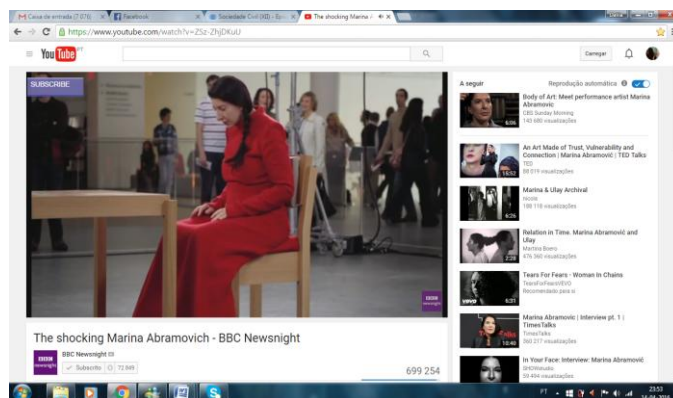


**Figura 12:** Construção de uma realidade paralela da fotografia Lizette Abraham onde joga com o corpo e o mundo da fantasia.

Tal como indica Clive Bell (1949), a arte afeta a vida dos homens uma vez que "emociona-os até ao êxtase" pois a arte também é afetada pela vida (1949, p. 59). E é disso que se trata ao observarmos as fotografias de Lizette Abraham, é possível identificar cada pormenor da montagem cénica na sua criação introspectiva, como uma crítica de si mesma e como uma observadora do mundo exterior que o transforma em ficção e fantasia. A identidade dos personagens que habitam o pensamento utópico, é questionada cobrindo os corpos entre tecidos, seu material favorito. Não importa se as

mulheres ou os homens são os protagonistas da fantasia interior, mas os gestos e a força com que eles interpretam suas lutas pessoais.

No campo artístico, os exemplos de reprodução de emoção extrema, tal como indicou Bell (1949), reproduzem-se vorazmente na pós-modernidade. A vida emocional tão característica da espiritualidade, quando expressa numa obra de arte, ela é um meio para a exaltação de estados de transcendência (*ibid.*). Podendo afetar a vida prática, "[...] a arte está relacionada com a vida espiritual, à qual dá e da qual recebe" (Bell, 1949, p. 59). Em 2010, a artista performativa Marina Abramovic enveredou pela experiência de explorar as relações entre a artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente. Durante a exposição no MOMA, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, a artista ocupou todos os seis andares do edifício com uma retrospectiva da sua carreira iniciada na década de sessenta, do século XX. No decorrer do evento, foi aqui que aconteceu a mais mediática performance da sua carreira, "O Artista Está Presente". A criadora ficou durante os três meses de exposição disponível ao público. Quem quisesse podia ficar a olhar para a artista, o tempo que quisesse, só que sentado frente a frente com a artista, olhando-a diretamente. Nesta performance, Marina passou mais de 700 horas sentada numa cadeira sem se mexer (ver figura 13).



**Figura 13:** Captura de ecrã da performance "O Artista Está Presente" de Marina Abramovic (Doc 08).

Outros exemplos que ilustram a emoção expressa numa obra de arte como se "brotasse das profundezas da natureza espiritual do homem", tal como referia Bell (*ibid.*), é o trabalho de escultura de Monir Shahroudy Farmanfarmaian (Doc 22). A artista sempre acreditou nas possibilidades transcendentais de espelhos. O entrelaçamento intrincado de padrões geométricos, bem particulares na obra de Monir,

corresponde a Sufi cosmologia e as aspirações de meditação e espirituais do design abstrato, uma característica da arte islâmica em toda a história, conforme ilustram as imagens seguintes.



**Figura 14:** Captura de imagens de esculturas de Monir Shahroudy Farmanfarmaian, Exposição no Museu de Serralves, no Porto, em 4 de dezembro de 2015 (Doc 22).

A artista iraniana Monir Shahroudy Farmanfarmaian, mais conhecida como Monir, trabalha as superfícies das suas esculturas abstratas e em relevos, assim como algumas de suas colagens, cobrindo-as com pequenos pedaços de espelho em forma de mosaicos abstratos. "Monir Shahroudy Farmanfarmaian: possibilidade infinita. Espelho Obras e Desenhos 1974-2014", compreende 80 obras, com reflexões sobre espaço, tempo e infinito.

Os símbolos do pensamento espiritual estão ainda presentes noutros exemplos artísticos como o Projeto ART21, de origem norte-americana (Doc 12).

" [...] Como a arte contemporânea pode abordar a ideia de espiritualidade? Como os artistas que trabalham hoje podem revelar e perguntar comumente e realizar suposições sobre fé, convicção, meditação e símbolos religiosos?" (Doc 12).

A "Arte no Século XXI" é uma série de documentários do projeto ART21, onde "Espiritualidade" é o título de um deles, e no qual se exploram estas questões através do trabalho dos artistas Beryl Korot, Ann Hamilton, John Feodorov, Shahzia Sikander, e James Turrell. Esta série foi emitida em Portugal, em horário noturno no canal 2 da RTP, em 2015.

Uma outra evidência que a espiritualidade está cada vez mais embrenhada na sociedade portuguesa é o aproveitamento do tema como assunto a explorar em diversas

reportagens e programas de debate emitidos pelos diversos canais de televisão, em sinal aberto, no país. As experiências místicas contêm uma carga emocional enorme e a capacidade de conquistar audiências. Ao mesmo tempo, a transmissão desta informação potencia a transformação do comportamento posterior daqueles que as vivem. Conforme já demonstramos, a mudança do "eu" está profundamente ligada à experiência mística. O mesmo indicam diversos testemunhos registado em "A Grande Reportagem SIC - Uma questão de Fé"<sup>23</sup> (Doc 35), emitida em 23 de abril de 2016, e que indicam que: "A diversidade religiosa cresceu muito no país".

"Foi essencialmente porque encontrei-me a mim mesma e sinto-me equilibrada com a minha parte emocional e espiritual"(Doc 35).

"Para mim a religião é diferente de fé. A religião muitas vezes divide. A religião muitas vezes divide porque é baseada no esforço humana e na tentativa de agradar a Deus. A fé é baseada em Deus em quem eu creio e acredito" (Doc 35).

A reportagem inclui o depoimento de uma engenheira de formação, Ana Oliveira, que após a perda de um ente querido afetou a sua saúde procurou no Umbanda as respostas para a sua espiritualidade. Converteu-se em «filha de santo» depois de ter crescido na religião católica, frequentado a catequese e ter sido catequista. Alega que o que a fez mudar "foi essencialmente porque aqui - no Umbanda - encontrei-me a mim mesma e sinto-me equilibrada com a minha parte emocional e espiritual". A fé é o pilar de João Viana, pedreiro. Não tem religião mas refere que constrói a vida em nome de Deus. As dúvidas para a espiritualidade encontraram resposta na fé sem religião.

"Sou um homem de muita fé porque acredito piamente naquilo que me aconteceu há muitos anos atrás, tinha 12 anos, um encontro sobrenatural com Jesus Cristo. [...] Eu queria mexer-me, queria virar a cabeça para outros lados, mas não. Parecia que tinha uma mão a segurar-me no peito e tudo aquilo que eu tinha perguntado a Deus, Ele respondeu-me porque é que na minha vida quase tudo dá errado quando na verdade eu não mereço isso. [...] Não tenho religião. Jesus quando veio, não veio para dar religião a ninguém. Por isso eu quero é ter vida e sem estar

---

<sup>23</sup> «<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagem/sic/2016-04-21-Uma-questao-de-fe>»



catalogado a nenhuma instituição. [...] Sou um apaixonado por Jesus e gostava que um dia as pessoas percebessem o quão real ele é" (Doc 35).

Na reportagem, Frei José Nunes chega mesmo a considerar que: "O numero que pessoas que se dizem sem religião aumentou. Há uma secularização crescente, muito significativa, da sociedade portuguesa" (Doc 35) e que isso traduz-se na indiferença perante as instituição religiosa dominante, em Portugal.

### **3.2.2. Relação com o(s) outro(s)**

Após a modernidade ter subjugado a natureza através da total "dessacralização", na pós-modernidade o *New Age* transforma tudo em compaixão e respeito por tudo, tal como refere Terrin (1992). Nesse sentido, a espiritualidade que aqui abordamos, serve de instrumento para aquilo que Terrin (1992) indica como um altar da experiência religiosa global que invoca "um novo Deus como tutor da harmonia violada do universo" (1992, p. 20). Este Deus que agora se apresenta exige atributos e características bem distintas do Deus das religiões, como algo que está acima no espaço sagrado e que reconcilia a natureza e os cosmos, o "eu" e os "outros", de forma una.

Quando o sistema social é pouco diferenciado e mais homogéneo levará a operações mentais marcadas sobretudo pelo princípio da participação mística, isto é, pela união por laços invisíveis entre qualquer ser com qualquer outro ser, e uma menor sensibilidade ao princípio da não-contradição, adverte Perez (2004, p.p. 4-9). É desta forma que se traduzem as mudanças que verificamos através dos testemunhos recolhidos na nossa pesquisa.

"As relações na minha vida mudaram no sentido de serem mais ponderadas, menos ambicioso, analisar a felicidade nas coisas simples. Portanto, todas estas coisas ajudam a encarar a vida de uma forma diferente" (H1).

"[Ser espiritualizado] é o ligarmo-nos a nós próprios em primeiro lugar, aos outros e à Natureza. [...] penso que sou senão não era eu. É uma busca serena de abertura. Agora não tenho nem vidros, nem janelas, nem portas, nem nada. É saber que todas as pessoas que me cercam, mesmo

aquelas que aparentemente são jovens e parecem que nada tem a dizer ou são de idade e presas aos seus conceitos, tenho aprendido tanto com essas pessoas e é muito bonito porque vejo-me e revejo-me no outro. É tudo tão grande e tão uno que eu não sei onde é que começa uma coisa e acaba outra. É tudo uma simbiose onde mergulhamos uns nos outros e em tudo. Buscamos mas é uma busca mais de abertura" (M1).

"Com os outros, como é um todo e que é interligado, funciona e é espontâneo. Uma coisa que flui. Não é algo só porque escutaram. Quando escutas uma criança e ela está a falar em momentos de brincadeira, quando está a falar sem estar a ser observada porque está sendo ela mesma então ela é uma pequena sábia porque não está a repetir os discursos dos adultos e está sendo ela mesma" (M2).

Segundo os entrevistados da nossa pesquisa, o pluralismo das imagens espirituais que foram sendo configuradas mentalmente pela descoberta do "eu" profundo místico, transfere-se para a relação com os outros nas expressões da vida quotidiana. Para solidificar as crenças nesta nova forma de viver a transcendência, o imaginário representado mentalmente é materializado na linguagem enquanto forma para comunicar a vivência dessa experiência e, em certa medida, também tentar obter uma confirmação exterior através do outro. E isto é transversal nas gerações.

"Acredito muito na espiritualidade mas se calhar também vem muito da minha mãe que também sempre me incutiu um bocado disso e acredita muito nisso... Foi de geração" (M3).

"Agora não tenho nem vidros, nem janelas, nem portas, nem nada. É saber que todas as pessoas que me cercam, mesmo aquelas que aparentemente são jovens e parecem que nada tem a dizer ou são de idade e presas aos seus conceitos, tenho aprendido tanto com essas pessoas e é muito bonito porque vejo-me e revejo-me no outro" (M1).

"Em criança era mais calma e por exemplo perguntava muito em relação à fé. Por exemplo, a religião católica muitas vezes - que a minha família é católica - muitas vezes rejeitei e perguntava vezes sem conta: e porquê? e porquê? e porquê? questionava não é. Mais jovem, já na universidade, conheci um homem fantástico, um homem espiritual, um argentino que foi fazer umas conferências lá na Venezuela e depois fazer umas formações, e eu participei diretamente com ele... [...] Era um homem que falava da espiritualidade aberta, de metafísica, enfim, de espiritualidade, e então comecei a refletir e não só eu, a minha mãe comigo. Eu levava informação - ouvia - e trazia para ela e ela ouvia e contava comigo e então as duas ... Foi muito interessante. Eu inclusive comecei a entender muitas coisas da minha própria vida e da relação com o meu pai. O meu

pai como militar ele era muito autoritário e rígido... mas amoroso. Era como um cão que ladra mas não morde. (risos). Mas quando era adolescente, obviamente que essas coisas... mas ele - esse homem espiritual - dizia sempre: não enfrentes o teu pai, pois ele foi uma escolha tua. Então essas coisas como outras que ele dizia, abriram muito a minha mente e não esqueço. É um mestre" (M2).

A comunicação é o pensamento por símbolos. Consiste em representar uma coisa por outra, num processo de inferências através do qual de uma informação se extrai uma outra através da interpretação que cada um de nós faz da mensagem que recebe, isto é, na codificação e decodificação que mentalmente cada um estabelece em prol da mensagem que recebe. Isto aplica-se a todos os contextos da vida. Seja nos processos de comunicação que estabelecemos na vida com o(s) outro(s), seja na comunicação que recebemos via televisão, cinema, livros ou internet. Tudo é comunicação, assim como tudo implica pensamento simbólico. Um desses exemplos é o projeto "Crescer com Reiki"<sup>24</sup>, em Guimarães, e que está a ser desenvolvido na Escola João de Meira, em Guimarães, enquanto projeto piloto. A responsável pelo projeto refere tratar-se de um desafio grande, pois envolve os alunos de uma "turma de vocacional", onde os alunos são "difíceis". E relata:

"Um dia especial para mim porque foi dia de sintonização. Vinha mesmo muito feliz. Acompanho-os há cerca de dois meses e vim mesmo muito contente porque aqueles miúdos nestes dois meses já mudaram imenso. Nós temos quase 3 horas e consegui ter períodos de trinta minutos em que eles tiveram num silêncio total. Eu só olhava e pensava: ah, já conseguimos qualquer coisa. É mesmo muito gratificante" (Doc 02).

A aplicação do Reiki em contexto escolar tem evidenciado mudança de atitudes perante os medos, ansiedades, falta de amor próprio ou na falta de autoestima e de confiança dos indivíduos, tal como indicam os responsáveis pelo projeto.

"O que mais tenho encontrado nos nossos jovens é a carência, muita carência mesmo, muita falta de amor próprio, os mais pequeninos

---

<sup>24</sup> «<https://www.youtube.com/watch?v=1edcHOaqTm4>», Link da "Grande Entrevista" rubrica quinzenal da Rádio Fundação, em Guimarães. A entrevista sobre o Reiki nas escolas foi para o ar no passado dia 5 de Fevereiro de 2016, entre 19h e as 20h. As entrevistadas são: Sílvia Oliveira, Coordenadora do núcleo de Guimarães do Centro Português de Investigação e Formação em Terapias Complementares e Helena Sousa, docente na Escola EB 2,3 João de Meira (Guimarães) onde o projecto "Crescer com Reiki" está a ser implementado.

referem muitas vezes que precisam de ter muito mais calma porque são muito nervosos e dizem mesmo: eu quero o reiki para me acalmar" (Doc 02).

Nesta entrevista, as reikianas indicam que há "imensas escolas a pedirem" (Doc 02) a disseminação do projeto. No futuro, o reiki será aplicado em escolas do concelho de Santo Tirso como expansão da ideia.

Apesar dos indivíduos nascerem culturalmente condicionados, a cultura por si só está nos modos de estar e de viver, nas formas como se apresenta socialmente.

As ideias da espiritualidade, da transcendência humana, do domínio interestelar do qual falam os movimentos espirituais *New Age* estão presentes em diversos domínios da cultura pós-moderna. Na música, a eletrónica e a tecnologia digital têm permitido que a criatividade se expanda para um universo quase mágico desse transcendente. Numa breve pesquisa pelos motores de busca da internet é fácil encontrarem-se referências a esse nível, reproduzindo através das notas musicais a linguagem simbólica da espiritualidade. Um desses casos é o coletivo musical Aythar em "The Last Cosmic Tour"<sup>25</sup>. Toda a produção deste estilo musical implica o recurso a batimentos binaurais, os mesmos que são utilizados e disponibilizados por diversos movimentos espiritualistas com a finalidade de atingirem estados de transcendência e iluminação espiritual sem recurso a drogas químicas, apenas através da audição de trechos de batimentos binaurais que se encontram disponíveis em plataformas virtuais como o Youtube. O acesso é, como se pode verificar, fácil e remete para um estilo de vida, uma filosofia, um modo de estar e de ser condizente com estes mesmos movimentos da Nova Era. Já anteriormente referimos como exemplo a publicidade do automóvel DS3 da Citroen. Outros produtos seguem o mesmo padrão cultural: o grupo norte americano Network For a New Culture (Doc 16) que é uma reprodução de um grupo inspirado na comunidade alemã ZEGG ("*Center for Experimental Cultural Design*").

---

<sup>25</sup> «[https://www.youtube.com/watch?v=qGdNV64qA\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=qGdNV64qA_A)»

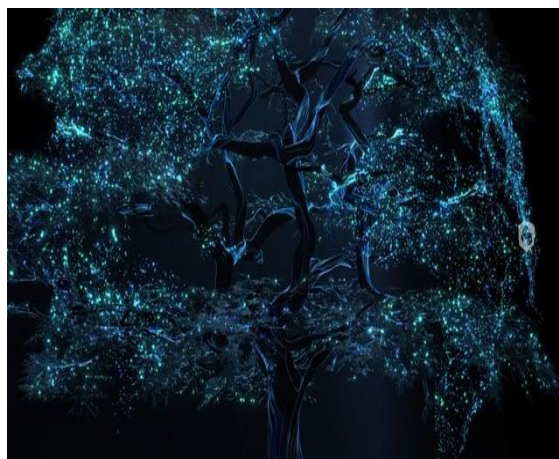


**Figura 15:** Captura de ecrã de computador do site da Network For a New Culture (Doc 16), em 7 de novembro de 2014.

O significado de luz<sup>26</sup> e de espiritualidade do qual falam os movimentos espiritualistas tem merecido amplo destaque na publicidade, reproduzindo os sentidos de luminosidade que antes eram difundidos através dos movimentos da Nova Era. A propaganda do sistema cultural *New Age* confere assim os atributos do espírito, da alma encarnada. Essa mesma ideia/sentido/lógica encontra-se reproduzida, por exemplo, na Aixsponza (Doc 13). Desde 2006, a equipa de designers e *geeks* da tecnologia alemã está a produzir animações para grandes e pequenos orçamentos que contam histórias. O objetivo é proporcionar "prazer visual" ao público através de imagens particularmente fluídas, luminosas, que se criam e cocriam constantemente e com imensa facilidade perante processos mais complexos. A Aixsponza trabalha sobretudo para "animações que se podem agarrar" (Doc 13) e adaptáveis à sua "nova forma visual da vida" (Doc 13). As suas produções são, sobretudo, à base de *motion graphics*, animação 3D, efeitos visuais e design gráfico, conforme ilustra a imagem seguinte<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Iluminação, claridade, radiação luminosa do espírito rumo à fonte, isto é, Deus. Trata-se da definição mais amplamente difundida através de reikianos, espíritas, taoístas, entre outros movimentos espirituais da Nova Era.

<sup>27</sup> O vídeo "Tree of Light - Terra Mater Cine & TV Signation", da Aixsponza, encontra-se disponível através do seguinte link: «<https://vimeo.com/48289440>»



**Figura 16:** Captura de imagem do vídeo " Tree of Light - Terra Mater Cine & TV Signation", da Aixsponza, em 9 de dezembro de 2014.

Do ponto de vista humano, a luz é uma das energias mais interessantes, pois, enquanto signo ela revela imensos significantes e demonstra o quanto pequeno pode ser o alcance da visão dos sujeitos. A nossa abordagem fará uma breve reflexão através dos significados, signo, sentidos e observações possíveis de captar ao visionar-se o vídeo publicitário do modelo DS3 da marca Citroen<sup>28</sup> através do modelo de análise da imagem fílmica no seu enquadramento e ponto de vista<sup>29</sup> (Aumont & Marie, 2009).

No estudo do mundo das representações e da linguagem, tudo aquilo que se capta do momento através da visão representa um primeiro momento, apenas. Quando nos aproximamos da imagem, identifica-se uma segunda característica: a relação da luz como um pano em movimento. A proximidade do objeto perante a visão do observador permite desvendar dúvidas e vislumbrar mais além os seus sentidos e significados. Deste modo situamos o mundo à nossa volta, primeiro os objetos que surgem na mente com potenciais qualidades, depois procurando uma relação de identificação e, por fim, a interpretação do objeto pela mente. Nesta tríade de classificações e inferências, demonstramos a existência dos objetos e das suas representações em formas de signos os quais estão presos à interpretação mental dos sujeitos. Nesse sentido, o signo substitui o objeto na mente dando corpo à linguagem e base aos discursos que tecemos sobre aquilo que vemos, isto é, permitindo que os indivíduos reconheçam e interpretem

---

<sup>28</sup> «<https://www.youtube.com/watch?v=iMudVfX67PQ>»

<sup>29</sup> Aumont, J. & Marie, M. (2009). *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto Grafia.

o mundo a partir de inferências da mente. Tal como descreve Peirce: *Primeiridade, Secundidade e Terceiridade*.

Ao destacar a luz como "ator principal", a marca Citroen destaca o signo da luz como uma proposição bem certa ou necessária ou também corresponde a uma opinião. A luz surge como signo linguístico de "símbolo" principal central de toda a imagem fílmica da publicidade ao modelo DS3, nasce de um farol LED, assume a dimensão de energia colorida em ondas, sete ondas com as cores da luz branca, irradiando os espaços públicos, as pessoas, as fontes e o rio de Paris. Esta luz pode assumir o significante de raio que pode ser decomposto em várias ondas (cores), com funções de um amplo espectro colorido que ilumina o observador, ilumina os espaços públicos e ilumina ainda as pessoas com quem ela se cruza enquanto atributo da alma.

A luz manifesta-se em diferentes corpos e lugares na imagem fílmica em análise. Trata-se da "estrela" da narrativa mergulhada em vários contextos da paisagem urbana da cidade de Paris, a cidade-luz referência do Iluminismo. Não é uma luz qualquer, ela nasce a partir de um objeto físico, o automóvel, e apresenta-se em diversas cores, tal como um arco-íris. Neste sentido, a luz enquanto signo central ganha várias formas significantes: natureza simbólica histórica através do que Paris representou historicamente através do Iluminismo; ela materializa-se ao ganhar forma, vida e expressão física quando, a partir de um objeto físico - os faróis do automóvel, em LED - ganha dimensão de objeto físico e se move em diversos cenários da cidade, quase se fundindo nas restantes luzes dos diversos cenários urbanos. Trata-se o elemento mais regular em todo o filme e surge em diversos planos.

Os recursos visuais usados e a intenção de provocar efeitos em quem assiste à publicidade da marca Citroen ao modelo DS3 apresenta recursos visuais que são significantes. A luz surge como a ideia principal que se constrói a partir de diversos aspetos e aparece com múltiplos significantes, os quais permitem tentar inferir várias ideias que lhe estão associadas.

No corpo do filme detetam-se, independentemente da lógica do seu desenrolar, uma série de planos que tentam dar conta da totalidade do sistema visual (2009, p. 116) da luz. Os traços característicos do enquadramento e do ponto de vista da luz repetem-se durante todo o filme e remetem para uma reflexão sobre a perceção visual da luminosidade: as relações semânticas entre os planos existem na sua coincidência com as relações visuais (2009, p. 116). O enfoque no trabalho da câmara em relação à narrativa, permite situar o ponto de vista adotado pela câmara e as suas variações -

movimentos de câmara - mais ou menos independentes da posição dos personagens. De fato, a luz, como personagem central, multiplica-se e movimenta-se nas ruas de Paris, nos espaços culturais míticos da cidade-luz europeia, de forma ondulante tal qual o rio Sena que surge em segundo plano numa das cenas e no qual as pessoas que circulam na sua margem parecem serem banhadas pela luz como se fossem engolidas e se difundissem no rio-luz que acompanha o Sena. Esta ideia da luz que se funde com os elementos da Natureza, como a água, repete-se no decorrer do filme. Como apontamento desta reflexão, destaca-se a sua presença fundida na água de uma fonte de Paris, onde a luz é água mas também o ar - pois ela movimenta-se pelo ar - e é também terra pois se expressa na iluminação pública da cidade como materialização enquadrada ao longo de todo cenário fílmico. Nesse sentido, a luz "é também um significante do ponto de vista da instância narradora e da enunciação" (Aumont & Marie, 2009, p. 111).

A luz supõe uma colocação da câmara e o ponto de vista de um observador. Neste caso, a luz permite demonstrar uma estruturação da ação ininterrupta e examinar a inscrição espacial da ação. Surge enquanto precisão das escolhas de enquadramento enquanto seleção de um ponto de vista sobre um acontecimento encenado e de uma distância relativamente a esse acontecimento. No filme publicitário em análise, a luz surge como manifestação de um ponto de vista que implica que este "não seja atribuível a nenhum personagem, exceto a do próprio homem da câmara de filmar, relativamente abstrata" (Aumont & Marie, 2009, p. 111).

A imagem implica um ponto de vista, isto é, um ponto onde se coloca a câmara, no qual todo o trabalho de rodagem concentra-se no movimento onde se determina o ponto de vista sobre o acontecimento. "Esse ponto de vista é então pensado como algo radicalmente heterógeno em relação à representação e à função narrativa" (2009, p. 112). A relação representativa e não-teatral do signo principal, ou seja, da luz, é expressa por um acréscimo de centramento de imagens, cujo objetivo visa "apanhar o acontecimento na totalidade" de forma a conseguir também uma "relação mais direta com o objeto filmado". Esta é uma maneira de tratar a profundidade da luz com as características da frontalidade do enquadramento e da distância da câmara à ação filmada. Os rostos que se encontram no filme são escassos e quase inexistentes, pois, são frequentemente mergulhados e/ou difundidos pela luz em movimento. A frontalidade da filmagem dos objetos, tais como os edifícios públicos da cidade de Paris, as fontes, o rio Sena, a Torre Eiffel que surge iluminada em profundidade e as pontes são elementos que indicam, como distância mais frequente, a do plano aproximado da luz colorida que nasceu do



automóvel. A luz inerente à cidade surge em planos mais distantes na utilização abundante de superfícies e de tons uniformes que duplicam a superfície do enquadramento, por exemplo, nas fachadas dos edifícios para mostrar a distância exata que permite garantir e traduzir por imagens a proximidade e distanciamento do movimento da luz e da participação que os personagens conseguem.

A câmara ocupa uma posição sempre móvel, determinada por uma lógica espacial que pode abrir uma perspetiva ou apenas mostrar um determinado espaço detrás de toda a série de efeitos óticos. O tratamento deste ponto de vista relaciona-se com o espaço fora-de-campo. O espaço da estória situa-se no enquadramento da cidade-luz Paris, conforme já descrevemos, mas também surge inserida no pensamento lógico do Ano Internacional da Luz e da luz enquanto um atributo referente individual e social que é também de cariz coletivo. Este atributo reforça o argumento da publicidade com um apontamento final da palavra escrita: *light reveals you*.



**Figura 17:** Captura de ecrã da publicidade filmada em Paris, do modelo DS3 da Citroen, numa campanha apresentada na televisão francesa em 2015.

É precisamente a identidade que permite a identificação com os grupos culturais. A definição da identidade do sujeito apresenta as mesmas singularidades da identidade coletiva. Uma reflete a outra. Uma é o espelho da outra porque ambas são construções sociais. A identidade não pode ser entendida como algo estático; ela molda-se e volta moldar-se. Apresenta propriedades flexíveis e moldáveis características da liquidez da qual fala Bauman (2012). As marcas de automóveis parecem ser as que mais exploram essa simbologia. Um outro exemplo é a campanha publicitária da "Mercedes-Benz

Classe E - Mais do que inteligente, intuitivo"<sup>30</sup> (Doc 34). O texto do vídeo comercial é bastante elucidativo a propósito do uso de representações puramente espirituais:

"O que é a intuição? É um sexto sentido que o faz desviar-se no momento certo se o impacto for inevitável. É um automóvel que sabe exatamente o que precisa dele. Bem vindo à era da condução intuitiva. Novo Classe E. Mais do que inteligente... intuitivo. Mercedes Benz, the best or nothing" (Doc 34).

A experiência individual profundamente marcada pela identidade, ou mesmo a ação humana, são formas evidentes como os indivíduos vivenciam e aprendem esses símbolos sociais inerentes ao contexto cultural. Uma peça de teatro, um livro ou um filme podem ser pensados de modo a expressarem um dado contexto cultural, assim como uma publicidade pode carregar consigo a mensagem subliminar de sentidos inerentes a esse mesmo contexto cultural social. Os produtos de uma cultura vão ainda mais além, nas suas práticas sociais correntes. Contudo, é a experiência que consolida culturalmente a tendência cultura em que se habita. Como a vida é feita de experiências que, no entender de Giddens (2002), "[...] passa a ser estruturada em torno de limiares abertos de experiência, e não mais de passagens ritualizadas" (Giddens, 2002, p. 238), então os rituais passam, que passam a ser "uma referência externa", mas que não nos parecem estar em declínio. Antes sim, em processos de transmutação, como mais adiante frisaremos.

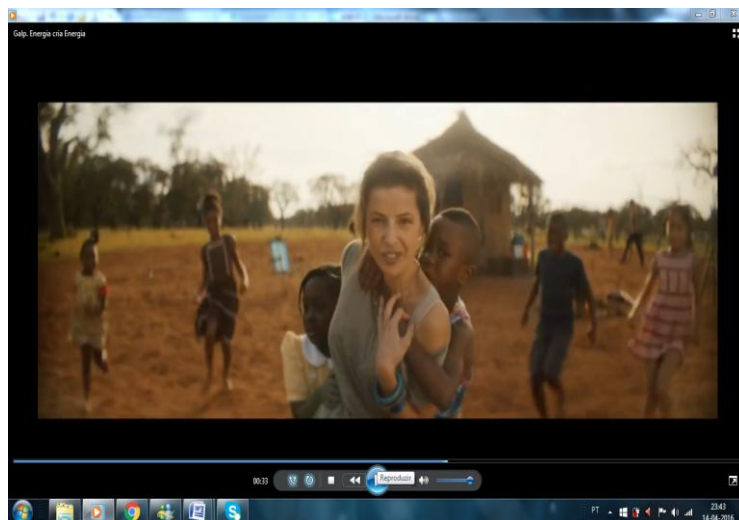
O mundo natural, o mundo das emoções, dos sentimentos, das pequenas realidades dos indivíduos pode até terem a sua densidade (Terrin, 1992, p. 20). Mas em prol desse retorno ao espírito, as narrativas apontam que se está disposto a renunciar à análise e aos cálculos científicos, em suma, ao exagero da racionalidade. E os responsáveis do marketing já percebem isso.

Tudo é mais leve e feliz. Para ir ao encontro deste novo pulsar simbólico no imaginário dos portugueses, a empresa GALP lançou uma campanha de marketing, em fevereiro de 2016, para a comercialização da sua energia, "re"criando um símbolo puramente místico, a energia. Duas das frases que melhor traduzem essa simbologia são:

---

<sup>30</sup> Vídeo da campanha publicitária da "Mercedes-Benz Classe E - Mais do que inteligente, intuitivo": «  
[https://www.youtube.com/watch?v=u\\_TVh8U8q2I](https://www.youtube.com/watch?v=u_TVh8U8q2I)»

"A tua energia cria mais energia"; "o teu amor cria mais amor" (Doc 07), conforme ilustra a figura abaixo.



**Figura 18:** Captura de ecrã de computador da publicidade Galp, em fevereiro, 2016.

Os indivíduos reinventam-se neste novo conceito de espiritualidade, voltando para si próprios, na busca do seu “eu” interno. Ao mesmo tempo ele abre-se de novo para os outros, para mundo e para o cosmos, no sentido da partilha, da fusão. As formas culturais desta nova cultura fazem uso massivo daquilo que Michel Maffesoli (2010) refere como a "utilização mágica da tecnologia". O irreal pode advir do imaginário, sobretudo onírico, tal como indica Rabot (2009a), mas neste ponto de mutação (Capra, 1982) a espiritualidade assume dimensões amplamente propagandeadas através dos *mass media*. A grande indústria cinematográfica soube agarrar estas evidências e tem lançado para o mercado inúmeros produtos alusivo ao tema. Um caso recente foi o filme "Hereafter"<sup>31</sup> (Doc 32), realizado pelo ator Clint Eastwood. O filme é baseado em três histórias reais que envolvem uma jornalista francesa, um médium norte-americano e um menino de dez anos com uma profunda ligação ao irmão gêmeo que morre atropelado. O enredo apela a uma reflexão meditativa e profunda em significados sobre o desejo humano de conhecer mais sobre a vida após a morte e se comunicar com os mortos.

---

<sup>31</sup> Fonte: <<http://www.spiritualityandpractice.com/films/reviews/view/20313>>, data de recolha: 15 de fevereiro de 2016.

"Precisamos de tempo para vasculhar os muitos significados emocionais e espirituais transmitidos nas experiências dos três personagens principais. Eastwood e Morgan se recusam a tomar partido a favor ou contra médiuns psíquicos, a natureza última das experiências de quase morte, ou a comunicação entre aqueles de nós neste mundo e aqueles do outro lado. Em vez disso, permanecem em aberto a essas possibilidades e sua relevância para aqueles cujas vidas foram transformadas por essas experiências de amor" (Doc 32).

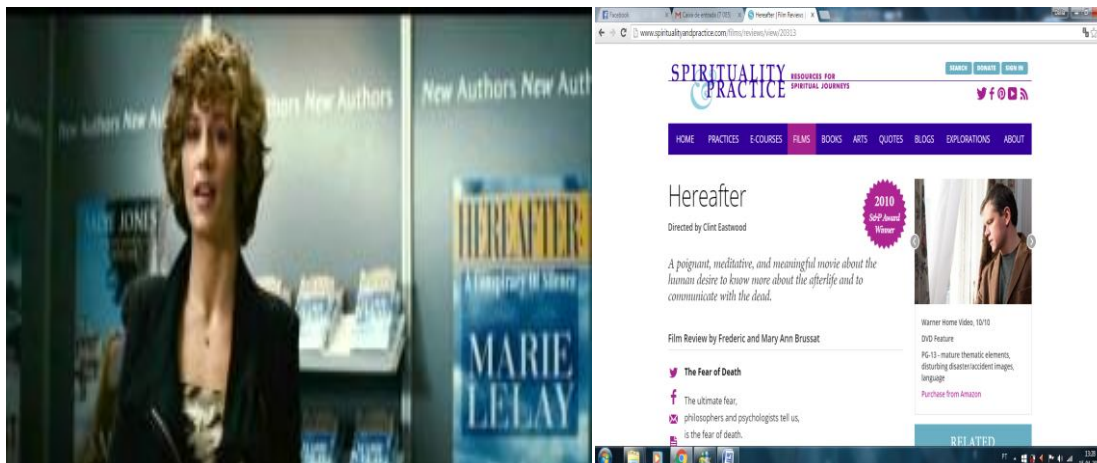


Figura 19: Captura de ecrã de computador de cena (à esquerda) e da sinopse (à direita) do filme "Hereafter".

Das telas do cinema para a tela das televisões, outros modelos são difundidos, em particular, as séries documentais alusivas aos símbolos da espiritualidade e da fé, como é exemplo A História de Deus” contada por Morgan Freeman em diversos episódios produzidos pela National Geographic. Um outro exemplo é o documentário "Encontrando a Felicidade" (Doc 32), transmitido pela RTP2, em 1 de abril de 2015. Aborda as vivências e práticas da comunidade espiritual Ananda (Doc 15). A comunidade é uma organização global espiritual e de serviço social fundada por Shrii Shrii Anandamurti (Prabhat Ranjan Sarkar), em 1955. Em Portugal, intitula-se Ananda Kalyani e apresenta-se publicamente como um grupo de pessoas inspiradas pelo sonho comum de criarem um novo modelo, uma sociedade sustentável que promova o desenvolvimento humano integral, com linhas orientadoras, valores e objetivos baseados na perspectiva Neo-Humanista da vida, tal como foi ensinada por uma das suas organizações fundadoras, a Ananda Marga.

Estas são novas formas de olhar a espiritualidade e só são compreensíveis dentro do contexto geral da cultura em que foram criados.

### 3.2.3. Relação com a Natureza

A natureza é o novo espaço sagrado onde se aprecia a experiência e o reconhecimento dessa sacralidade espiritual *New Age*. Consideremos então a natureza como uma dimensão espiritual do ser humano, sacral, em ruptura com o simbolismo da destruição e da violência e a visão mecanicista anterior à pós-modernidade. O "retorno", por assim dizer, à natureza e aos cosmos no pensamento pós-moderno é manifestado, principalmente, como ecologia nos seus mais profundos e múltiplos significados. Ao mesmo tempo, a natureza e a espiritualidade provam serem inseparáveis. Quem busca realizar-se através do transcendente assiste como inconcebível não estar em conexão com o todo, a natureza, o universo. A consciência para a sacralidade da natureza promovida por Fritjof Capra (1983) expandiu-se com o desenvolvimento da física quântica e pelas concordâncias que ela trouxe relativamente às espiritualidades provenientes do oriente, rompendo com alguns dos conceitos mantidos como verdades absolutas pela física teórica. Neste sentido, a ecologia e espiritualidade estão ainda mais inseparáveis na pós-modernidade.

Nas últimas décadas, a ecologia tem reforçado o seu poder sugestivo de gerar emoções, motivações, necessidades e desejos que se traduziram como preocupações e aspirações dos indivíduos para a preservação da natureza. Assim, extrapolando para a vivência em sociedade, cada sujeito é capaz de criar um "cosmos especial próprio dentro do cosmo natural", tal como observa Elias (1990, p. 36). O cosmos espiritual criado pelos nossos entrevistados é expressão disso mesmo:

"Aquilo que eu tento viver no meu dia-a-dia é o respeito por mim, o respeito pelos outros, o respeito pela mãe Natureza. Eu não queria ligar-me ao formal, fosse como fosse de qualquer forma. Há outras palavras, se não houver cá nos entendemos. E comecei a voltar-me para a Natureza. Os meus tempos eram escolhidos ou nos altos dos montes ou junto à praia, junto ao rio fechando os olhos e transportando-me para onde quer que seja. Depois comecei a viajar pelo mundo fora" (M1).

"Cresci com essa sensibilidade social e ambiental. Tenho um compromisso com o ambiente e compreende-lo, não como uma peça só, mas como uma rede de vidas, de ecossistemas interligados" (H2).

A ligação entre ecologia e espiritualidade não é difícil para destacar e aplicar nas diversas esferas da vida quotidiana. O vínculo exige o conhecimento, que por sua vez leva ao conhecimento de si mesmo, como se fossem ambos feitos das mesmas qualidades, homem e natureza. Essas são as impressões mais facilmente transmitidas pelo grupo geracional novo.

"Basicamente sinto-me melhor comigo, sinto-me mais calma, ajuda-me sempre e muitas vezes [estar perto da Natureza] nem é para desenhar, é só para relaxar e pensar. Viajo um bocado. Muitas vezes até adormeço por me sentir mesmo calma, quando acordo sinto-me muito mais leve" (M4).

"A minha postura perante a natureza manteve-se a mesma porque sempre acreditei que houvesse algo mais e quanto a isso mantive. Apenas acredito mais nas coisas e a forma de respeitá-la - a natureza - mudou. Eu acredito que há uma união entre tudo e sempre acreditei nesse aspeto na natureza, mas com a meditação acho que houve um aumento dessa consciência" (H3).

Assim, a ecologia é uma dimensão amplamente difundida pela internet, como expressa bem o site "Nature et conscience"<sup>32</sup> (Doc 10), no artigo dedicado à ecologia e à espiritualidade:

"A proteção ambiental é um ato espiritual e consciente. As nossas vidas são como as vidas de outras entidades sujeitas às leis da natureza, porque fazemos parte. Nós vamos ter que tomar o nosso lugar nos ciclos naturais e obedecer às leis da natureza e em boa consciência" (Doc 10).

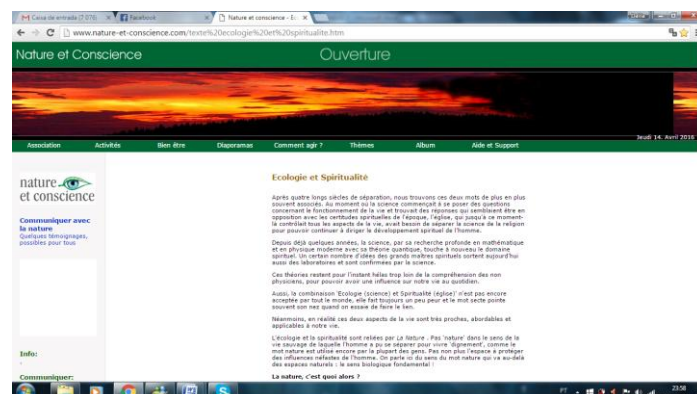


Figura 20: Captura de ecrã do computador do site "Nature et Conscience", em 22 de janeiro de 2016.

<sup>32</sup> Fonte: < <http://www.nature-et-conscience.com/texte%20ecologie%20et%20spiritualite.htm>

No Norte de Portugal, mais concretamente em Braga, os alicerces do projeto "O mundo somos nós"<sup>33</sup> (Doc 20) são a arte do relacionamento, a bondade (por si próprio, pelos outros e pelo ambiente) e o autoquestionamento, incentivando a aproximação da natureza e a valorização das comunidades locais para as atividades artísticas (ver figura seguinte).



**Figura 21:** Captura de ecrã do computador, site "O mundo somos nós", a 15 de abril de 2016.

Uma vez elaborada esta análise, constata-se que a natureza tem algo a ensinar aos indivíduos e como, de algum modo, ela é uma parte de nós mesmos em si mesma, é o que nos sugerem os testemunhos recolhidos nesta pesquisa e que indicam que gradualmente há mais empatia, respeito, confiança, amor, a intimidade entre o homem e a natureza.

### 3.3. As práticas declaradas

Após uma análise às representações sociais sobre a vivência de novas espiritualidades na pós-modernidade, importa compreender como o "eu" espiritual objetivado pelas expressões, pelas ações e pelo intelecto dos indivíduos, quer em si mesmos quer numa dada relação, se concretiza nas práticas do quotidiano ao nível do autoconhecimento, das práticas do corpo, mente, cura e até na alimentação. A análise

---

<sup>33</sup> Fonte: «<http://omundosomosnos.wix.com/projecto>»

debruçar-se-á nas práticas de autoconhecimento, práticas do corpo, práticas da mente, práticas de cura, práticas alimentares. Regimes, restrições alimentares. Ainda nas interações e relações consigo mesmo, com os outros e com a Natureza promovidas através das vivências da espiritualidade *New Age*.

### **3.3.1. Vivência do "eu" na espiritualidade *New Age* e os processos de socialização**

Juntos, os sujeitos compõem um *continuum* sócio histórico em que cada pessoa, cresce como participante, a partir de determinado ponto, tal como indicou Norbert Elias (1990). O que move e compromete o indivíduo dentro desse cosmo humano, ao mesmo tempo que lhe confere todo o alcance de sua vida, não são os reflexos da sua natureza animal, mas a "inerradicável" vinculação entre os seus desejos e comportamentos e os das outras pessoas, seja dos vivos ou dos mortos (Elias, 1990, p. 36). Em suma, o que o autor pretende frisar é o nível de dependência que cada um tem, uns dos outros, e a relevância das "funções dos outros para ele e as suas funções para os outros". (*ibid.*).

Esta observação de Elias (1990) é profundamente marcante na vivência destas novas práticas orientadas pela espiritualidade *New Age*, em plena pós-modernidade. Por um lado, quando a consciência espiritual compreende qual a importância de destaque que a natureza assume perante a vida individual e, deste modo, está-se a reconhecer a existência de um cogito espiritual - pois, tal como indica Durand (1964): "O cogito é consciência, consciência plena, consciência dialogante (1964, p. 66) - e a conferir-lhe um significado cósmico, uno. Por outro lado, se o "cosmos simbólico" (*ibid.*) promove felicidade, há então um movimento idêntico (*ibid.*), então a ação na vida precisa ser reajustada de acordo com essa nova forma de pensar e de representar a vida. As práticas têm de ser conciliadas com os novos significados da existência, mais não seja devido a um natural ajustamento entre a forma de pensar e o agir na prática. "Nunca é um nirvana sonolento", tal como refere Durand (*ibid.*). Assim, num primeiro "movimento", os entrevistados demonstram que o símbolo (*ibid.*, p. 67), através da recondução pela



espiritualidade, é o elemento harmonizador das expressões dos indivíduos na relação consigo mesmos, tal como atestam os depoimentos seguintes:

"A necessidade de comunicar com Deus até aumenta, de comunicarem com o além, pela necessidade que tenho mas os dogmas religiosos desapareceram. Procuro estar sempre ligado à corrente, ou seja, a ela, a espiritualidade. E reparo que quando me esqueço de estar mais ligado funciono menos positivamente, as ideias não são tão claras, a inspiração para a música não é tão clara, o meu sorriso não é tão largo, a minha paciência se calhar não é tão tolerante e tudo se reflete na minha felicidade interior. Procuro portanto carregar quando me sinto descarregado. Agora, todos os dias procuro falar duas a três vezes com o Chefe. Agora sinto essa necessidade, e sinto que cada vez mais se fala abertamente disto mas a mudança é sempre lenta. Estamos num período que são os finais dos tempos, mas como diz o Chefe, o tempo daqui não é o mesmo tempo espiritual" (H1).

"É deixar fluir a energia, a energia que nós sentimos no toque no outro, no deixar... Bom, no abrir" (M1).

"Falo muito com Deus quando me sinto em apertos, me sinto em maus momentos e quando sinto que preciso da ajuda d'Ele. Por exemplo, antes de ir para um exame, antes de ir para um teste falo muito assim" (M3).

"Para viver essa espiritualidade normalmente é num ambiente fechado e com o máximo de silêncio possível. No quarto. Normalmente é todos os dias à noite, sempre, há uns dois ou três aninhos, por iniciativa minha. Foi mais um ato para ter um momento mais sossegado, uma paz, sem incómodos. Só procurava paz para mim." (H3)

A subjetivação é sempre um processo de trocas, de partilhas, onde as relações do "eu" com os "outros" sofrem algo idêntico a "metamorfoses", através de mudanças nos pensamentos que eram mantidos anteriormente que passam a ser contraditórios, dando abertura a novas formas de relação social (Mascarenhas, 2012, p. 117). Em particular, os testemunhos do grupo geracional mais velho é onde melhor se conseguem identificar essas transformações, nos levando a crer que o percurso de vida teve particular relevância no processo de subjetivação da espiritualidade *New Age*.

"Por sintomas meus. Por "déjà vu" vários. [...] Apercebi-me que de facto já os tinha vivido. [A espiritualidade] É como o efeito «boomerang». Por exemplo, se eu magoasse alguém ou fizesse algo incorreto, após um

período de tempo indeterminado então percebia que as coisas tinham esse efeito, aconteciam-me. Primeiro achava coincidências inexplicáveis, depois comecei a perceber que não podia ser coincidência porque permanecer no mesmo erro era estupidez. Seria estar distraído e o que semeamos colhemos e a partir daí comecei a procurar mudar" (H1).

Entre os grandes psicólogos, Carl Jung , é um dos primeiros a enfrentar os fatos da experiência *numinosa* como um fato real. O numinoso confere a influência de uma presença invisível face a um objeto visível e que provoca uma particular alteração da consciência (Jung, 2000, p. 9). Observando deste modo as experiências com a espiritualidade, como parte da relação entre os seres humanos e as suas experiências místicas, o processo de individuação é um caminho para se encontrar o "eu", conforme já discurremos anteriormente. Este processo é um dado na vida normal das pessoas, como parte de uma tarefa para executar possibilidades de viver a transcendência, conforme o relato seguinte.

"Procuro estar sempre ligado à corrente, ou seja, a ela, à espiritualidade. E reparo que quando me esqueço de estar mais ligado funciono menos positivamente, as ideias não são tão claras, a inspiração para a música não é tão clara, o meu sorriso não é tão largo, a minha paciência se calhar não é tão tolerante e tudo se reflete na minha felicidade interior. Procuro, portanto, carregar quando me sinto descarregado. Todos os dias procuro falar duas a três vezes com o Chefe. Agora sinto essa necessidade, e sinto que cada vez mais se fala abertamente disto mas a mudança é sempre lenta. Estamos num período que são os finais dos tempos, mas como diz o Chefe, o tempo daqui não é o mesmo tempo espiritual" (H1).

A imanência do próprio pensamento dialoga com a "alma solitária", como refere Durand (1964, p. 68): "A *anima* ergue-se então face ao *animus* e a consciência sonhadora torna-se dupla, um abraço de imagens, diálogo em perfeita concordância" (*ibid.*) consigo mesmo. O diálogo interno do pensamento reequilibra a sua humanidade perante a problemática da condição humana, retirando o "eu" da alienação (*ibid.*). A busca pela informação que confira essa nova condição do "eu" é relatada pelos entrevistados, de forma transversal às gerações na qual se enquadram. No entanto, é manifestada mais abertamente pelos jovens.

"Fui a debates da escola e sobre espiritualidade. [...] Uma altura, cheguei a ir também a uma associação de espiritas para conhecer, para ver aquilo

melhor, o centro espirita. [...] Procuro informar-me, sim. Vou à internet e também vejo com atenção livros que procuro na biblioteca" (M3).

"Li coisas, vi alguns documentários. Na internet. Foi mesmo pesquisar e comparar informações. Depois de refletir sobre o assunto foi vendo o que eu achei que faz mais sentido. [...] Fui vendo séries e a informação foi-me chegando. Depois fui testando os métodos e a maior parte não serviam, então experimentei o silêncio total e tentar pensar em nada e resultou melhor" (H3).

As narrativas dos entrevistados demonstram que a meditação, sobretudo, a intuitiva, funciona agora como fenómeno para uma prática alternativa à oração que era bastante particular das instituições religiosas tradicionais. Um método para atingir experiências espirituais, ao nível psicossomático, que engloba uma ritualidade bem específica. Enquanto prática *New Age*, a meditação veicula símbolos e significados onde o "eu" se dá a descobrir em relação ao divino (Terrin, 1996, p. 139), tal como exemplifica o testemunho seguinte:

"Normalmente quando estou num dia mais difícil costumo fechar-me no quarto e com a música consigo relaxar mas sobretudo meditar. Medito muitas vezes mas nem sempre porque com a correria da entrega dos trabalhos não há tempo. É mais quando preciso mesmo. Acho que consigo relaxar, essa é a primeira coisa que eu procuro porque estando mais calma consigo ver as coisas de uma outra maneira, procuro sempre o problema num todo e não apenas num lado. Comecei a fazer isso já depois do curso, embora antes fizesse isso mas nunca tinha associado à palavra [meditação], era inconsciente. Sempre que necessitasse de estar mais calma recorria à meditação embora não associasse à palavra" (M4).

Naturalmente, será preciso frisar que a relação desta prática encaixa-se com o cunho da visão oriental da meditação. A sua característica mística surge quase sempre associada à prática de yoga, e como instrumento capaz de revelar nos indivíduos experiências tranquilizantes perante a realidade aparentemente agitada do Ocidente. O convite para o silêncio e a profundidade das emoções de igual modo tem sido um estímulo para a produção de formas culturais alusivas a esta espiritualidade *New Age*. O jogo "Posturas de Yoga" (Doc 01), à venda em Portugal, convida os pais e os filhos à prática de yoga, através de 48 cartas onde estão impressos animais da selva e do mar, e ainda os elementos da natureza. O jogo tem diversas outras atividades para se

aprenderem as posturas de yoga e incita ainda à pintura de mandalas e à resolução de enigmas (ver figura seguinte).



**Figura 22:** Jogo "Posturas de Yoga", de Helena Martins e com ilustrações de Helena Alves Carneiro (Doc 01).

Um segundo exemplo que demonstramos aqui é animação infantil intitulada "Yoga para crianças" (Doc 14). A figura seguinte corresponde ao primeiro episódio da série original de programas, na versão espanhola<sup>34</sup>, e que passou no canal 2 da RTP durante 2015, todas as tardes, com tradução para português, integrado no programa "Zig Zag", dedicado à infância e juventude.



**Figura 23:** Captura de ecrã do programa infantil "Yoga para el Niños", versal original disponível no youtube, em maio de 2015.

Para firmar esta profunda transformação social na cultura pós-moderna, existem outros modelos de propagação destas espiritualidades, em Portugal. Nomeadamente, a

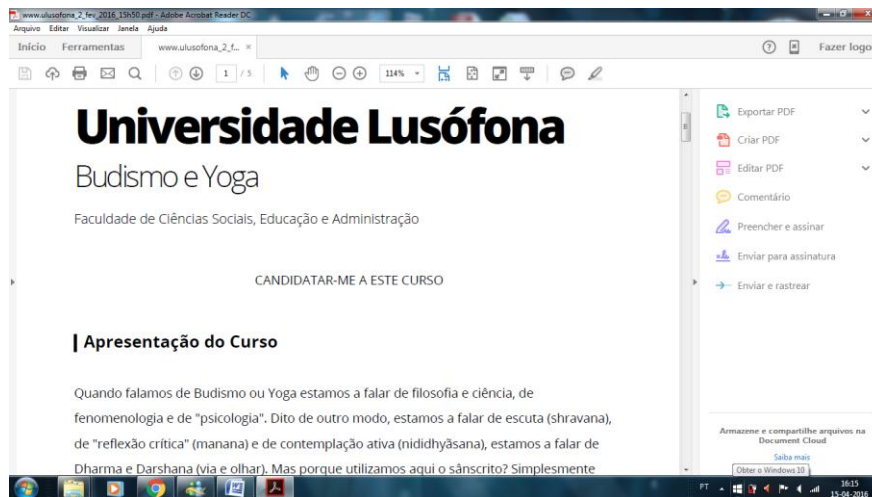
<sup>34</sup> Fonte: «<https://www.youtube.com/watch?v=SP5p1gLUOHI>», data de recolha em maio de 2015.

promoção e concretização de cursos vocacionados para esta nova realidade. Em 2013, a Universidade Sénior de Azeitão (USAZ) Associação Cultural de Azeitão, promoveu a realização de um curso cujo programa foi inteiramente dedicado à Sociologia da Espiritualidade (Doc 23). No plano curricular normal do curso para o ano letivo de 2013/2014, a unidade curricular abrangeu conteúdos programáticos que iam desde as noções básicas sobre Sociologia e o seu possível enquadramento no agir do homem enquanto processo de socialização; a Espiritualidade como reconhecimento e como atividade teórico/prática (articulação e certificação de concomitâncias existentes entre diversas práticas). As relações com o *topos* existencial; a Espiritualidade enquanto projeto de realização ôntico/ontológica do ser que aí se faz e o desenvolvimento de novos paradigmas e/ou a persecução de novos âmbitos e/ou atualizações; a “deslocação do concreto” e do “self” no horizonte mitológico; a fase contemporânea da Espiritualidade e a sua possível complementaridade entre Sociologia e Espiritualidade; a heurística do “EU” e a proliferação de “neo” metodologias; ainda os modelos cosmogónicos: A “casa comum” e o domínio da natureza e (in)sustentabilidade. Alguns dos objetivos propostos seriam a análise das características das práticas contemporâneas e o reconhecimento da complementaridade entre o sujeito sociológico e a espiritualidade<sup>35</sup>. De igual modo, em 2016, o Instituto CRIAP, no Porto, lançou candidaturas para uma Pós-graduação em "Arte Terapia e Waking Dream Therapy" com recurso ao uso de terapias alternativas como o Reiki (Doc 29)<sup>36</sup>. Contudo, a nossa análise documental permite demonstrar como outros modelos se destacaram nos últimos anos. Em 2016, a Universidade Lusófona, em Lisboa, abriu candidaturas para o curso "Budismo e Yoga", na Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração (Doc 26), conforme ilustra a figura seguinte.

---

<sup>35</sup> Fonte: «[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=5364333613070836&id=402412036472995](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=5364333613070836&id=402412036472995)», consultado em 15 de maio de 2016.

<sup>36</sup> Fonte: «<http://www.institutocriap.com/formacao/pos-graduacao-em-arte-terapia-e-waking-dream-therapy/>», consultado em 3 de fevereiro de 2016.



**Figura 24:** Captura de ecrã de computador de pdf do site da Universidade Lusófona, para curso de Budismo e Yoga, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração (Doc 26), recolhido a 2 de fevereiro de 2016, e com link indisponível atualmente.

Seguem-se as diversas demonstrações de profundo sentido transcultural, tais como, o evento "Tibete ao Vivo, Convento do Carmo", realizado nos dias 16 a 18 de abril, em Braga. A cidade foi palco para demonstrações da cultura e tradições provenientes do Tibete, com atividades que foram desenvolvidas através de cinco monges tibetanos, tais como a construção de mandalas de areia, à prática da meditação, entoação de mantas e consultas de astrologia.

### 3.3.2. Vivências do "Eu" com os outros na espiritualidade *New Age*

Os estudos sobre a pós-modernidade têm aprofundado as novas formas de produção e de disseminação de saberes e de informações, destacando a importância da diversidade cultural e da desconfiança do poder dominante da razão (Canda, 2010, p. 66). Com a pós-modernidade é preciso muito mais do que a razão para explicar todos os fenómenos sociais e da natureza, pois "o ser humano tende a desacreditar nesse poder do racionalismo" (*ibid.*). Deste modo, o "racionalismo torna-se limitado" por tentar enquadrar os fenómenos sociais em moldes compreensivos pré-estabelecidos (*ibid.*). A

cultura apresenta aspetos da vida que são muito mais complexos do que as categorizações da racionalidade, tal como critica Maffesoli (2008, p. 28). A arte é exemplo disso. Os modelos de relação entre o sujeito e o mundo, também. Esta é também uma visão constatada através dos entrevistados nesta pesquisa, tal como reflete o testemunho seguinte:

"Tive a oportunidade de estar no Oriente , na Índia, China e Japão, não é que tenha sido muito significativo mas para mim foi. Também estive num outro «Oriente» que nós, por vezes, esquecemos e que é a espiritualidade vinda dos Maias, dos Astecas, tão ou mais profunda do que... Além de ter ido ao berço dela, que é o Egipto, também já tive essa oportunidade de sentir, ter oportunidade de vivenciar. [...] Não esquecendo o Brasil. Incrível, estive em contato com várias manifestações de espiritualidade e de religiões, em que as coisas vêm ter connosco" (M1).

Trata-se de uma "redescoberta do corpo como correlato do espírito", tal como indica Terrin (1992, p. 19). Em particular, um encontro com as medicinas tradicionais, as técnicas psicossomáticas e, ainda, "o respeito pela diversas formas de vida através do contato com a natureza, numa visão totalizante que supera a ciência" (*ibid.*).

Se as representações da espiritualidade, por um lado, remetem para os mitos, e por outro lado, a ciência que as estuda, a mitologia, procura dar explicações para mitos de caráter social. E nesse sentido, sim, a ciência também é a mitologia dos tempos modernos, tal como refere Rabot (2015, p. 34), com exemplos cada vez mais abundantes de produção no campo científico. O site "Le Journal de la Science" (Doc 09) publicou, em 4 de fevereiro de 2015, um artigo onde refere que a Natureza, arte e espiritualidade são um anti-inflamatório natural excelente<sup>37</sup>. Neste artigo, o jornal refere-se a um estudo da Universidade da Califórnia (Berkeley, EUA) cujas conclusões indicam que as emoções geradas pela natureza, a arte e a espiritualidade do corpo previnem distúrbios inflamatórios. A alegria, compaixão, amor, orgulho, maravilha, são indicadas como sensações e estados do "eu" que geram comportamentos positivos quando há um contacto regular com a natureza, um gosto para as artes, como ouvir

---

<sup>37</sup> « <http://www.journaldelascience.fr/sante/articles/nature-lart-spiritualite-seraient-dexcellents-anti-inflammatoires-naturels-4547> », consultado em 22 de janeiro de 2016.

música, contemplar pinturas ou prática espiritual. Segundo a pesquisa, estes estados do "eu" estão associados com níveis particularmente baixos de ocitocinas pró-inflamatórias, proteínas que desempenham um papel central no combate às infecções.



**Figura 25:** Captura de ecrã de computador com a publicação do artigo "La nature, l'art et la spiritualité seraient d'excellents anti-inflammatoires naturels", no site "Le Journal de la Science", em 22 de janeiro de 2016.

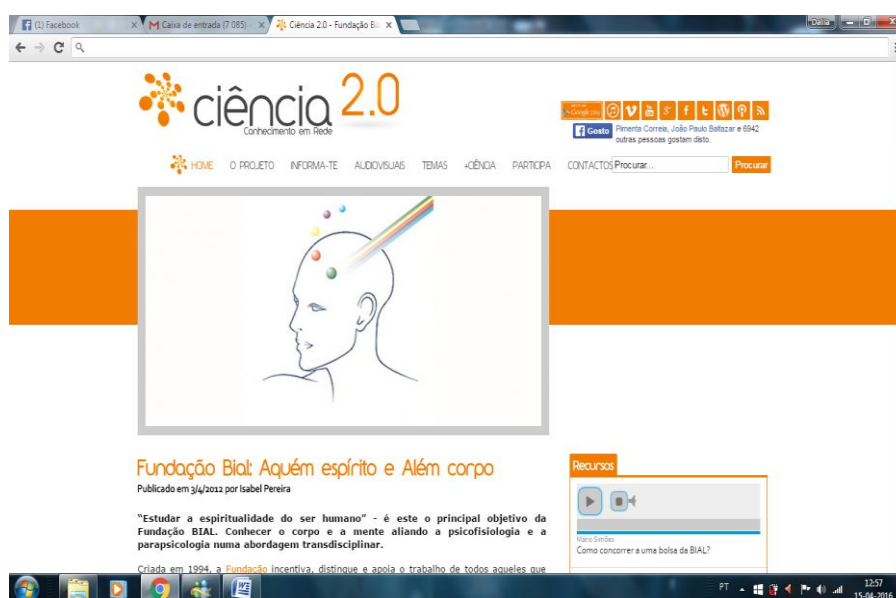
Esta evidente convergência do pensamento racional ao pensamento assente na espiritualidade *New Age* multiplica-se nos exemplos dos objetos de estudo de inúmeros investigadores de todos os campos científicos. No nosso estudo destacamos o Projeto 2.0 da Fundação Bial - Portugal (Doc17)<sup>38</sup>, no qual “Estudar a espiritualidade do ser humano” é o principal objetivo para dar a conhecer o corpo e a mente nas mais multidisciplinares vertentes do campo científico, aliando a psicofisiologia e a parapsicologia numa abordagem transdisciplinar. Importa destacar que este projeto conta com o apoio do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, através da Fundação Bial, tal como vinca o próprio site da instituição.

"O Ciência 2.0 é um projeto de comunicação de ciência que tem como objetivo fundamental promover um maior diálogo entre ciência e sociedade. [...] Cabe-nos ainda esclarecer que o nosso papel é dar a

<sup>38</sup> «[http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80](http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=80)», consultado em 15 de maio de 2016.



conhecer as várias dimensões e perspetivas que envolvem a Ciência, desde que reunido o conjunto de condições mínimas que lhes confiram validade. No caso particular da Fundação Bial, trata-se de uma instituição com apoio do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e de um conjunto muito alargado de cientistas de renome, pelo que se encaixa no universo de assuntos que o Ciência 2.0 pretende dar a conhecer, sem entrar em juízos de valor, naturalmente" (Doc 17).



**Figura 26:** Captura de ecrã do site do Projeto 2.0 da Fundação Bial - Portugal, em 15 de maio de 2016.

Observações e pesquisas como estas são evidências de uma ciência em metamorfose e mais direcionada para o estudo da dimensão espiritual da vida humana. Maffesoli (2010) advoga que as metamorfoses fazem parte da ordem natural das coisas e que se inscrevem nos múltiplos “espíritos do tempo”, que ora renascem, ora se sobrepõem, ora se justapõem num fluxo cíclico e incessante. Neste contexto, o autor relembra-nos a dicotomia que existe entre o espírito da modernidade e o da pós-modernidade. Por um lado, a racionalidade da modernidade, com o seu “monoteísmo de valores”, cientificista e fundada em ideais de uma tradição imutável ou de verdades absolutas, das grandes narrativas e na crença que o progresso era uma utopia. Por outro lado, a pós-modernidade que é marcadamente mais barroca, onde a dobra se reproduz em novos sentidos e significados subjetivos, onde tudo é mais difuso, fragmentado, imperfeito e mais coletivo (Fonseca, 2014, p. 405). As narrativas dos três grupos geracionais de inquiridos na nossa pesquisa refletem significados idênticos nas suas

narrativas, sobretudo quando são questionados sobre as suas relações sociais após uma tomada de consciência maior sobre as suas vivências individuais com a espiritualidade.

"Com a família é como eu digo, tenho pessoas que são céticas em relação a isso, nomeadamente e curiosamente o meu pai que era cético e brincava até com isso. A minha mãe já era intermitente mas depois tinha pessoas do outro lado da família que faziam ações espiritistas ligadas ao além. Agora, as pessoas sentem que há uma necessidade de se libertarem. Sentem-se oprimidos e é esta necessidade de alívio que as pessoas procuram. Uns em yoga e taci chi, mas isso não resolve totalmente o espiritual" (H1).

"[No trabalho desenvolvido com as crianças] Eles eram os verdadeiros protagonistas desses programas e envolviam de uma maneira tão espontânea e tão emotiva, tudo era comemorado com muita energia, com muito compromisso, mística, responsabilidade e uma alegria" (H2).

" Estamos a falar da linguagem da infância que é isto e é holística. A felicidade é uma sensação, um sentimento que não se inibe, não se compra [...] E essa felicidade não tem sequer uma medida de tempo. [...] Simplesmente estamos com elas e é o presente e por isso também é transcendente. Nesse momento, nesse instante, essa criança e o mundo que se detêm nesse instante e no qual nos envolvemos, pois isso é essa mística espiritual. Depois, quando elas interiorizam aquilo surge a consciência delas... é isso que é holístico porque elas têm uma consciência das coisas" (M2).

"Tive uma colega minha que por acaso gostava muito desse lado espiritual. Até a mãe dela praticava *reconexão* e, nesse caso, foi sempre uma pessoa que percebeu desde início e até se interessou e a mãe dela chegou a integrar o grupo [do curso] da associação espírita. Já estava familiarizada com isso porque a mãe também não era religiosa e era já mais... assim... espiritual. Ela [a colega] cresceu já nesse meio. É a grande diferença que eu consigo reparar. Jovens que crescem em famílias religiosas ainda hoje, e apesar de hoje em dia já nem ligarem tanto, ainda têm uma bocado de preconceito em relação ao lado espiritual" (M4).

Sobretudo, é na prática que a espiritualidade revela mais a existência do preconceito. Apesar deste ser testemunhado por todos os grupos geracionais em análise, os jovens são os que mais demonstram evidências de medos e receios dos outros face ao tema, apesar das sucessivas tentativas em debater diferentes pontos de vista acerca da espiritualidade.

"Muitas vezes gostam de picar, aquela coisa de puxar a conversa e discutir o assunto. Tenho muitos colegas meus que gostam muito daquela coisa defensora dos animais, uma altura começaram a falar que gostavam de passar a ser vegetarianos e depois, às vezes nem sei como, as coisas

acontecem e começasse a falar assim do lado mais espiritual e as conversas acabam sempre por surgir" (M4).

"Às vezes partilho pensamentos com uma amiga porque depende das pessoas que aceitam melhor estes pensamentos e nem toda a gente aceita, nem os meus colegas. Assim falo com aquelas pessoas que mais aceitam a espiritualidade. Porque grande parte das ideias que temos são parecidas, claro que há aquelas contradições mas grande parte das ideias elas são parecidas. De zero a dez, estaria num três, não era muito sociável com as pessoas e neste momento estou num seis, sou bastante sociável e não me isolo com tanta frequência" (H3).

Este processo é um dado na vida normal das pessoas que vive a espiritualidade *New Age*, como parte de uma tarefa de difícil execução com os outros, mas por vezes reveladoras de surpresas perante a abertura que demonstram quando adotam discutir o tema, apesar do risco de serem potenciais alvos de preconceito social.

### **3.3.3. As sociabilidades e o sentido da vida, o Cosmos**

A espiritualidade suscita muitas mudanças nas disposições interiores que também se manifestam ao nível corporal. Trata-se de transmutações do "eu" que se traduzem na quebra e/ou rutura de perfis de pensamento simbólico que originam novas significações e simbolismos que influenciam as experiências místicas. Tais como os alimentos, também os estímulos sensoriais em atividades motoras ou técnicas de respiração passam a ser diferentes. Observamos já que o pensamento simbólico é inerente ao homem e o sagrado tem sido a expressão de arquétipos, com diferentes ritos e ações. Através dos símbolos, os sujeitos podem revelar diferentes formas de realidade enquanto estrutura de pensamento que se tornam evidentes na ação, sobretudo na ação coletiva em que, o mundo não tão evidente ao nível das experiências imediatas, se manifesta através das principais características simbólicas e na capacidade de se expressar simultaneamente em múltiplos significados do imaginário. O sentido da totalidade faz com que a natureza e o pensamento mágico e/ou místico se manifeste

como algo que é uno, partilhado pelos grupos geracionais em estudo: velhos, adultos e jovens.

"Comecei a voltar-me para a Natureza. Os meus tempos eram escolhidos ou nos altos dos montes ou junto à praia, junto ao rio fechando os olhos e transportando-me para onde quer que seja... e depois comecei a viajar pelo mundo fora" (M1).

"Começamos a entender que existe uma relação entre o mundo vivo e que nós somos parte desse mundo vivo e que quando elas falam sobre a Natureza elas se acham parte da Natureza. Nunca se acham como coisas que estão fora, mas antes que elas dão vida e promovem com respeito" (M2).

"Da minha parte sempre esteve comigo. Sempre fui criado, educado pelos meus pais e pelos meus avós com uma envolvimento imensa com a Natureza" (H2).

"[Para viver essa espiritualidade] Também junto da Natureza" (H3).

A sociedade recria os rituais simbolicamente na ação coletiva. Na pós-modernidade a natureza, do ponto de vista da proteção ecológica do planeta, passou a coisa sagrada, daqueles que se querem proteger e isolar das coisas profanas, como o mundo da violência. A relação (ou oposição, a ambivalência) entre o sagrado e o profano é a essência desta espiritualidade *New Age*, pós-moderna. As narrativas dos entrevistados descrevem como transcendente essa ligação da natureza com o espírito. A montanha surge como espaço sagrado que propicia "liberdade" (H1) para a emancipação da consciência.

"A ligação com o espírito, é a transcendência. Pode ser feito no cimo de uma montanha, por exemplo. Essa liberdade é mais propicia na Natureza" (H1).

Entre os mitos mais populares, um dos mais antigos é o mito cosmogónico, o mito da criação do mundo. Os mitos cosmogónicos remetem para a morte e nascimento, seja esta física ou iniciática, como o nascimento de crianças (Alleu, 1976, p. 221). Estes mitos obedeciam a rituais mantidos tanto por tribos norte-americanas como em cerimónias coletivas para a sagração de reis indianos, mais tarde renovadas sem o cariz universal dos grandes ritos cósmicos e naturais, miticamente transferidas para acontecimentos ou personagens da história (*ibidem*, 1976, p. 221). Citando Alleau (1976): "O mito é eternamente criador e «recriador» da sua expressão" (1976, p. 224). É

neste sentido que o mito da Montanha Sagrada surge como recriação desse renascimento dos indivíduos, mas a partir da espiritualidade. A montanha espelha a ideia de elevação. O mito da Montanha Sagrada é o que se repete na história com mais frequência para indicar a estrada que liga a terra ao céu, como símbolo de espaço sagrado no qual o topo é lugar no qual se vive o contato com o transcendente. Desde os egípcios com a construção de pirâmides, às civilizações incas, maias e astecas, entre outros. No centro desse mito está a árvore, o primeiro grande nascimento, nascimento do mundo, a montanha. Tal como incita Eliade (1969): "O cume da Montanha Cósmica não é apenas o ponto mais alto da Terra: é também o umbigo da Terra, o ponto onde começou a criação" (1969, p. 30). O simbolismo do Centro sobrevive no mundo ocidental (*ibid.*, 1969, p. 32), mesmo na pós-modernidade. Desse ponto de vista, os testemunhos dos inquiridos dão a conhecer um sentido mais profundo sobre a relação entre o mundo vivo e aquilo que é o seu entendimento sobre o qual os indivíduos são, enquanto parte desse mundo vivo, a Natureza.

"Sempre gostei mais de montanha porque acho que me traz uma ligação mais forte à Natureza. Como estou ligada à área das artes, sinto que me traz também mais inspiração. Sinto-me mais confortável a desenhar numa casa no meio do campo do que por exemplo numa rua no meio da cidade. Fico mais tranquila, parece que acalma mais um bocado, uma pessoa fica mais envolvente, acaba por esquecer tudo o resto e para mim é importante libertar-me de tudo e estar com a Natureza é sempre mais fácil" (M4).

Esta recriação do mito da Montanha Sagrada reproduz o Universo na sua essência, através da reprodução simbólica da montanha como ascensão e da «Procura do Centro» (Eliade, 1969, p. 32). O acesso ao «centro» condiz com uma iniciação, uma existência real, duradoura e eficaz da espiritualidade, tal como descreve Eliade (1969). Essa "iniciação" não é exclusiva dos indivíduos em si, ela é espelhada nas diversas formas que expressam esta nova cultura espiritualizada. A pós-modernidade reinventa as crenças e os mitos de origem (Fonseca, 2014, p. 6), por exemplo na moda. A quinta edição de "Kiev Fashion Days"<sup>39</sup> (Doc 19), na Ucrânia, é a expressão desta reinvenção

---

<sup>39</sup> Fonte: «Reportagem Euronews: <http://pt.euronews.com/2016/02/09/dias-da-moda-ucraniana-em-kiev/>».

da crença e na qual 60 estilistas apresentaram as suas coleções outono/inverno, em 2016. Uma das criadores intitulou a sua coleção de "Cosmos" e explicou o significado desse nome com motivos futuristas:

“Esta coleção é dedicada ao espaço, aos objetos espaciais, mesmo as cores, tudo o que me veio à cabeça está ligado ao Cosmos. É chamada «os convidados do futuro». Em cada estação inspiro-me em contos de fadas, histórias infantis. Tim Burton inspira-me muito. Gosto de complementar as imagens já criadas, os desenhos-animados" (Doc 19).

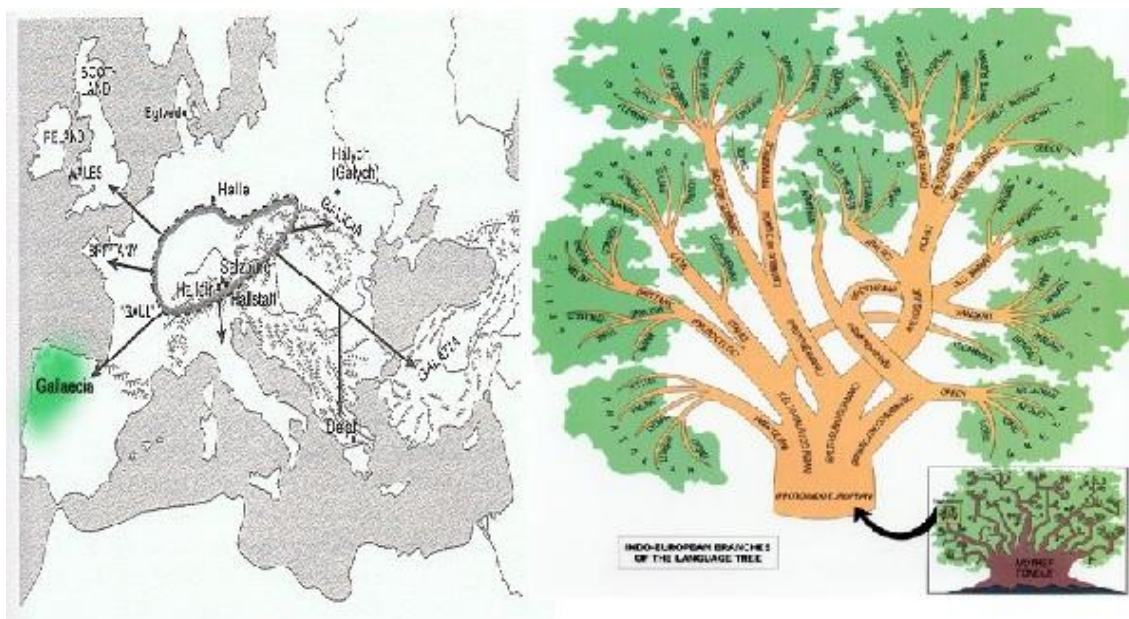
A mística surge como elo participativo dessa união promovendo a relação que cada um estabelece consigo mesmo, na relação com os outros, mas sobretudo, na relação que a mística/espiritualidade promove com a natureza e todos os seus elementos. Neste contexto, a cultura Pagã tem uma relação mágica com a natureza. O paganismo cuja uma das suas principais características se encontra na própria natureza através da manifestação dos seus fenómenos, onde se incluem os humanos, é a fonte de inspiração para a reprodução da espiritualidade na música através da banda Drusuna (Doc 04), uma banda de ritual pagão folk do Norte de Portugal, profundamente inspirada no paganismo. A banda recorre ao simbolismo xamânico para recriar as vivências ancestrais/primitivas da antiga Gallaecia. Todas as letras das músicas são cantadas em Proto celta, uma língua ancestral de todas as línguas celtas conhecidas que está na origem de diversos dialetos indo-europeus, anteriores à Idade do Bronze<sup>40</sup> (ver figura seguinte).

.

"Como estamos com sede em Gallaecia, buscamos nossas raízes etimológicas para enriquecer nosso conceito musical. Embora atualmente falem Português e galego, esta região (Gallaecia - é a região norte de Portugal e toda a Galiza) foi povoada pelos celtas muitos séculos antes do Império Romano virem e espalharem a língua latina" (Doc 04).

---

<sup>40</sup> Fonte: « <http://drusunafolkband.wix.com/drusuna>», consultado em 1 de abril de 2016.



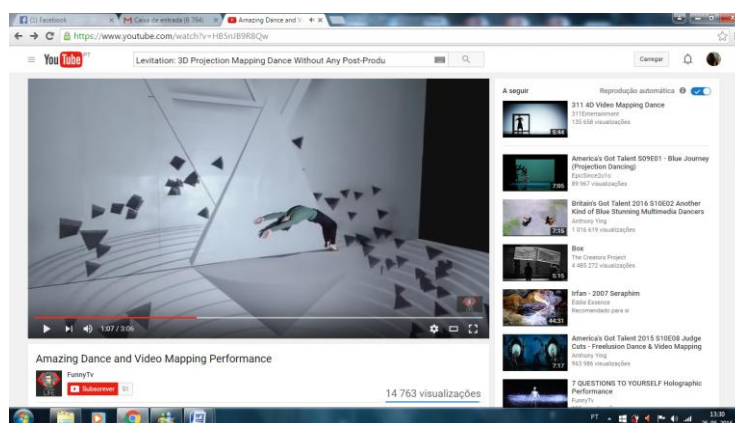
**Figura 27:** Mapa que ilustra geograficamente a antiga Gallaecia, a verde, (à esquerda), e a árvore explicativa das ramificações da língua Proto celta (à direita).

Os estados mentais são a maior influência para este novo sentido da vida e podem levar a estados alterados de consciência, tais como aqueles que se verificam nas diferentes religiões em determinadas circunstâncias, como por exemplo no Budismo através da meditação ou, como outro exemplo, as danças Sufis. Deste modo, os estados místicos também têm uma importante linguagem corporal, tal como a dança.

"Para mim na dança há uma espécie de poder sobrenatural, se conseguirmos senti-lo, é o que importa. E, se o sentirmos, não é necessário defini-lo" (Doc 35).

Originariamente, a dança foi considerada sagrada, um arquétipo das atividades profanas, devido ao seu modelo extra-humano, de um animal totémico ou emblemático (Eliade, 1969, p. 43). Os movimentos da dança que eram reproduzidos obedeciam a rituais com o objetivo de esconjurar magicamente presenças nefastas, ainda como instrumento de incorporação de animais pelo homem ou até como modelo de acesso a revelações divinas (*ibidem*, 1969, p. 43). Em "Levitação" (doc 37), a dançarina Jura Chulkov desafia a gravidade com impressionantes projeções em 3D (três dimensões), feitas pela coreógrafa Anna Abalikhina. A projeção «*mapping*» é uma das técnicas ilusionistas que mais tem sido explorada atualmente pelos artistas de várias expressões.

Vários artistas plásticos, músicos e dançarinos valem-se destas projeções programadas que iludem o espectador de haver manipulação digital da realidade. A performance tem só um jogo de imagens, sem edição anterior, e a projeção mapeada foi criada pela companhia turca de design conceitual e a empresa Sila Sveta<sup>41</sup>, em conjunto com a coreógrafa e dançarina russa Anna Abalikhina<sup>42</sup>. Todas as imagens visuais que são projetadas durante a performance foram fundidas na "mosca" em tempo real, sem qualquer pós-produção. Tudo é feito em tempo real, tal como ilustra a figura seguinte.



**Figura 28:** Captura de ecrã de video da performance "Levitação", consultado em 27 maio de 2016.

"Os ritmos das coreografias têm um modelo exterior à vida profana do homem" (Eliade, 1969, p. 43). As danças imitam gestos arquetípicos que comemoram momentos míticos. Daí que a performance "Levitação" reproduza a ideia do gesto arquetípico das danças como comemoração do místico, simbolicamente representado pela leveza expressa através da coreografia e das imagens projetadas em «video-mapping». Citamos como outro exemplo, o bailado "Links" de Andonis Foniadakis (Doc 21) criada para a Ópera Nacional da Grécia, em 2016. O bailado é um espetáculo marcadamente barroco, onde a "imaginação, o misticismo temperado com um discurso cru e realista, assim como paixão pelo trabalho que faz forjam uma experiência artística duradoura e com uma energia inesgotável"<sup>43</sup> (Doc 21). As coreografias "têm muita intensidade,

<sup>41</sup> <http://en.silasveta.com/>

<sup>42</sup> <https://www.facebook.com/anna.abalikhina>

<sup>43</sup> Fonte: «<http://pt.euronews.com/2016/04/08/bailado-o-misticismo-barroco-de-andonis-foniadakis-em-links/>».



muita energia, muita fluidez", referências que têm vindo a caracterizar a marca do coreógrafo grego.

### **3.4. As formas da mudança**

Em toda a história da Humanidade não há uma sociedade sem uma união ao sagrado e ao espiritual. Ao longo da história, os seres humanos sempre preservaram a crença no sobrenatural, sendo que, o sobrenatural é tudo aquilo que "é" e não obedece às normas racionalmente concebidas pelo humano, como os fenómenos paranormais e a mediunidade. Durante séculos, os estados de êxtase alterado ou as viagens astrais sempre foram experiências relatadas como algo transcendente ao ser humano, com a crença de tratar-se de algo oriundo do divino ou do diabo. Contudo, apesar da cultura ter conseguido reduzir, ao longo da história, as várias manifestações sociais da espiritualidade a "coisa" quase insignificante, ela não conseguiu de todo esgotar na pós-modernidade a complexidade do real e da experiência dos indivíduos, da qual fala Crespi (1997, p.23). A cultura tem uma autonomia relativa e não esgota a capacidade criativa dos sujeitos conforme sugere o autor (*ibid.*).

#### **3.4.1. Mudanças nas representações sociais na espiritualidade *New Age* da pós-modernidade**

As transformações nas representações sociais da espiritualidade em contexto pós-moderno manifestam-se na exigência de uma redescoberta do "feminino" como "[...] momento intuitivo e natural que necessita de prevalecer sobre o aspeto racional e

---

analítico do masculino, em que toda a realidade acaba ficando pregada num mundo "coisificado", objetivo e por fim estéril" (Terrin, 1992, p. 19). A mudança individual torna-se assim na mudança social. Com a importação de técnicas, práticas e filosofias orientais, Vallet (1993) lembra que a simbologia do "yin e o yang do tau" reveza-se entre o feminino e o masculino que "dá equilíbrio a todo o organismo" (Vallet, 1993, p. 56). O equilíbrio do yin e do yang social do qual falamos, a par do que indicam as narrativas dos entrevistados.

"As relações na minha vida mudaram no sentido de serem mais ponderadas, menos ambicioso, analisar a felicidade nas coisas simples. Portanto, todas estas coisas ajudam a encarar a vida de uma forma diferente" (H1).

A intuição e a superação de todos os limites dos indivíduos enquadram-se na perspectiva descrita por Terrin (1992). Inclui o mundo do espírito, o mundo interior dos indivíduos, nas suas mais profundas representações, que "superam o valor de todas as descobertas científicas" (1992, p.p. 19-20). Por outro lado, também não se pode pensar que o pensamento lógico é uno e universal. Contudo, o conhecimento científico é ele também composto de modalidades de relações sociais, dotadas de subjetividade, que permitem estabelecer comparações entre o pensamento oriental e ocidental. O primeiro pensamento é mais holístico, como já o indicamos anteriormente. Procura ir mais adiante na busca do sujeito enquanto "eu" individual, através da integração de oposições e disposições internas do *self*. Já o segundo, o pensamento oriental, bem pelo contrário, é bastante mais analítico, decompondo a realidade em categorias e propriedades bem mais lineares, típicas da razão lógica e formal de pensamento.

É neste sentido que importa focar quais as evidências que constatamos das principais mudanças do pensamento ocidental, em plena pós-modernidade. Em particular, importa destacar quais as transformações que são possíveis de constatar na aproximação de duas realidades aparentemente tão distintas, a ocidental e a oriental. De igual modo, interessa assinalar o pensamento convergente que ocorre dentro de certas relações sociais (de submissão e dependência social) em virtude desta espiritualidade New Age, e distinguir o pensamento divergente, onde a própria criatividade é expressão disso e é geradora de rutura e de autonomia, no âmbito das representações sociais tal como indica Pérez (2004, pp. 19-20).

### 3.4.2. Transfiguração do ser

Perante uma cultura pós-moderna em profunda fluidez, "não se pode mais negar a importância do poder espiritual, o retorno vigoroso da cultura, o prevalecimento do imaterial, a presença do invisível", tal como indica Maffesoli (2010, p. 29). Na espiritualidade *New Age*, a vida em si mesma gera respeito pelo "eu", pelos outros e pela plenitude da natureza, do cosmos. O todo é a totalidade da vida nas suas mais diversas expressões, sentidos, emoções, crenças, experiências, representações simbólicas e/ou imaginárias, práticas, entre outras. Para os entrevistados é o reconhecimento da unidade de todas as formas e dimensões da vida.

"Em criança era mais calma e por exemplo perguntava muito em relação à fé. Por exemplo, a religião católica muitas vezes - que a minha família é católica - muitas vezes rejeitei e perguntava vezes sem conta: e porquê? e porquê? e porquê? questionava não é. Mais jovem, já na universidade, conheci um homem fantástico, um homem espiritual, um argentino que foi fazer umas conferências lá na Venezuela e depois fazer umas formações, e eu participei diretamente com ele... [...] Era um homem que falava da espiritualidade aberta, de metafísica, enfim, de espiritualidade, e então comecei a refletir e não só eu, a minha mãe comigo" (M2).

"Eu levava informação - ouvia - e trazia para ela e ela ouvia e contava comigo e então as duas ... Foi muito interessante. Eu inclusive comecei a entender muitas coisas da minha própria vida e da relação com o meu pai. O meu pai como militar ele era muito autoritário e rígido... mas amoroso. Era como um cão que ladra mas não morde. (risos). Mas quando era adolescente, obviamente que essas coisas... mas ele - esse homem espiritual - dizia sempre: não enfrentes o teu pai, pois ele foi uma escolha tua. Então essas coisas como outras que ele dizia, abriram muito a minha mente e não esqueço. É um mestre" (M2).

"Sou uma pessoa que me isolo muito mas desde que comecei a meditar comecei a relacionar-me um pouco mais com as outras pessoas. Estou mais sociável. Normalmente, se estivesse aqui com os meus colegas isolava-me completamente e agora não consigo conversar com eles e criar laços de amizade" (H3).

A mudança no grupo geracional mais novo traduz-se através de uma maior tolerância e compreensão da realidade social.

"Sou mais recetiva a opiniões diferentes da minha" (M4).

"Sou uma pessoa que me isolo muito mas desde que comecei a meditar comecei a relacionar-me um pouco mais com as outras pessoas. Estou mais sociável. Penso tudo mais ao pormenor e as consequências, tudo. Acredito que me permite tomar decisões mais corretas, porque nem todas são as mais acertadas mas na grande maioria são. Normalmente, se estivesse aqui com os meus colegas isolava-me completamente e agora não consigo conversar com eles e criar laços de amizade" (H3).

Podemos conjecturar uma evidente transfiguração do "eu" a partir da espiritualidade *New Age*, em plena pós-modernidade. A transformação não se verifica apenas no "eu", pois ela parte do interior do indivíduo para se expandir através dos outros nas interações sociais, como representação coletiva, tal como refere Maffesoli (2010) : "Corpo e espírito, natureza e cultura, material e espiritual, bem e mal, falso e verdadeiro, são numerosas as polaridades irreduzíveis que constituíram as especificidades de nossas representações do mundo" (*ibid.*, 2010, p. 70).

A rutura mais evidente está vinculada às práticas e representações anteriormente manifestadas pelas instituições religiosas dominantes, tais como indicam os entrevistados:

"Não vou à missa e isso mas tenho a minha fé" (M3).

"Costumo dizer isto aos meus amigos que são céticos, hoje é mais fácil entender o espiritismo e a essência de Deus do que há mil anos atrás. As novas tecnologias aproximam-nos muito mais do espiritismo e de Deus, parece mentira não é! Agora estamos a chegar a uma etapa de mudança e essa mudança só pode acontecer através de uma mudança espiritual dos seres humanos" (H1).

A naturalidade corporal e espiritual, o bem-estar existencial que isso significa passam a assumir formas bem diversas de manifestação, tal como refere Maffesoli (2010, p. 90). As narrativas do grupo geracional dos jovens são as que melhor traduzem essas significativas transformações, em particular, na relação com os outros. A compreensão do mundo e o sentido que a vida passa a ter é muito maior e mais consciente a partir do momento em que a busca pela espiritualidade se afirma como vontade maior dos jovens.

"Tento sempre resolver de uma forma pacífica e não tão conflituosa. Procuro dar mais a solução do que evidenciar o problema. Sou mais compreensiva. Antes era mais reservada e sair à noite eu não gostava muito e agora até consigo perceber melhor e vou saindo. Os meus amigos mais próximos aceitaram bem a minha mudança e acho que até eles acabaram por mudar um bocado também por causa das conversas, eles próprios acabam por ter uma ideia das coisas. Antes tínhamos mais discussões e agora é mais fácil ter uma conversa mais pacífica. Depois também eles aceitam bem a minha mudança e acho que isso é importante" (M4).

"De zero a dez, estaria num três, não era muito sociável com as pessoas e neste momento estou num seis, sou bastante sociável e não me isolo com tanta frequência" (H3).

As narrativas dos jovens indicam que cada vez mais há alunos que escolhem as medicinas alternativas porque "vêm que as medicinas tradicionais são muito procuradas, então eles também procuram para terem emprego" (M4). Depois, acabam por se identificar com essas novas espiritualidades e práticas inerentes à prática da medicina alternativa, "por terem mais informação e assim alimentarem a curiosidade acabam por ajudar a divulgar" (M4) esta espiritualidade *New Age*.

Com a transformação do paradigma social, também os hábitos alimentares se readaptam ao "meta padrão" (Bateson, 1979) cultural. O novo paradigma transforma gradualmente o indivíduo carnívoro, característico da modernidade, num vegetariano da pós-modernidade espiritual e religada com o uno, o cosmos.

"Seremos defensores dos animais. No meu grupo de amigos mais fechado somos idênticos nesse aspeto. Quando há debates na televisão para, por exemplo, abolirem as touradas, acabamos sempre por discutir isso entre nós e a opinião é que somos contra porque achamos que é uma coisa um bocado imoral que se faz porque faz com que os animais sofram por puro prazer, nem é por necessidade é por prazer e divertimento e isso achamos incorreto. Outro exemplo, eu não sou vegetariana nem nada disso, mas eu não como carnes vermelhas e é uma coisa que a minha família ainda não aceita muito bem, não conseguem perceber o porquê. Acham estranho. Eles não ligam tanto, lá está. Outro exemplo, desde muito nova deixei de tomar leite, não gosto pronto, faz-me muita impressão o que eles fazem aos animais para conseguirem o leite e acho que é uma coisa desnecessária do ser humano" (M4).

"Agora respeito mais, quero tornar-me vegetariano, e aconteceu-me há mais ou menos uns 3 ou 4 anos para não causar sofrimento

principalmente nos animais. Ainda não consigo ser totalmente vegetariano por causa da família" (H3).

Estas transfigurações da espiritualidade New Age poderão constituir-se como um movimento alargado que nos permita afirmar que estamos, de facto, no reencantamento do mundo pela espiritualidade? Se assim for, torna-se impossível negar a transformação de paradigma social para a espiritualidade.

### **3.4.3. Metamorfose nos produtos culturais na pós-modernidade**

A modernidade arrastou consigo uma racionalização do mundo sem precedentes, cunhada ainda pela secularização que desemboca numa pós-modernidade mais emotiva. A natureza e o universo são sagrados. E é nesta espiritualidade ressurgente regada pelos atributos das filosofias orientais que a o homem e a natureza se conciliam. Esta união também tem sido confirmada em termos de energia e de materiais pela razão científica, como na física quântica. Nesta íntima harmonia entre indivíduos e cosmos surgem as aspirações para uma consciência global mais limpa, mais ecológica, como consequência desta espiritualidade do século XXI. Tal como indica Terrin (1992): "Trata-se de aqui apenas de reconhecer o valor da intuição contra a razão, de yin contra yang" (1992, p. 19). A superação de todos os limites dos indivíduos funciona como uma metamorfose da consciência da vida onde o espírito alcança todos os mundos possíveis e imagináveis. Todo o potencial humano está então capacitado para transcender e "o resultado místico é também sempre o resultado que está atrás da porta e que comanda o mundo todo da experiência religiosa e transcendental" (Terrin, 1992, p. 19).

Conforme já foi referido, a cultura tem uma função de mediação simbólica (Crespi, 1997, p. 23). As representações da realidade, as narrativas, a expressão artística, os modelos de comportamento ou até mesmo a religião são parte deste papel mediador da cultura. Dado o exposto, parece-nos evidente que a espiritualidade "[...] está de novo no palco histórico, movida pela força da emoção, do encanto do sagrado, pela busca de uma identidade como que perdida no complexo mundo globalizado, de múltiplas

relações sociais, económicas, políticas, culturais [...]” tal como afirmou Caliman (1998, p. 7). É por isso que esse sentimento do espiritual individual se converte numa vivência espiritual religada ao próprio sentido do sagrado. Esta é a resposta para saciar a necessidade de busca permanente da dimensão espiritual da existência humana.

Sendo que, o sobrenatural é tudo aquilo que "é" e não obedece às normas racionalmente concebidas pelo humano, os fenómenos paranormais, a mediunidade, o estado de êxtase alterado ou as viagens astrais sempre foram experiências relatadas como algo transcendente ao ser humano, como oriundo do divino ou do diabo, durante séculos. Contudo, apesar da cultura conseguir uma redução de várias manifestações sociais ela não consegue de todo esgotar a complexidade do real e da experiência dos indivíduos (Crespi, 1997, p.23). A cultura tem uma autonomia relativa e não esgota a capacidade criativa dos sujeitos conforme sugere Crespi (1987, p. 23).

A religião da qual falava Durkheim (2002) foi vista pelos indivíduos como um sistema de crenças e de práticas face ao sagrado, facilitadora da união moral das sociedades. E, em toda a história da Humanidade, não há uma sociedade sem uma união ao sagrado e ao espiritual.

Terrin (1996) insiste na ideia de que: " Não se trata do abandono de qualquer critério de reconhecimento da verdade religiosa, mas de uma subjetivação de tais critérios" (1996, p. 221). A espiritualidade na cultura pós-moderna, "propõe uma evolução positiva de todo o mundo" (Terrin, 1996, p. 221). Uma das duas características é a sua "transversalidade que ninguém pode negar, a ponto de se propor como visão holística da realidade toda: todo o Universo é simplesmente uma grande rede de conexões, de interações, por trás da qual vibra uma alma" (1996, p. 221).

Nunca antes, tanto se discorreu sobre as diversas manifestações que a espiritualidade trás para a vida social. As práticas e os seus produtos desta cultura espiritualizada assumem tão variadas formas em tão variados contextos que se torna evidente a sua presença como uma dimensão de destaque na vida humana, tal como demonstramos no decorrer da análise contextual da nossa pesquisa. Através do estudo das representações sociais dos novos produtos culturais resultantes da espiritualidade *New Age*, é possível constatar uma interdependência de contextos, de culturas, de modos de vivências sociais e de funcionamento mentais dos indivíduos. Os produtos culturais são uma parte das expressões do "eu" que se disseminam globalmente, sobretudo através da internet. Deste modo, são ferramentas de aculturação que supõem uma transformação social devido à transculturalidade.

## Considerações finais

A espiritualidade *New Age* é transversal a qualquer estrato social, geração ou etnia, pois ela sempre fez parte do ser humano como dimensão do "eu" do indivíduo. É uma condição da expressão da vida humana que se expressa nas mais variadas formas, quer através de disposições interiores do *self* quer através das diversas formas de produtos culturais. Não tem como finalidade a religião, mas antes o bem estar e uma maior consciência dos indivíduos perante a vida consigo mesmo, na relação com os outros e com todas as manifestações da natureza. Daí que esta transfiguração do "eu" tenha como consequências uma transformação das relações sociais e proporcione uma metamorfose cultural através da espiritualidade. Daí que, podemos considerar a nossa hipótese de estudo como válida, na medida em que observamos um deslocamento do "eixo central" (Eliade, 2006, pp. 35-36) do "eu" para um novo ponto fixo da orientação dos indivíduos demonstrada através de manifestações do sagrado dentro de si mesmo, como um novo espaço sagrado, o que evidencia estarmos perante uma nova realidade da vivência espiritual.

O tecido social é feito de vários "eu`s" que interagem e comunicam, de forma muito mais fácil e veloz, sobretudo na pós-modernidade. Então, tal como discorremos ao longo desta pesquisa, podemos observar uma deslocação do sentido e da vivência que a espiritualidade assume perante uma sociedade em mudança. A espiritualidade *New Age* manifesta-se na vida quotidiana dispensando cada vez mais as instituições religiosas tradicionais, mas através da interiorização do "eu" espiritual, numa "mística" (Boff, 2003, p. 102) que dispensa dogmas, crenças e rituais do pensamento religioso ao qual o mundo estava habituado. Note-se que, neste estudo, nunca aqui se falou do ser religioso mas antes do ser que vive a espiritualidade, pois consideramos que a religião pode ser uma consequência da vivência da espiritualidade, embora não seja esse o objetivo que nos importa focar. Enquanto finalidade a atingir, a espiritualidade é vista pelos nossos entrevistados como uma condição a atingir pelo ser humano. Relaciona-se com um novo sentido para a vida que se pretende resgatar do passado, como algo que ficou adormecido desde os tempos ancestrais e que agora reemerge à tona das águas profundas das emoções. Ao analisarmos os documentos que exploramos como



exemplos que traduzem este novo paradigma emergente, é possível compreender que este é um fenómeno à escala global. Na pós-modernidade fala-se da transcendência dos indivíduos nos livros, que aqui não focamos propositadamente, pois são o exemplo mais flagrante desta evidência. Optamos por isso por demonstrar essa transmutação de ideias e pensamento simbólico através de exemplos muito diversificados e que, à partida, inesperadamente, revelaram a simbologia e o imaginário da espiritualidade *New Age*. Os produtos desta "nova" cultura *New Age* revelam aspetos e pormenores do ser espiritual, a vivência das emoções. Aliás, é este reaparecimento das emoções que se revelam através das vivências das espiritualidades de cada um que torna mais significativo esta mudança de paradigma cultural. Marca um rompimento com a visão da modernidade, a mesma modernidade já questionada no passado em Clive Bell (2009) como um: "[...] hábito de usar os olhos exclusivamente para fazer o levantamento dos factos" (2009, p. 61). Um obstáculo que separa a maioria das pessoas, tal como indicou o autor (*ibid.*), sobretudo da grande exaltação espiritual, do "espírito religioso" (*ibid.*) que autor destaca como: "Todos os que defendem com sinceridade inabalável que a vida espiritual é mais importante do que vida material são, segundo a minha perspectiva, religiosos" (2009, p. 66). Esta noção é profundamente mais espiritual que as definições travadas ao longo de séculos a propósito do "homem religioso". Consideremo-la nesta reflexão apenas atendendo ao contexto socio-histórico na qual estas palavras foram escritas, no início do século XX, pois traduzem já este sentir espiritual sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa, como evidência da dimensão espiritual transversal no tempo e na história, ou seja, a consciência de uma: [...] convicção de que algumas coisas são mais importantes do que outras. [...] Uma consciência do incondicionado e do universal, [...] uma nítida distinção entre aquilo que é incondicionado e universal e aquilo que é limitado e local" (Bell, 2009, p. 62). Tanto a arte como o espiritual vivem a mística. Através da manifestação da arte e da estética, "os homens aguçam o seu sentido pela espiritualidade" (*ibid.*). O místico sente as coisas como fins em vez de as ver como meios, procurando no Todo a realidade que suscita a "exaltação estética", tal como os artistas (*ibid.*). Ora, todas as manifestações culturais são demonstrações da estética. Uma vez que também veiculam a espiritualidade *New Age* podemos falar de uma propagação transcultural da mesma, na medida em que ela se inspira nas práticas das filosofias orientais. Isso implica uma mudança no pensamento simbólico face à vivência da espiritualidade. A mistura de diferentes culturas coexiste numa só sociedade. Perante as evidências da presença de novas espiritualidades, provenientes do Oriente e

recriadas no Ocidente através da transculturalidade (" (Welsch, 1999, pp. 5-6), estamos então perante um novo paradigma social e cultural. Nesse sentido, os produtos culturais que resultam desta transformação são formas materializadas na espiritualidade da cultura, como um espelho que reflete o pensamento simbólico individual para o social.

Em Portugal, mais concretamente no Norte do país onde situamos a nossa amostra de inquiridos, estas expressões manifestam-se no quotidiano, quer através da vivência da realidade, momento a momento, quer através das suas práticas as quais estão implícitas a uma simbologia e sentidos que demonstram esta exaltação do "eu". Assinalamos assim, uma tomada de consciência muito simbólica, manifesta em símbolos que encontramos presentes nos produtos culturais que são, muitas vezes, divulgados nos *mass media*.

A transculturalidade potencia a existência de uma meta cultura espiritualizada, porque as culturas orientais e ocidentais disseminaram-se brutalmente com o desenvolvimento tecnológico, através da internet, através do acesso a canais estrangeiros por televisão/cabo. Neste contexto, acreditamos que estamos a romper uma nova era com a espiritualidade *New Age*, num mundo globalizante que procura incessantemente um equilíbrio, o yin e yang social. Mesmo com as manifestações de profunda violência que esse mundo nos revela diariamente. A procura pela espiritualidade evidencia a necessidade humana para uma regeneração global, assente em novos valores sociais, numa nova consciência mais protetora da natureza e próxima do cosmos, do universo. Mais próxima do sentido e significado profundo do que é «ser humano». Deste modo e à luz deste novo paradigma social, a mudança enlaça todos os modos de vida e de culturas (Welsch, 1999, pp. 5-6), falamos da globalização cultural enquanto metacultura globalizante, mergulhando já na cultura de um novo paradigma.



## Bibliografia

- Agostini, N. (2004). O que a espiritualidade tem a ver com as ciências humanas. *Revista Magis, Cadernos de Fé e Cultura* - Número 45 (s/p) – Consultado em 11 de fevereiro, 2014, [www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc45.pdf](http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc45.pdf)
- Alleau, R. (1976). *A ciência dos símbolos*. Lisboa: Edições 70.
- Arriaga Martínez, R. (2014). *De Max Weber a Michel Maffesoli: inmigración, reencantamiento del mundo y politeísmo de valores en Estados Unidos*. *Culturales*, 2(2), 179-209. Consultado em 30 de maio, 2016, [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-11912014000200008&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-11912014000200008&lng=es&tlng=es)
- Aumont, J. & Marie, M. (2009). *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto Grafia.
- Barros, Marcelo & Betto. (2009). *O amor fecunda o universo – ecologia e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Agir.
- Bateson, G. (1979). *Mente e natureza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.
- Bauman, Z. (2005). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Bauman, Z. (2007). *Cultura: aventuras líquidas-modernas de uma ideia*. Revista Configurações nº 3, pp.
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar
- Bell, C. (2009). *Arte*. Lisboa: Edições Texto& Grafia, Lda.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (1999). *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- Bishop, E. (2007). *Le New Age aux Etats-Unis. 1980 à 2000 - Le cas de San Diego*. Consultado em novembro, 2014, em [http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2007/bishop\\_e](http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2007/bishop_e)
- Boff, L. & Betto, B. (1999). *Mística y espiritualidad*. Madrid: Editorial Trotta.
- Boff, L. (2003). *Ethos Mundial. Um consenso mínimo entre os humanos*. RJ: Sextante.
- Boff, L. (2008). *La opción - Terra. La solución para la Tierra no cae del cielo*. Madrid: Editorial Sal Terrae.
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de século.
- Bourdieu, P. (2004). *Coisas ditas*. SP: Editora Brasiliense.

- Caliman, C. Apresentação (1998) (org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Canclini, Néstor García. (1997). *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.
- Canda, C.N. (2010). Lá vai a vida a rodar: reflexões sobre práticas cotidianas em Michel Maffesoli. *Revista Rascunhos culturais*. Coxim, v.1, n.2, julho/dezembro, p. 65.
- Capra, F. (1982). *Ponto de Mutação*. SP: Editora Cultrix.
- Capra, F. (1983). *O tao da física: uma exploração dos paralelos entre a física moderna e misticismo oriental*. Lisboa: Editorial Presença.
- Crespi, Franco. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Costa, Joaquim. (2006). *Sociologia dos novos movimentos eclesiais: Focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga*. Porto: Edições Afrontamento.
- Coutinho, José Pereira. (2012). *Religião e outros conceitos*. *Sociologia* [online]. 2012, vol. 24, pp. 171-193. Consultado em Agosto, 2014, [http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf]
- Cunha, L., *Comunicação Intercultural. Perspectivas, dilemas e desafios*, Porto, Campo das Letras, Editores, pp. 179-190.
- Durkheim, E. (2002). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Oeiras: Celta Editora.
- Durkheim, E. (2000). *Representaciones individuales y representación colectivas*. Madrid y Davila.
- Durand, G. (1964). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70
- Durand, G. (1979). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Bordas.
- Durand, G. (1996). *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Eliade, M. (2006). *O sagrado e o profano - A essência das religiões*. Lisboa: Edição «Livros do Brasil».
- Eliade, M. (1969). *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, N. (1990). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (1999). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Ellul, J. (2003). *Les Nouveaux Possédés*. Paris: Mille et une nuits.
- Felinto, E. (2005). *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.

- Fernandes, A. T. (1992). *Espaço Social e suas representações, Comunicação apresentada ao VI Colóquio Ibérico de Geografia*, Porto. p. 62.
- Fonseca, A. G. (2014). *A transfiguração da cultura popular pelas novas tecnologias. O concelho do Sabugal em tempos de mudança*. Tese doutoramento em Estudos Culturais. Braga: Universidade do Minho, Departamento de Ciências da Comunicação.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade* (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. 4ª Edição. Porto Alegre: Editora Porto Alegre.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Giddens, A. (2003). *A Constituição da Sociedade/ Anthony Giddens: tradução Álvaro Cabral*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. In: *American Journal of Sociology*, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, pp. 1930-1938.
- Habermas, J. (1990). *Pensamento Pós-Metafísico, Estudos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Jung, C. (2000). *Obras Completas de C. G. Jung*. Petrópolis: Editora Vozes. Consultado em 17 de junho de 2016.
- Koenig, H. (2001). *Handbook of religion and health: a century of research reviewed*. Oxford: Oxford University Press.
- Kotler, P. (2010). *Marketing 3.0 - From products to customer to the human spirit*. New Jersey: John & Sons, Inc.
- Leyens, J. & Yzerbyt, V. (2004). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.
- Levy-Bruhl, L. (1976). *La Mentalité Primitive*. Paris: Retz.
- Lévi-Strauss, C. (1978). *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G. (1989). *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Luckmann, T. (1973). *La religión invisible: El problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Ediciones Sigueme.
- Manheim, K, Merton, R. K. & Mills, C. W. (1967). *Sociologia do Conhecimento*. RJ: Zahar editores.

- Maffesoli, M. (1979). *La conquête du Présent. Pour une sociologie de la vie quotidienne*. Paris: PUF.
- Maffesoli, M. (1992). *La Transfiguration du Politique. La tribalisation du monde*. Paris: Grasset.
- Maffesoli, M. (2010). *Saturação* [online]. SP: Editora Iluminuras LTDA.
- Maffesoli, M. (2004a). *A Parte do Diabo - Resumo da subversão pós-moderna*. SP: Editora São Paulo.
- Maffesoli, M. (2004b). *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica.
- Maffesoli, M. (2000). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense.
- Maffesoli, M. (2008). *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maffesoli, M. (2009). *Le réenchantement du monde*. Paris: Perrin.
- Maffesoli, M. (2004). *A Parte do Diabo - Resumo da subversão pós-moderna*. SP: Editora São Paulo.
- Mascarenhas, M. P. (2013a). Culturas Alimentares na perspectiva ecosófico-ecológica, in Mascarenhas, Maria Paula & Neves, José Pinheiro (2015) *Ecosofia e Ecologias no mundo contemporâneo*. Braga: CICS, pp. 7 1- 91.
- Mascarenhas, M. P. (2013b). Alimentação, Ecosofia e Ecologia, Comunicação no *II Simpósio Internacional de Ecosofia e Ecologias no mundo contemporâneo. Um debate entre as Ciências e a Arte* . Universidade do Minho, Outubro de 2013.
- Mascarenhas, A. P. (2013). *Conferência II Simpósio Internacional de Ecosofia e Ecologias no mundo contemporâneo*. (s/p)
- Mascarenhas, A. P. (2012). *Alimentación y dietética en los procesos de subjetivación*. Braga: Universidade do Minho, Departamento de Sociologia.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E.M. (1999). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração; análise e interpretação de dados* (4º ed.). SP: Editora Atlas S.A.
- Medeiros, S. E. (2007). *Resenha do livro: Ideologia e Utopia*. *Revista eletrônica Boletim do Tempo*. (s/p).
- Morin, E. (1997). *Cultura de Massas no Século XX, O Espírito do Tempo - 1, Neurose*. RJ: Forense Universitária.

Newnum, R. S. (1994). *A Nova Cosmologia e a Espiritualidade da Criação. Seminário Interdisciplinar sobre os Novos Paradigmas*. SP: Instituto Metodista de Ensino Superior.

Olabuénaga, J. I. R. (2003). *Metodología de la investigación cualitativa* (3º ed.). Bilbao: Universidad de Deusto.

Paez, D. (2003). *Psicología social, cultura y educación* (Vol. 316 de Psicología sociológica). Pearson Prentice Hall.

Pérez, J. A. (2004), Las representaciones sociales. In D. Páez, I. Fernández, S. Ubillos y E. Zubietta (2004). *Psicología social, cultura y educación*. Madrid: Pearson-Prentice Hall. Consultado em 29 de maio 2016 em «<http://www.ehu.eus/documents/1463215/1504276/Capitulo+XIII.pdf>»

Rabot, Jean-Martin (2002), Sincretismo. In Maia, Rui (2002). *Dicionário de Sociologia*, Porto: Porto Editora, pp. 342-344.

Rabot, Jean-Martin (2008). Syncrétisme et postmodernité. In Cabecinhas, R. & Cunha, L. (2008). *Comunicação Intercultural. Perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras, Editores, pp. 179-190.

Rabot, J. (2015), «L'imaginaire et la reliance dans la sociologie de Durkheim», *Sociétés: «Sociologies»*, nº 127, pp. 25-40.

Rey, F. G. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. SP: Pioneira Thomson Learning.

Rodrigues, D. (2004). *Em nome de Deus, A Religião na Sociedade Contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.

Rodrigues, D. (2004). *Em nome de Deus, A Religião na Sociedade Contemporânea*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Terrin, Aldo Natale (1996). *Nova Era, A religiosidade do pós-moderno*. SP: Edições Loyola.

Vallet, O. (1993). *As Religiões no mundo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Weber, M. (2006). *Sociologia das Religiões*. Lisboa: Relógio D'Água.

Welsch, W. (1999). *Spaces of Culture: City, Nation, World*, ed. by Mike Featherstone and Scott Lash, London: Sage, pp. 194-213.

Wilson, B. (1982). *Religion in Sociological perspective*. New York: Oxford University Press.

Xiberras, M.; Monneyron, F. (2008). *Le Monde hippie: de l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique*. Paris: Éditions Imago.



## Webgrafia

- <<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/prizes-and-celebrations/2015-international-year-of-light/>>>, consultado em 3 de Março de 2015.
- <<<http://www.gruposucursaiscitroen.pt/novidades/campanhas/ds-3-farois-xenon-led>>>, consultado 22 de Abril de 2015.
- <<<https://www.youtube.com/watch?v=iMudVfX67PQ>>>, consultado em 6 de Maio de 2015.
- <<<https://www.youtube.com/watch?v=N2MQ4CI-VnQ&list=PLXlrdLJIKprjgR9JrllPjpTcmvu58fl&index=1>  
[https://books.google.pt/books?id=u17HivW57DoC&pg=PA141&lpg=PA141&dq=semi%C3%B3tica+da+luz&source=bl&ots=eX0jIJEDjb&sig=i\\_qR-yyI\\_qJ9ROqD\\_IcTzd\\_jq1o&hl=pt-PT&sa=X&ei=NX9vVdDEKKnX7Qa8pYGICQ&ved=0CGYQ6AEwDg#v=onepage&q=semi%C3%B3tica%20da%20luz&f=false](https://books.google.pt/books?id=u17HivW57DoC&pg=PA141&lpg=PA141&dq=semi%C3%B3tica+da+luz&source=bl&ots=eX0jIJEDjb&sig=i_qR-yyI_qJ9ROqD_IcTzd_jq1o&hl=pt-PT&sa=X&ei=NX9vVdDEKKnX7Qa8pYGICQ&ved=0CGYQ6AEwDg#v=onepage&q=semi%C3%B3tica%20da%20luz&f=false)>>, consultado em 6 de Maio de 2015.
- «<https://hermes.cpd.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/172/1/ericalvesdias.pdf>», consultado em 24 maio de 2016.
- «<http://www.ehu.eus/documents/1463215/1504276/Capitulo+XIII.pdf>», consultado em 7 de junho de 2016.
- «<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3005.pdf>», consultado em 25 maio de 2016.
- «<https://hermes.cpd.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/172/1/ericalvesdias.pdf>», consultado em 24 maio 2016.
- «<https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/05/kuhn-thomas-a-estrutura-das-revoluc3a7c3b5es-cientc3adficas.pdf>», consultado em 15 de maio de 2016.
- «[https://books.google.pt/books?id=u17HivW57DoC&pg=PA141&lpg=PA141&dq=semi%C3%B3tica+da+luz&source=bl&ots=eX0jIJEDjb&sig=i\\_qR-yyI\\_qJ9ROqD\\_IcTzd\\_jq1o&hl=pt-PT&sa=X&ei=NX9vVdDEKKnX7Qa8pYGICQ&ved=0CGYQ6AEwDg#v=onepage&q=semi%C3%B3tica%20da%20luz&f=false](https://books.google.pt/books?id=u17HivW57DoC&pg=PA141&lpg=PA141&dq=semi%C3%B3tica+da+luz&source=bl&ots=eX0jIJEDjb&sig=i_qR-yyI_qJ9ROqD_IcTzd_jq1o&hl=pt-PT&sa=X&ei=NX9vVdDEKKnX7Qa8pYGICQ&ved=0CGYQ6AEwDg#v=onepage&q=semi%C3%B3tica%20da%20luz&f=false)», consultado em 18 de abril de 2016.

## **ANEXOS**



## Anexo 1

### GUIÃO

Nome completo:

Idade:

Profissão:

Escolaridade (em caso de curso superior indicar qual e onde foi concluído):

- O que é a espiritualidade para si? Como a vive?
- Como descreve a espiritualidade em si? Na sua relação consigo mesma?
- Como descreve a espiritualidade na relação com o(s) outro(s) (seja familiar, amigos ou profissionalmente)?
- Como descreve a espiritualidade e a sua ligação com a Natureza?
- O que representa a espiritualidade para si mesma?
- O que representa a espiritualidade quando se relaciona com o(s) outro(s) (seja em família, amigos, profissionalmente ou socialmente nas suas mais variadas vertentes)?
- O que representa para si a espiritualidade com a Natureza?
- Como pratica a espiritualidade consigo mesma(o)?
- Como pratica a espiritualidade entre si e o(s) outro(s) (nas relações que mantém socialmente a todos os níveis)?
- Tem algum tipo de prática que implique estar na Natureza? Se sim, indique e explique qual e o que a faz sentir, que sensações provoca, percepções, etc...



## Anexo 2

### GRELHA DE ANÁLISE 1

(Entrevistas)

Conceito	Dimensões	Indicadores
Espiritualidade	Discursos	Relação consigo mesmo
	Representações	Relação com o(s) outro(s)
	Práticas	Relação com a Natureza

Dimensões	Indicadores	Conteúdos
Discursos	Relação consigo mesmo	<p>H1 - "[...] uma visão muito larga sobre o mundo que a espiritualidade nos dá".</p> <p>H1 - "Ninguém nasce - digamos - profundamente, não é, com a espiritualidade mas já nasce com essa característica. Depois ela vai desenvolvendo".</p> <p>H1 - "A espiritualidade é isso mesmo, é navegar".</p> <p>H1 - "Em pequeno tinha perceções de que aquilo que a gente via não era a verdade real. O material não é só único, há também mais além. É como uma moeda, a gente só está a ver a cara. Nós os materialistas só vimos a cara, não é?, e não vimos o outro lado da moeda".</p> <p>H1 - "[...] mas tenho uma paixão muito grande para aquilo que eu considero Deus e que não é o Deus das religiões. Sei que ele existe, eu sei que ele interage comigo. Sinto correntes elétricas em mim e agora se vou explicar isso a alguém chamam-me maluco. Fui maratonista e estava uma vez em Lisboa, no Restelo e de noite tinha orado ao Universo, à entidade de Deus, ao Chefe que é como lhe chamo, General das Estrelas, uso esse tipo de identificação que é para não me identificar com a religião, porque essa entidade quer que a gente comunique".</p> <p>H1 - "Chamo-O de Deus, Pai, Companheiro, Amigo, General, Camarada... Deus diz precisamente isto: o reino de Deus está no coração dos homens não está na igreja. E então nessa noite eu estava agitado, porque não sabia como iria ser no dia seguinte. Estava com um grande stress e pedi-lhe que Ele me ajudasse, entretanto já estava a dormir há umas horas e de madrugada oiço um potente altifalante [gesticula] a dizer: atenção. Assim mesmo. Acordo e de repente começo a sentir uma corrente elétrica".</p> <p>H1 - "Era ZZZZZZZZZZZZ [exemplificando o sim repetidas vezes] da cabeça aos pés. Mas não é uma corrente elétrica que nos leve à dor ou sofrimento, qual quê, aquilo é um extasy. Foram vinte minutos assim. Um delírio incrível, pá. Acabei por dormir feliz, sempre a comunicar com Ele. [...] sabia quem era, era Aquele que eu procuro. Era Aquele que eu procuro. Era o criado do Universo. Ele não tem nome. O importante não é o nome, é o seu espírito e o seu carácter".</p> <p>H1 - "Tive outras experiências desde criança, mas esta é claro que sim, mudou-me. Dá uma fortaleza espiritual incrível, até para depois mais tarde compreender o fenómeno negativo, compreender e</p>

Discursos	Relação consigo mesmo	<p>suportar aquilo".</p> <p>M1 - "Desde os 12 e 13 anos lembro-me que dizia ao meu pai que tem de haver uma forma qualquer das pessoas comunicarem sem ser com palavras. Devia haver uma... algo que unisse as duas mentes como se fosse uma linha entre o terceiro olho de um ao outro</p> <p>Nessa altura eu nem sequer sabia o que era isso, nem sequer sabia o que é que eu estava a dizer. Lembro-me que utilizava o sitio na zona da hipófise para a ligação, mas eu não sabia o que é que eu estava a dizer. E sempre... isso sei... até aos 19 anos tentei integrar-me na religião dos meus pais que era o Protestantismo. Era a Igreja Metodista da linha inglesa mas aos 19 anos eu não conseguia e assumi publicamente que não queria continuar na igreja. (p. 2)</p> <p>M1 - Ao não ir à igreja [Metodista] nem a nada, penso que me ajudou... Tudo o que fui aprendendo durante a adolescência houve tempo para criar espaço para dizer sim a isto e não aquilo. (???) (p.2)</p> <p>M1 - Precisava de uma maturidade que não tinha e não deveria estar ali [Igreja Metodista]. (p.3.)</p> <p>M1 - A tese que me foi dada foi a que me foi veiculada pelos meus pais, pela sociedade de Aveiro e pela Igreja Protestante Metodista. A minha antítese foi me dada pela descoberta de que não, não quero ir por aí, eu quero fazer outra coisa que não sei o que seja., e começar a ver e querer saber e por aí fora. A pouco e pouco, lá pelos trinta e muitos anos, comecei a dizer que também não é por aqui nem é por ali, será por aqui mas aberto a querendo experimentar. (p.5)</p> <p>M1 - Há sintonia, sinto-me deliciosamente envolva em seres, num bem estar espiritual, talvez falte agora dar um outro passo, ainda não sei bem qual é. Não consegui perceber ainda o que é. (p. 17)</p> <p>M2 - Há mística e paixão, paixão de vida e entusiasmo (p.2)</p> <p>M2 - Para mim é ser eu mesma (p.2)</p> <p>M2 - é a simplicidade de ver a vida (p.2)</p> <p>M2 - Como um todo e que é interligado, interligado como - esse todo - funciona e espontâneo. Uma coisa que flui. (p.3)</p> <p>H2 - intuitivo (p.3)</p> <p>H2 - Eu poderia acrescentar que essa mística vem do envolvimento emocional (p.2)</p> <p>H2 - maneira de estar na vida [...]maneira de viver e de envolver-se com a vida e com a sociedade (p.3)</p> <p>M4 - sinto-me melhor comigo própria até. Tenho uma maneira diferente de ver as coisas. Penso sempre bem nas situações. Consigo ver sempre mais pontos de vi.</p>
-----------	-----------------------	--



Discursos	Relação consigo mesmo	<p>Sou mais recetiva a opiniões diferentes da minha".</p> <p>M4 - "Até achava que era muito esquisita até eu ser assim mas depois de eu descobrir este lado [a espiritualidade] acho que é se calhar uma coisa muito natural, é uma coisa que já vem de mim e consegui-me sentir melhor com isso".</p> <p>M1 - "[A espiritualidade] quebrava as barreiras da crença. Todos os livros e todos os princípios".</p> <p>M1 - "Aquilo com que as pessoas se identificam, é ótimo. Conseguem. Porque a espiritualidade também tem a ver com a fé. E o que é isto de fé também? É outra questão muito complexa, para mim, que dizia que não tinha fé. Até à muito pouco tempo eu perguntava o que era a fé. Não sei o que é a Fé por definição".</p> <p>M1 - "[Sobre conceito de fé] Sempre nos foi pedido, na Igreja Protestante, na Igreja Católica e na Igreja Ortodoxa onde também já por lá andei sem estar, mas andei e vejo que é idêntico. Mesmo depois com todas aquelas atividades espirituais na Baía, a Fé. Está lá. É uma crença em absoluto. (Pausa). E eu... Essa palavra é tão pequenina que até pode ser "move montanhas"... Restrindo, talvez seja mais um formalismo da palavra tal qual como a palavra Deus".</p> <p>M1 - "A Fé que nos é dada - pelas religiões - é uma Fé cega. Esta Fé que questiona e que eu imagine que seja um pouco a minha é uma Fé intuitiva, é uma entrega onde não é preciso que tenha Fé naquele santo ou em Cristo, para mim não fica aqui. Não digo isto: não tenho Fé nisto ou naquilo. Creio nas presenças, na espiritualidade Luz porque o Divino poderá ter duas vertentes por aquilo que tenho lido, como espiritualidade superior e espiritualidade inferior se é que também há isso".</p> <p>M3 - "Sinto às vezes que... por exemplo, a minha avó faleceu, não tinha uma muito boa relação com ela mas... mas sinto que, por exemplo em relação à minha mãe, não é - porque foi de todos os filhos foi aquela que menos tratou bem apesar de não ser amiga de nenhum - sinto que ela cuida dela e que muitas coisas e muitos acontecimentos da vida dela - da mãe - que se calhar ela está ali e que num ... que podia ser pior se ela lá não estivesse".</p> <p>M3 - "Cada vez mais crio séries com isso [espiritualidade como tema]".</p> <p>M4 - "Sempre fui assim, mas com o descobrir deste lado espiritual se calhar consigo perceber que já era uma coisa minha e que eu agora consigo aceitar-me melhor, e ver que não é uma coisa estranha mas antes ma coisa natural".</p> <p>M4 - "É uma aceitação basicamente... Aceitação de nós próprios, de tudo, mas de maneira mais diferente".</p>
-----------	-----------------------	--



<p><b>Discursos</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>ele ir contra as amarras feitas pela Igreja, tanto a Católica que era a dos pais tanto como a protestante que depois começou a frequentar por minha causa. O que ele me dava era, para além daquela casa havia muitas outras casas que eu tinha de descobrir, muitos outros saberes que eu tinha de descobrir".</p> <p>M1 - "Até 69 foi todo um período com condicionalismos da Igreja Protestante meio fechado e meio aberto, mas pelo menos ir contra a corrente, permitiu ser diferente e ter a possibilidade de fazer caminhos que os jovens naquela altura não tinham. (p.8)</p> <p>M1 - independentemente de toda esta abertura, julgo que algo está a acontecer para que as pessoas estejam mais abertas mais libertas, mais vocacionadas no seu "Eu Interior" para a pesquisa, para a procura de si e de identificação. (p. 9)</p> <p>M1 - Ele dizia-se ateu [referindo-se ao ex-marido], mas um ateu que nunca tinha procurado saber mais para além dessa palavra porque, como se dizia de esquerda, confundia esquerda com falta de espiritualidade, quando uma coisa não tem nada a ver com a outra, bem pelo contrário. Isto foi dos meus 35 aos 45 anos. (p. 9)</p> <p>M1 - tenho visto muitas situações de manipulação, de sedução e a espiritualidade é muito dada à manipulação e à sedução. (p.p. 11 -12)</p> <p>M1 - pode ser o controlo da personalidade do outro. As pessoas tem sede de poder, ainda não conseguiram perceber que o poder é subjugar o outro. E esta facilidade através da espiritualidade é incrível. Vi isso na Igreja Protestante onde pessoas com as quais me cruzei faziam de tudo para levar mesmo a acreditar que era impossível. Não quero com isto dizer que eles não estivesse ma fazer um bom trabalho, não estou a dizer isso, só que era ... (pausa) não sei explicar por palavras... (pausa) Era uma espécie de cenoura não era Luz. (p. 12)</p> <p>M1 - [Uma espiritualidade] Adulterada, sim. Eu penso que as próprias pessoas nem sequer tem noção disso. O prazer delas estarem a pregar. Por exemplo estou agora a ver uma dessas imagens (do passado). Haviãp pregações, pessoas missionárias que vinham à Igreja Protestante falar de Deus e de todo o processo de salvação, tudo, com desenhos pintados, com músicas, etc... mas isso é ... (pausa) eu via isso e continuo a ver que isso eram formas para levarem as pessoas a converterem-se.(p. 12)</p> <p>M1 - só que a espiritualidade nos dias de hoje talvez se torne mais pura mas, ao mesmo tempo, porque não necessita desse tipo de formatos, mas por outro lado também é mais fácil porque o dom da palavra está</p>
-------------------------	---	--

<p><b>Discursos</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>mais desenvolvido, há outras técnicas talvez também mais subliminares e energéticas que são muito mais difíceis de saber o que são, e é isso que me põe sempre sobreaviso".</p> <p>M1 - "Se outras pessoas não necessitam, e cada vez mais não necessitam só se andarmos todos errados... [na necessidade de pertencer a uma instituição religiosa para viver a espiritualidade] [...] Vê-se. Há imensos tipos de absorção de público nas entidades formais, nas várias religiões. Este período de crise não ajuda a fazer uma leitura correta porque as pessoas estão desesperadas. E daí, tudo o que for possível é bom".</p> <p>H2 - "A nossa maneira de viver e de envolver-se com a vida e com a sociedade e com as crianças, elas sentem isso. Ao sentirem isso elas transmitem o melhor que elas têm".</p> <p>H2 - "Envolvemo-nos emocionalmente com as crianças e isso, eu creio que não é só como filosofia de vida mas como um respeito à vida".</p> <p>M3 - "Acredito muito nisso mas se calhar também vem muito da minha mãe que também sempre me incutiu um bocado isso e acredita muito nisso... e eu foi assim... foi de geração".</p> <p>M3 - "Porque hoje em dia ainda é um assunto muito... (pausa prolongada). Um bocadinho... Não digo mal visto mas muitas pessoas ainda não encaram, de certa forma não encaram bem".</p> <p>M3 - "Não. Eu não falo muito porque, lá está, é um assunto que, não digo ser criticada mas as pessoas olham assim de lado ao início e depois podem dizer: "ai és tão nova e já acreditas nessas coisas, isso é coisa de velho". Não converso muito nesse aspeto".</p> <p>M3 - "Sim, de falar sim (tem medo), e se calhar - lá está - de ir a centros espíritas acho que são muito pouco recetivos a isso mas em questão de séries, lá está, por que se calhar são séries, acho que sim, são muito mais abertos a isso".</p> <p>M3 - "Eu costumo ter conversas mas acho que o geral na minha geração acho que não se conversa muito sobre isto".</p> <p>M3 - "Ainda é um assunto muito tabu. Não sei se é por ser na nossa idade mas eu sinto muito isso".</p> <p>M3 - "Tenho duas amigas só que, não sei se tem muito a ver mas elas praticam o reiki e assim, mas no geral não".</p> <p>M3 - "Acho que vai levar tempo. Pelo menos, se calhar na minha geração já vai ser uma geração com a mente mais aberta e assim, mas neste momento, dependendo da faixa etária acho que ainda têm mentes muito fechadas nesse aspeto. Acho que também têm</p>
-------------------------	---	--

## Discursos

vergonha do que é que os outros vão pensar. Por exemplo dizem: "olha aquela, acredita em espíritos, é tolinha". Acho que é mais por isso, com medo do que as pessoas vão dizer, o que vão julgar. Por exemplo, lá está, eu já tenho muitos amigos que dizem "tu és tolinha, acreditas nessas coisas, oh, oh, oh, tu és tola". Penso que também é mais por causa disso. Se calhar muitos acreditam e não falam por causa disso mesmo, de serem julgados. Os rótulos... porque na nossa idade é o que mais há, é rótulos em tudo. Então para julgar... A minha geração é mais maldosa, eu acho".

M4 - "Sempre fui criada numa família assim muito religiosa, então não sabia muito bem como eram essas coisas".

M4 - "Quando se fala de espiritualidade e espiritismo as pessoas acham que é um bocado estranho e muitas vezes tem medo da palavra e às vezes julgam antes de darmos uma oportunidade de explicar".

M4 - "A família tem aquela ideia de que se não formos a outras pessoas vão, tipo, olhar de lado e vão julgar. Sempre fui à catequese e frequentei mas eu nunca gostei muito, sinceramente. Acho que era muito... Não me sentia bem lá. Sentia-me um bocado perdida, depois não conseguia perceber aquelas ideias que eles transmitiam lá, e diziam que tinha de ser assim e eu não conseguia aceitar. Também nunca me senti bem ao darem-me ordens, não é, e era o que eles faziam, tinha que obedecer e era uma coisa que eu não compreendia. Depois com o passar do tempo acabei o Crisma e depois integrei até o grupo de jovens que é após a catequese, mas era mais pelo convívio e já não era catequese em si. Mas este primeiro ano do grupo de jovens coincidiu com o curso básico de espiritismo que fiz e se calhar também o facto de aprender mais esse lado espiritual eu conseguia ver aquilo [grupo de jovens católicos] como uma reunião de amigos e não como algo tanto ligado à igreja".

M4 - "Já sou mais aberta a essas questões, acho que fui sempre mais liberal mas sinto que se fosse um outro jovem qualquer se calhar ficava assim a olhar de lado".

M4 - "Pelas conversas que eu tinha com os meus colegas até depois de começar o curso [curso básico de espiritismo]. Eles muitas vezes perguntavam e tinham sempre uma ideia muito má, muito negativa".

M4 - "Tentava explicar-lhes mas eles tinham sempre aquela ideia, aquele preconceito que ainda existe, uma ideia que não é certa do que é. Uma pessoa fala de um curso sobre espiritismo e as pessoas pensam que vamos fazer bruxarias, eram as palavras que eles usavam. Achavam que íamos fazer coisas esquisitas e eu explicava que não, que íamos aprender o que era o espiritismo, e tentava explicar a partir da ideia do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, para eles perceberem o que era mas muitas vezes, pronto, eles desistiam da conversa a meio porque não era bem o

	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>que eles pensavam e então não gostavam muito de ficar com aquela ideia de que eu não tinha razão".</p> <p>M4 - "Muitos colegas como diziam que não acreditam no lado espiritual diziam : "ah, isso é uma treta, isso é uma perda de tempo, só estás a perder tempo e isso é tudo mentira". E eu tentava explicar que não, que era uma coisa que eu penso e que eu aceitava. Muitos desses meus colegas dizem até que são ateus porque não acreditam em Deus, também porque foram obrigados a frequentar a catequese desde novos e nunca gostaram então assumem-se como ateus.... e eu tentava explicar que isso também me aconteceu e que também não me sentia bem na altura e que agora estava-me a sentir bem porque é uma coisa com que eu me identifico. Eles às vezes conseguiam perceber mais ou menos outras vezes torciam o nariz... Mas associam muito tudo o que é espiritualidade a Igreja Católica, dizem mesmo: "ah, isso é igual à igreja quase", porque o espiritismo defende a existência de Deus mas de um Deus diferente - da Igreja Católica - e para eles só de ouvirem a palavra Deus associam à igreja e pensam que é tudo igual".</p> <p>M4 - "Acho que estão a aceitar cada vez mais, vejo isso pelos meus amigos. Um colega meu que se dizia ateu já começa agora a... (pausa) Ele era muito ligado à ciência, para ele aquela coisa da Bíblia e tudo mais, para ele fazia muita confusão porque era inexplicável. Ele não acreditava na reencarnação que é uma coisa que sempre lhe tentei explicar com muita calma. Atualmente, nem foi há uma semana, até veio fazer uma pergunta dessas.... Muitas vezes as pessoas vêm falar comigo por causa dos sonhos, que podem ser lembranças de vidas passadas, e nós [referindo-se ao amigo] falamos também muito sobre esse aspeto. Fiquei muito surpreendida porque não esperava isso dele. Ele tinha sonhos muito parecidos, habituais, eu expliquei que podia ser algo muito importante e que ele poderia tirar algo que ele pudesse resolver e aquilo poderia ajudá-lo. Ele reagiu bem, aceitou e disse que ia ver o que poderia fazer. (sorrisos). Muitas vezes, há amigos com problemas e acabam por pedir uma opinião desde aí, desde que fiz o curso, os meus colegas mais próximos tendem a pedir-me mais conselhos até sobre questões mais profundas da vida deles. Isso sabe bem, sim, mas tento apenas ajudá-los."</p> <p>M4 - com as novas gerações que é uma coisa que pode crescer muito, há muita gente hoje que procura até as medicinas alternativas. (p. 8)</p> <p>H3 - "Eu sou agnóstico, mas foi mesmo por iniciativa própria. Não fui buscar informação, foi mesmo uma vontade de chegar a um contexto de calma e uma paz interior e ouvi por uma amiga falar disso [da espiritualidade]".</p>
--	---	---

<b>Discursos</b>		
	<b>Relação com a Natureza</b>	(Sem citações)
<b>Representações</b>	<b>Relação consigo mesmo</b>	<p>H1 - "É uma dimensão incontrollável".</p> <p>H1 - "Tudo o que fazemos em vida ecoa pela eternidade".</p> <p>H1 - "É a capacidade de viajarmos interplanetária".</p> <p>H1 - "O mundo não é só nesta bola de berlimde que é o planeta Terra".</p> <p>H1 - "Imensurável e incontrollável porque não sabemos onde começa e onde acaba".</p> <p>H1 - "Tenho características pessoais que me permitem ver que o mundo não é só material e que é um absurdo pensar assim".</p> <p>H1 - "O corpo é aquilo que comemos, também o espírito é aquilo que bebemos espiritualmente".</p> <p>H1 - "A nossa própria consciência, tudo o que lançamos para o ar, como o pensamento, seja positivo ou negativo, se nós continuarmos a intoxicar, em termos espirituais, o mundo que nos rodeia com coisas negativas podemos apanhar com elas".</p> <p>H1 - "É como o efeito «boomerang»".</p> <p>H1 - "Uma das formas espirituais interessantes é que a felicidade está nas coisas simples e nunca nos bens materiais".</p> <p>H1 - "A espiritualidade dá-nos a noção disto: é mais</p>

Representações	Relação consigo mesmo	<p>importante ser do que ter".</p> <p>H1 - "Sem o lado positivo e negativo a lâmpada não acende, sem claro e escuro não há tonalidades de luz, sem a luz e as trevas o Universo não funcionava, também o lado espiritual há o positivo e o negativo que interagem e lutam constantemente tal qual a vida material".</p> <p>M1 - "Uma coisa é sentir, outra coisa é encontrar as palavras para traduzir aquilo que se sente. A espiritualidade não é o formalismo das religiões e das formas espirituais. Está acima de... É algo que pertence a cada um de nós, no diálogo com o Universo, com a harmonia universal, tentando conjugar as várias forças, sendo elas de cima ou de baixo, da esquerda ou direita, mas tentando criar um caminho de diálogo com o superior, um superior que não quer dizer que seja um Deus criado pelo Homem, porque será antes uma partícula que está em nós, dentro de nós, correspondente a um Eu Superior".</p> <p>M1 - "Aquilo que eu tento viver no meu dia-a-dia é o respeito por mim, o respeito pelos outros, o respeito pela mãe Natureza".</p> <p>M1 - "Em termos mais consciência do "eu" nessa busca, ela abre caminho para sairmos".</p> <p>M1 - "Não pertenço a nada e pertenço ao uno".</p> <p>M2 - "Há mística e paixão, paixão de vida e entusiasmo [...] é ser eu mesma".</p> <p>H2 - essa mística vem do envolvimento emocional, afetivo. [...] E a partir desse envolvimento emocional e que é parte da nossa maneira de ser, a nossa maneira de estar na vida, a nossa maneira de viver e de envolver-se com a vida e com a sociedade (p. 2)</p> <p>H2 - não é só como filosofia de vida mas como um respeito à vida (p. 2)</p> <p>M2 - é a simplicidade de ver a vida (p. 3)</p> <p>H2 - intuitivo (p. 3)</p> <p>M2 - esse mundo espiritual creio que veio comigo quem sabe de outras vidas, a fé é sempre uma coisa que está comigo, não preciso de muito convencimento para saber que tem presenças e que existem energias. (p. 11)</p> <p>M2 - Penso que é preciso espírito pleno. (p. 12)</p> <p>M2 - Penso que cada uma traz um caminho, uma força. (p. 12)</p> <p>M3 - espiritualidade eu acredito muito nisso, acredito... acredito... Acredito que há vida para além daqui, acredito que há sempre alguém que nos guia (p.</p>
----------------	-----------------------	--



Representações	Relação consigo mesmo	<p>M3 - "Sinto mais por causa das vivências porque sinto que... que tem alguém ali".</p> <p>M3 - "Acredito muito que há vida para além... que há vida para além da morte [...] que há sempre alguém [...] não vou à missa, sou sincera, não rezo e não faço nada disso mas tenho muita fé nesse aspeto".</p> <p>M3 - "Se calhar devia rezar mais e não rezo mas tenho muito fé [...] acredito em Deus e sou católica".</p> <p>M3 - "Sinto-me calma, muito calma. Sinto-me mesmo muito calma e sinto-me tranquila. E confesso sinto que tudo vai correr bem apesar de achar naquela hora, de estar muito nervosa numa situação que eu acho que vai correr mal ou ter um mau resultado".</p> <p>M3 - "Ainda é um assunto muito tabu. Não sei se é por ser na nossa idade mas eu sinto muito isso".</p> <p>M4 - "É uma maneira diferente de viver [...] a espiritualidade basicamente é uma maneira de viver que se calhar dá mais importância aos momentos e não às coisas tão materiais. Mais procurar a felicidade nas pequeninas coisinhas que se calhar as pessoas não ligam".</p> <p>M4 - "Comecei a perceber mais sobre isso eu sinto-me melhor comigo própria até. Tenho uma maneira diferente de ver as coisas. Penso sempre bem nas situações. Consigo ver sempre mais pontos de vista".</p> <p>M4 - "Até achava que era muito esquisita até eu ser assim mas depois de eu descobrir este lado [a espiritualidade] acho que é se calhar uma coisa muito natural, é uma coisa que já vem de mim e consegui-me sentir melhor com isso".</p> <p>M4 - "É sempre uma descoberta e no início vai sempre pensando e questionando várias coisas, sobretudo tentava perceber o eu a partir do lado mais espiritual".</p> <p>M4 - "Com a espiritualidade comecei também a questionar o porquê, se calhar era mesmo assim, não precisamos de ser todos iguais, e eu comecei a lidar melhor com isso... Se uns são assim eu não preciso ser igual. Cada pessoa tem a relação com as pessoas de maneira diferente. Comecei a perceber mais por aí e acho que consegui me libertar mais de certas questões".</p> <p>H3 - "Não tem nada a ver com Deus. Na minha opinião tem mais a ver com algo entre nós, o nosso interior, o nosso espírito".</p> <p>H3 - "É a nossa forma mesmo de estar com o mundo"</p> <p>H3 - "Quase não se sente, é mesmo um estado de vivência".</p> <p>H3 - "É um bocado fora do normal".</p> <p>H3 - "Transcendência é algo para além do material, neste é algo que está para além de nós. [...] É um bem</p>
----------------	-----------------------	---

<b>Representações</b>	<b>Relação consigo mesmo</b>	<p>estar que sinto apenas psicologicamente".</p> <p>H3 - "São estados de calma mesmo, tranquilidade".</p> <p>H3 - "Ao início foi estranho e ouvi várias coisas. No início eu relacionava a espiritualidade com a Igreja [Igreja Católica] e não aceitava esse facto mas depois comecei a entender a espiritualidade como algo mais próprio de cada um e não da religião".</p> <p>H3 - "[Espiritualidade] É mais mística".</p> <p>H3 - "Ah, sim. Eu acredito na reencarnação não do modo em que os meus colegas acreditam, em que o homem é um ser superior, mas na reencarnação normal, tanto podemos ser um animal a seguir como podemos ser uma outra coisa qualquer, como os budistas".</p> <p>H3 - "É complicado esse aspeto. Sou agnóstico porque não acredito em nada superior, acredito que haja algo que está entre todos nós e não algo superior".</p>
	<b>Relação com o(s) outro(s)</b>	<p>H1 - "Até pode ser visto como falar da demagogia ou falar da imaginação, não é".</p> <p>H1 - "Atenção meus senhores que há aqui uma gafe, e Marx também nunca negou isso porque nem disse sim nem disse não, porque o homem não é só carcaça, há muito mais que isso senão como é que podemos explicar o universo? O universo tem que ter um construtor, era isso que eu dizia aos meus professores".</p> <p>H1 - "As relações na minha vida mudaram no sentido de serem mais ponderadas, menos ambicioso, analisar a felicidade nas coisas simples. Portanto, todas estas</p>

<p><b>Representações</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>coisas ajudam a encarar a vida de uma forma diferente".</p> <p>M1 - "Aquilo que eu tento viver no meu dia-a-dia é o respeito por mim, o respeito pelos outros, o respeito pela mãe Natureza".</p> <p>M2 - "[...] respeito/Amor, por aquilo que nos cerca, construir-se ou deixar fluir a construção do Universo".</p> <p>M1 - "[...] não falo da Virgem nem de santos porque não fazem parte do meu quadro de aprendizagem religiosa".</p> <p>M1 - "É uma outra visão e é um outro sentir. Não é que todos os que toquem musica sejam espirituais. Eles são todos espirituais, ponto. Só que dentro da linha da espiritualidade que penso que estamos a focar aqui (na entrevista)".</p> <p>M1 - "[Ser espiritualizado] é o ligarmo-nos a nós próprios em primeiro lugar, aos outros e à Natureza. [...] penso que sou senão não era eu".</p> <p>M1 - "É uma busca serena de abertura. Agora não tenho nem vidros, nem janelas, nem portas, nem nada. É saber que todas as pessoas que me cercam, mesmo aquelas que aparentemente são jovens e parecem que nada tem a dizer ou são de idade e presas aos seus conceitos, tenho aprendido tanto com essas pessoas e é muito bonito porque vejo-me e revejo-me no outro e na ... (pausa) É tudo tão grande e tão uno que eu não sei onde é que começa uma coisa e acaba outra. É tudo uma simbiose onde mergulhamos uns nos outros e em tudo porque as coisas vem ter... Buscamos mas é uma busca mais de abertura".</p> <p>M1 - "[Sobre a manipulação] as pessoas quando estão sedentas tanto bebem a água pura como a bebem com limão, tanto como a água do rio que até nem está muito pura mas porque têm muita sede. E até porque bebem nem que seja um gole de conhaque que vai fazer mal ao fígado ou outra coisa qualquer. Nos dias de hoje é fácil porque tudo aparentemente é bom e belo. Não quer dizer que em todas as formas de manifestação que estão a aparecer hoje em dia não haja nada de belo - eu não sei saber isso logo. Agora a facilidade de se vender produto em vez de inspirar a espiritualidade do outro são coisas diferentes".</p> <p>M1 - as pessoas precisam de por essas capelinhas, esses formatos (referindo-se à necessidade do processo de rotulagem social). Eu fico espantada porque é que é necessário. (p. 14)</p>
------------------------------	---	---

<p><b>Representações</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>M1 - "Porque tudo é uno. Cada vez mais perceciono que as verdades corporalizadas nas religiões e nestas filosofias são pequenos flashes, mas há uma unidade nas lendas antigas, universais, há uma unidade incrível, eles não se conheciam uns aos outros e agora temos esta oportunidade através de um outro deus, chamado net, que une estas coisas todas. Leva-nos a perceber a identidade. Há uma unidade tão bela, tão exuberante mesmo, tanto que acontecia nos aborígenes na Austrália".</p> <p>M1 - "É de uma beleza. Isto é uno, nós é que apanhamos partículas e nem sequer ousamos conhecer este uno, mas se possível fizemos parte deste uno é bom".</p> <p>M1 - "As coisas vem ter comigo, porque tenho acesso as várias manifestações de espiritualidade onde estou integrada e convivo com pessoas excepcionais. É como se não precisa-se de andar porque as coisas quase que vem ter comigo, é só abrir o olho".</p> <p>M2 - "Como um todo e que é interligado, interligado como - esse todo - funciona e espontâneo. Uma coisa que flui. Não é algo só porque escutaram. Quando escutas uma criança e ela está a falar em momentos de brincadeira, quando está a falar sem estar a ser observada porque está sendo ela mesma então ela é uma pequena sábia porque não está a repetir os discursos dos adultos e está sendo ela mesma".</p> <p>M2 - "Em criança era mais calma e por exemplo perguntava muito em relação à fé. Por exemplo, a religião católica muitas vezes - que a minha família é católica - muitas vezes rejeitei e perguntava vezes sem conta: e porquê? e porquê? e porquê? questionava não é. Mais jovem, já na universidade, conheci um homem fantástico, um homem espiritual, um argentino que foi fazer umas conferências lá na Venezuela e depois fazer umas formações, e eu participei diretamente com ele... [...]Era um homem que falava da espiritualidade aberta, de metafísica, enfim, de espiritualidade, e então comecei a refletir e não só eu, a minha mãe comigo".</p> <p>M2 - "Eu levava informação - ouvia - e trazia para ela e ela ouvia e contava comigo e então as duas ... Foi muito interessante. Eu inclusive comecei a entender muitas coisas da minha própria vida e da relação com o meu pai. O meu pai como militar ele era muito autoritário e rígido... mas amoroso. Era como um cão que ladra mas não morde. (risos). Mas quando era adolescente, obviamente que essas coisas... mas ele - esse homem espiritual - dizia sempre: não enfrentes o teu pai, pois ele foi uma escolha tua. Então essas coisas como outras que ele dizia, abriram muito a minha mente e não esqueço. É um mestre".</p> <p>M3 - "Acredito muito nisso mas se calhar também vem muito da minha mãe que também sempre me incutiu</p>
------------------------------	---	--

		<p>um bocado isso e acredita muito nisso... e eu foi assim... foi de geração".</p> <p>M3 - "Tenho colegas minhas que não são católicas, que não tem religião e eu cheguei a comentar com elas que acredito em espíritos e isso, elas ficam assim, do género: "ai isso só os mais velhos é que acreditam nisso", não é".</p> <p>M3 - "Sim, acho que é mais um bocado receio. Tenho duas amigas... Só tenho duas amigas que acreditam e conversamos e assim... mas acho que ainda é assim um assunto um bocado visto de lado".</p> <p>M3 - "Ainda é um bocadinho [tabu]".</p> <p>M4 - "Sou mais recetiva a opiniões diferentes da minha".</p> <p>H3 - "Penso tudo mais ao pormenor e as consequências, tudo. Acredito que me permite tomar decisões mais corretas, porque nem todas são as mais acertadas mas na grande maioria são".</p> <p>H3 - "Sou uma pessoa que me isolo muito mas desde que comecei a meditar comecei a relacionar-me um pouco mais com as outras pessoas. Estou mais sociável".</p> <p>H3 - "Normalmente, se estivesse aqui com os meus colegas isolava-me completamente e agora não consigo conversar com eles e criar laços de amizade".</p>
	<p><b>Relação com a Natureza</b></p>	<p>M1 - "Aquilo que eu tento viver no meu dia-a-dia é o respeito por mim, o respeito pelos outros, o respeito pela mãe Natureza".</p> <p>M1 - "A palavra Deus é a única palavra que é utilizada quer seja na Igreja Católica, na Protestante, na Ortodoxa... o quer que seja. E eu não queria ligar-me ao formal, fosse como fosse de qualquer forma. Há outras palavras, se não houver cá nos entendemos. E comecei a voltar-me para a Natureza. Os meus tempos eram escolhidos ou nos altos dos montes ou junto à praia, junto ao rio fechando os olhos e transportando-me para onde quer que seja... e depois comecei a viajar pelo mundo fora".</p> <p>H2 - "Compromisso com o ambiente e compreender o ambiente não como uma peça mas como uma rede de vidas, de ecossistemas interligados".</p> <p>H2 - "Cresci com essa sensibilidade social e ambiental".</p> <p>M4 - "Basicamente sinto-me melhor comigo, sinto-me mais calma, ajuda-me sempre e muitas vezes [estar</p>

<b>Representações</b>	<b>Relação com a Natureza</b>	<p>perto da Natureza] nem é para desenhar, é só para relaxar e pensar. Viajo um bocado. Muitas vezes até adormeço por me sentir mesmo calma, quando acordo sinto-me muito mais leve".</p> <p>H3 - "Manteve-se a mesma porque sempre acreditei que houvesse algo mais e quanto isso mantive, apenas a de acreditar nas coisas e de respeitá-la mudou. Eu acredito que há uma união entre tudo e sempre acreditei nesse aspeto na Natureza, mas com a meditação acho que houve um aumento dessa consciência".</p>
<b>Práticas</b>	<b>Relação consigo mesmo</b>	<p>H1 - "Por sintomas meus. Por "déjà vu" vários [...] Apercebi-me que de facto já os tinha vivido".</p> <p>H1 - "É como o efeito «bomerang». Por exemplo, se eu magoasse alguém ou fizesse algo incorreto, após um período de tempo indeterminado então percebia que as coisas tinham esse efeito, aconteciam-me. Primeiro achava coincidências inexplicáveis, depois comecei a perceber que não podia ser coincidência porque permanecer no mesmo erro era estupidez. Seria estar distraído e o que semeamos colhemos e a partir daí comecei a procurar mudar".</p> <p>H1 - "Procuro estar sempre ligado à corrente, ou seja, a ela, a espiritualidade. E reparo que quando me esqueço de estar mais ligado funciono menos positivamente, as ideias não são tão claras, a inspiração para a música não é tão clara, o meu sorriso não é tão largo, a minha paciência se calhar não é tão tolerante e tudo se reflete na minha felicidade interior. Procuro portanto carregar quando me sinto descarregado. Agora, todos os dias procuro falar duas a três vezes com o Chefe. Agora sinto essa necessidade, e sinto que cada vez mais se fala abertamente disto mas a mudança é sempre lenta. Estamos num período que são os finais dos tempos, mas como diz o Chefe, o tempo daqui não é o mesmo tempo espiritual".</p> <p>M1 - "É deixar fluir a energia, energia que é quantificável na linha da filosofia quântica e seja a energia que nós sentimos no toque no outro, no deixar... Bom, no abrir".</p> <p>M1 - "Ao não ir à igreja nem a nada, penso que me ajudou".</p> <p>M1 - "Em 1973 tive o meu primeiro livro de yoga., foi na livraria da Rua D. Sofia. Achei estranho. Tinham acabado de serem traduzidos aqueles livros e lembro que, do pouco dinheiro que tinha comprei esse livro, em 73. Depois acabei a licenciatura, comecei a trabalhar em outubro de 74 e a partir daí tudo o que falasse de filosofia Kant, Decartes, e os extraterrestres</p>

<p><b>Práticas</b></p>	<p><b>Relação consigo mesmo</b></p>	<p>todos por aí fora, eu lia".</p> <p>M1 - "Há uma explosão total e absoluta".</p> <p>M1 - "Tive a oportunidade de estar no Oriente , na Índia, China e Japão, não é que tenha sido muito significativo mas para mim foi. Também estive num outro Oriente que nós, por vezes, esquecemos e que é a espiritualidade vinda dos Maias, dos Astecas, tão ou mais profunda do que... Além de irmos ao berço que é o Egito, também já tive essa oportunidade de sentir, ter oportunidade de vivenciar. [...] Não esquecendo o Brasil. Incrível, estive em contato com várias manifestações de espiritualidade e de religiões, em que as coisas vêm ter connosco".</p> <p>M3 - "Não vou à missa e isso mas tenho a minha fé".</p> <p>M3 - "Lá está, falo muito com Deus quando me sinto em apertos, me sinto assim em... em maus momentos</p>
------------------------	-------------------------------------	--

<p><b>Práticas</b></p>		<p>em que sinto que preciso da ajuda d'Ele. Por exemplo, antes de ir para um exame, antes de ir para um teste falo muito assim".</p> <p>M3 - "Fui a debates da escola e sobre espiritualidade [...]cheguei a ir uma altura também a uma... a uma associação de espiritas para conhecer, para ver aquilo melhor, o centro espirita. [...]tento-me informar, sim vou à net e vejo panfletos quando me dão na rua e isso".</p> <p>M3 - "Tento ver na universidade livros".</p> <p>M3 - "Sim. O filme "O céu existe mesmo". Sim... sim. Esse filme. E vi por causa disso. [...]o filme já existe há uns dois anos. Só o vi há pouco tempo porque ouvi na televisão falarem dele e despertou-me a curiosidade".</p> <p>M4 - "Normalmente quando estou num dia mais difícil costumo fechar-me no quarto e com a música consigo relaxar mas sobretudo meditar. Medito muitas vezes mas nem sempre porque com a correria da entrega dos trabalhos não há tempo. É mais quando preciso mesmo. Acho que consigo relaxar, essa é a primeira coisa que eu procuro porque estando mais calma consigo ver as coisas de uma outra maneira, procuro sempre o problema num todo e não apenas num lado. Comecei a fazer isso já depois do curso, embora antes fizesse isso mas nunca tinha associado à palavra [meditação], era inconsciente. Sempre que necessitasse de estar mais calma recorria à meditação embora não associasse à palavra".</p> <p>H3 - "(Pausa prolongada) Para viver essa espiritualidade normalmente é num ambiente fechado e com o máximo de silêncio possível. [...] No quarto".</p> <p>H3 - "Normalmente todos os dias à noite, sempre, há uns dois ou três aninhos, por iniciativa minha. Foi mais um ato para ter um momento mais sossegado, uma paz, sem incómodos. Só procurava paz para mim".</p> <p>H3 - "Li em algum lado, vi alguns documentários e ... (pausa) Depois de refletir sobre o assunto foi isso que eu achei que faz mais sentido.[...] Fui vendo séries e a informação foi-me chegando".</p> <p>H3 - "Na internet. Foi mesmo pesquisar e comparar informações. Depois fui testando os métodos e a maior parte não serviam, então experimentei o silêncio total e tentar pensar em nada e resultou melhor. Resultou melhor".</p>
------------------------	--	---



<p><b>Práticas</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>H1 - "Com a família é como eu digo, tenho pessoas que são céticas em relação a isso, nomeadamente e curiosamente o meu pai que era cético e brincava até com isso. A minha mãe já era intermitente mas depois tinha pessoas do outro lado da família que faziam ações espiritistas ligadas ao além".</p> <p>H1 - "O corpo é tríade, é físico, inteligente de memória e inteligência mas também espiritual. Nunca se pode desligar este conceito".</p> <p>H1 - "Ter livros era muito difícil. Allan Kardec então era ainda mais difícil por que a Igreja perseguia. Tudo o que fosse Espiritismo então aqui em Braga era terrível. O pior que se podia chamar aqui em Braga a alguém que se dedicasse a isso era "maçónico", eles confundiam o ser maçónico com o espiritismo, ou então com ateus. Metiam tudo no mesmo saco, se alguém não fosse religioso, fosse contra a ditadura ou contra o Governo ou falasse de espiritismo era maçónico ou então, pior ainda, era de seitas perigosas. E a Igreja tinha uma repressão sobre isso muito grande. Os livros eram proibidos por exemplo. Muitos deles eram muito proibidos e não era fácil na altura".</p> <p>H1 - "Havia pessoas que tinham medo de terem esses livros para não serem depois conotados depois contra o regime, pois havia gente fascista que até acreditava no espiritismo. Quem tivesse esses livros e fosse descoberto podia ter problemas, ser preso até. Entrava logo numa suspeição de alguma coisa que fosse muito perigosa para o regime e sobretudo para a Igreja. Nas livrarias falavam sobre esses livros muito baixinho, alguns empregados dessas livrarias guardavam-nos em segredo".</p> <p>H1 - "Até das galerias de Paris traziam também e depois eram passados de mão em mão pelas pessoas aqui em Braga, mas eram muito poucas e aqueles que acreditavam tinham medo de assumir. Em Braga também haviam reuniões muito secretas de espiritistas, mães que tratavam casos e que eram da Igreja. Mas também havia casos de charlatões que usavam o nome de espiritismo para levar a vida de uma forma mercantilista e muito pouca honesta".</p> <p>H1 - "As pessoas sobre as quais se soubesse que liam e procuravam estes livros ou estes locais, quando eram apanhados a primeira sanção era pública, a represália no local onde se vivia, no trabalho e ter problemas. Depois poderia até ter problemas judiciais. Nalguns locais do país, a Igreja chegava a argumentar que eram charlatões para os levar a tribunal. Provavelmente teriam condenações com multas, agora a condenação pública é que era a pior, era terrível, pior que a inquisição. Agora, as mentes são muito mais abertas mas ainda há muito de não crença, de gente que não acredita".</p> <p>H1 - "Costumo dizer isto aos meus amigos que são céticos, hoje é mais fácil entender o espiritismo e a</p>
------------------------	---	--

<p><b>Práticas</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>essência de Deus do que há mil anos atrás. As novas tecnologias aproximam-nos muito mais do espiritismo e de Deus, parece mentira não é! Agora estamos a chegar a uma etapa de mudança e essa mudança só pode acontecer através de uma mudança espiritual dos seres humanos".</p> <p>H1 - "A necessidade de comunicar com Deus até aumenta, de comunicarem com o além, pela necessidade que as pessoas têm mas os dogmas religiosos desapareceram".</p> <p>H1 - "As pessoas sentem que há uma necessidade de se libertarem. Sentem-se oprimidos e é esta necessidade de alívio que as pessoas procuram. Uns em yoga e taci chi, mas isso não resolve totalmente o espiritual".</p> <p>M1 - "Às vezes temos nós de dar os passos para ajudar a por mais um tijolo, mais uma ação".</p> <p>M1 - " [...] abordassem temas como regressão que, de certa forma e - entre parêntesis - lamento que seja mais usado como publicidade de forma enganosa do que propriamente na parte da espiritualidade".</p> <p>M1 - "Chego aos dias de hoje, comparando, tudo é oferecido. Tudo é oferecido. Mas talvez por essa oferta talvez haja pessoas que são cativadas mas outras (... pausa) não sejam cativadas. Não sei. Só que realmente as prateleiras dedicadas na Fnac e em qualquer livraria de livros de auto ajuda, de autoconhecimento, de espiritualidade estão a aumentar".</p> <p>M1 - "Nem político, nem religioso [referindo-se a ligações a movimentos sociais]. Frequentei Hare krishna, budistas, fui a sessões espiritas... Aquilo que se abrir e eu sentir que não há perigo eu aceito".</p> <p>M1 - "A utilização da voz. Dizem que a minha voa, ou a forma como falo, leio histórias que levo .... bem, não sei explicar. Dizem que transmito paz, tantos adultos como miúdos. Outros dizem que é mágico. Não sei o que é que isso quer dizer".</p> <p>M1 - "As pessoas começaram a chamar-me feiticeira. Aí fechei-me. Nunca mais fiz nada nem demonstrei nada. Não me expunha para esse efeito".</p> <p>M1 - "Tenho deixado de utilizar de usar as mãos porque como parece que sou uma espécie de antena, às vezes tenho receio porque não sei e não quis aprofundar - não quis porque tive medo - esta parte de não saber como depois organizar-me, de ter receio de uma clivagem".</p> <p>H2 - "[No trabalho desenvolvido com as crianças] Eles eram os verdadeiros protagonistas desses programas e envolviam de uma maneira tão espontânea e tão emotiva, tudo era comemorado com muita energia, com muito compromisso, mística, responsabilidade e uma alegria".</p>
------------------------	---	--

<p><b>Práticas</b></p>	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>M2 - "[Durante a execução do projeto com as crianças] a felicidade é uma sensação, um sentimento que não se inibe, não se compra [...] E essa felicidade não tem sequer uma medida de tempo. [...] Simplesmente estamos e é o presente e por isso também é transcendente [...] nesse momento, nesse instante, essa criança e o mundo que se detêm nesse instante e no qual nos envolvemos , pois isso é essa mística espiritual".</p> <p>M2 - "Estamos a falar da linguagem da infância que é isto e é holística".</p> <p>M2 - "Sim... Depois, quando elas interiorizam aquilo surge a consciência delas... é isso que é holístico porque elas têm uma consciência das coisas".</p> <p>H2 - "Envolvemo-nos emocionalmente com estas crianças à medida que elas também abrem esse espaço. A escola devia fazer as atividades educativas com essa mística e que se envolve-se plenamente com as crianças, porque elas assumem isso".</p> <p>M2- "Uma coisa que quero destacar da espiritualidade é também o caso de uma menina também da escola de Cabaços. Nós temos também um simbolismo com umas bolachas. Quando temos oportunidade nós partilhamos, são espanholas, numa caixinha e com chocolate e eles adoram. Sempre que lá íamos levávamos e isso já era um símbolo. Inicialmente alguns brigavam porque uns queriam mais, depois nós dividíamos e já eram elas - as crianças - que partilhavam a bolacha até à última bolacha, dividindo por partes, metade, depois um quarto e por aí fora, para que todos tivessem direito à bolacha. Mas esta menina, no ultimo dia em que nos estávamos a despedir deles, ela chegou e dividiu a sua bolacha num pedaço para ela, um pedaço para mim e um outro pedaço para H2. Eu disse-lhe que aquela era a bolachinha dela... E ela respondeu: não, porque é para você e para mim".</p> <p>M2 - "Tem a ver com uma ligação íntima connosco a partir do alimento que é como um ato sagrado. Um ato sagrado é sentar à mesa e ela quis partilhar connosco como um último momento que era a bolacha que era para todos um símbolo de carinho, através da entrega de pedaços, como uma despedida. Ela é uma menina muito sensível. E esta não é a primeira vez que nos acontece isso, não apenas com uma criança mas com várias".</p> <p>M3 - "Também não procuro muito, sou sincera. É uma coisa que eu acredito mas que eu não estou lá a fundo. Quando ouço falar ou se surgir uma dúvida ou assim, por norma eu tento procurar".</p> <p>M4 - "Tive uma colega minha que por acaso gostava muito desse lado espiritual até, a mãe dela praticava reconexão e, nesse caso, foi sempre uma pessoa que percebeu desde inicio e até se interessou e a mãe dela</p>
------------------------	---	---

	<p><b>Relação com o(s) outro(s)</b></p>	<p>chegou a integrar o grupo [do curso] da associação espírita - acho que só fez metade - mas, lá está, neste caso tive uma colega que já estava familiarizada com isso porque, lá está, a mãe também não era religiosa e era já mais... assim... espiritual. Ela [a colega] cresceu já nesse meio. É a grande diferença que eu consigo reparar. Jovens que crescem em famílias religiosas ainda hoje, e apesar de hoje em dia já nem ligarem tanto, ainda têm uma bocado de preconceito em relação ao lado espiritual"</p> <p>M4 - "Muitas vezes conversamos, até conversas interessantes porque debatemos diferentes pontos de vistas, mas acho que sim, que ainda há muito esse preconceito".</p> <p>M4 - "Muitas vezes gostam de picar, aquela coisa de puxar a conversa e discutir o assunto. Tenho muitos colegas meus que gostam muito daquela coisa defensora dos animais, uma altura começaram a falar que gostavam de passar a ser vegetarianos e depois, às vezes nem sei como, as coisas acontecem e comesse a falar assim do lado mais espiritual e as conversas acabam sempre por surgir".</p> <p>M4 - "Sou é mais compreensiva. Antes era mais reservada e sair à noite eu não gostava muito e agora até consigo perceber melhor e vou saindo. Os meus amigos mais próximos aceitaram bem a minha mudança e acho que até eles acabaram por mudar um bocado também por causa das conversas, eles próprios acabam por ter uma ideia das coisas. Antes tínhamos mais discussões e agora é mais fácil ter uma conversa mais pacífica. Depois também eles aceitam bem a minha mudança e acho que isso é importante".</p> <p>M4 - "Tento sempre resolver de uma forma pacífica e não tão conflituosa. Procuro dar mais a solução do que evidenciar o problema".</p> <p>M4 - "Sim, porque tentam sempre ver o outro lado e com o tempo as coisas são capazes de evoluir um bocado. Cada vez mais há alunos que escolhem as medicinas e eu tenho visto que muitos até acabam por ir para as alternativas [referindo-se à medicina alternativa] porque também vêm que as medicinas tradicionais são muito procuradas, então eles também procuram ir por outro lado para terem emprego, não é. Depois acabam por se identificar mais com isso e o aparecer mais e mais disso, as pessoas acabam por ter mais informação e acho a informação alimenta a curiosidade e acaba por ajudar a divulgar isso".</p> <p>H3 - "Não. Mas às vezes partilho pensamentos com uma amiga porque depende das pessoas que aceitam melhor estes pensamentos e nem toda a gente aceita, nem os meus colegas. Assim falo com aquelas pessoas que mais aceitam a espiritualidade".</p> <p>H3 - "Porque grande parte das ideias que temos são parecidas, claro que há aquelas contradições mas</p>
--	---	---



		<p>M4 - "Gostei sempre mais de montanha porque acho que me traz uma ligação mais forte à Natureza. Como estou ligada à área das artes, sinto que me traz também mais inspiração. Sinto-me mais confortável a desenhar numa casa no meio do campo do que por exemplo numa rua no meio da cidade. Fico mais tranquila, parece que acalma mais um bocado, uma pessoa fica mais envolvente, acaba por esquecer tudo o resto e para mim é importante libertar-me de tudo e estar com a Natureza é sempre mais fácil".</p> <p>H3 - "[Para viver essa espiritualidade] Também junto da Natureza".</p> <p>H3 - "Agora respeito mais, quero tornar-me vegetariano, e aconteceu-me há mais ou menos uns 3 ou 4 anos para não causar sofrimento principalmente nos animais. Ainda não consigo ser totalmente vegetariano por causa da família".</p>
--	--	--

### Anexo 3

#### GRELHA DE ANÁLISE 2

(Documentos)

Conceito	Dimensões	Indicadores
Espiritualidade	Discursos	Relação consigo mesmo
	Representações	Relação com o(s) outro(s)
	Práticas	Relação com a Natureza

DIMENSÕES	INDICADORES	CONTEÚDOS
Discursos	Relação consigo mesmo	<p>Doc 01 - Jogo "Posturas de Yoga"</p> <p>Doc 30 - Meditation experience is associated with increased cortical thickness  <a href="http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1361002/">http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1361002/</a></p> <p>Doc 35 - "Deus, para além de me ter libertado, e Deus me ter curado, e saí dessa fase - depressão - outra pessoa. Não é possível no meu entendimento, ter um relacionamento com Deus que não seja transformador, ou alguém dizer que é crente e tem fé sem que isso altere profundamente a sua vida".</p> <p>Doc 36 - En la Ecoaldea Vegetariana Espiral no seguimos ninguna religión ni tendencia espiritual concreta. Cada persona es libre de fluir con la espiritualidad que sienta. Para nosotr@s es importante estar abiert@s y respetuos@s a las diferentes formas de espiritualidad [...] . , hemos situado en el centro de todos los pilares, irradiando y recibiendo energía y visión del resto de los pilares. Pensamos que la espiritualidad, el amor, ha de estar presente en todo momento de nuestras relaciones en la vida que compartimos.</p>
	Relação com o(s) outro(s)	<p>Doc 02 - Projeto "Crescer com Reiki" em Guimarães</p> <p>Doc 02 - "Acompanho-os há cerca de dois meses e vim mesmo muito contente porque aqueles miúdos nestes dois meses já mudaram imenso".</p> <p>Doc 02 - "O que mais tenho encontrado nos nossos jovens é a carência, muita carência mesmo, muita falta de amor próprio, os mais pequeninos referem muitas vezes que precisam de ter muito mais calma porque são muito nervosos e dizem mesmo: eu quero o reiki para me acalmar".</p> <p>Doc 06 - Programa Sociedade Civil, Vida para além da morte, RTP2, 24 março 2016, Programa 40 (<a href="http://www.rtp.pt/play/p2317/e229311/sociedade-civil">http://www.rtp.pt/play/p2317/e229311/sociedade-civil</a>)</p> <p>Doc 32 - "Encontrando a Felicidade", documentário passou na RTP2, 1 abril 2015. Aborda as vivências e práticas da comunidade espiritual Ananda (ver DOC15).</p> <p>Doc 33 - <a href="#">Religião</a>, programa televisivo "Ciclos e Movimentos", RTP2, aborda o tema "Religião" desde os alvares da cultura judaico-cristã ao conflito israelo-</p>



Discursos	Relação com o(s) outro(s)	<p>palestiniano, passando pelo extremismo islâmico e pelo papel da religião católica (e de João Paulo, Episódio 5, 14 Ago 2015).</p> <p>Doc 35 - "Há jovens que tem dificuldades em assumir isso para eles próprios [escolher a fé] e depois para as pessoas e para os amigos".</p> <p>Doc 35 - "Sou um homem de muita fé porque acredito piamente naquilo que me aconteceu há muitos anos atrás, tinha 12 anos, um encontro sobrenatural com Jesus Cristo. [...] Eu queria mexer-me, queria virar a cabeça para outros lados , mas não. Parecia que tinha uma mão a segurar-me no peito e tudo aquilo que eu tinha perguntado a Deus, Ele respondeu-me porque é que na minha vida quase tudo dá errado quando na verdade eu não mereço isso" [...] "Não tenho religião. Jesus quando veio, não veio para dar religião a ninguém. Por isso eu quero é ter vida e sem estar catalogado a nenhuma instituição" [...] "Sou um apaixonado por Jesus e gostava que um dia as pessoas percebessem o quão real ele é".</p> <p>Doc 35 - Frei José Nunes - "O numero que pessoas que se dizem sem religião aumentou. Há uma secularização crescente, muito significativa, da sociedade portuguesa" Isso traduz-se na indiferença perante a Igreja Catolica".</p> <p>Doc 36 - Estamos a falar de fazer um bom fogo, com a lenha dos medos e dos egos, que cozinharemos num grande caldeirão; a espiritualidade, discernimento, não violência, autosuficiência, sustentabilidade, permacultura, ecologia, alimentação respeitosa, e com tudo aquilo que possa alimentar o nosso desenvolvimento pessoal, nutrimo e ajudando para que a cada dia que passa, a vida no planeta, seja mais justa, alegre e amorosa. (p. 88)</p> <p>Doc 36 - Consideramos la espiritualidad como una forma de ver y entender la vida, de tener consciencia de que todos formamos parte de un Todo, de una armonía de Unidad que se manifiesta a cada instante [...] todo está unido, entrelazado y que lo que yo hago o pienso va a resonar en todas partes (p. 87)</p> <p>Doc 36 - La espiritualidad tiene que ver con estar presente en cada instante, con atención plena porque el AHORA es lo único que tenemos y todo sucede en ese momento mágico que llamamos presente. Es necesario parar nuestra mente (que habitualmente está en el futuro o en el pasado) y vivir con consciencia todo lo que nos ocurre en nuestro recorrido. Desarrollar esa Consciencia en lugar de que sea el inconsciente el que guie nuestra vida y vivir desde la totalidad que somos cada momento de nuestras vidas (p. 87)</p>
-----------	---------------------------	---



Representações		<p>Doc 35 - "Para mim a religião é diferente de fé. A religião muitas vezes divide. A religião muitas vezes divide porque é baseada no esforço humana e na tentativa de agradar a Deus. A fé é baseada em Deus em quem eu creio e acredito. Acredito que um relacionamento com Jesus pode mudar a vida do avesso para bem".</p> <p>Doc 35 - foi essencialmente porque aqui encontrei-me a mim mesma e sinto-me equilibrada com a minha parte emocional e espiritual".</p> <p>"O Homem procura desde sempre a religião porque é um ser simbólico".</p> <p>Doc 36 - La espiritualidad es despertar a lo que realmente somos, a esa Consciencia Única de la que formamos parte y que todo lo contiene. Tiene que ver con recordar lo que hemos olvidado, nuestro origen, el sentido pleno, la visión elevada, el sentimiento de Unicidad Universal.</p> <p>Doc 36 - La espiritualidad tiene que ver con integrar, incluir, transformar y amar, irradiando, y sabiendo que hay un camino al que se llega desde distintos lugares y que ese camino de Consciencia nos envuelve a todos con infinita belleza y nos alienta a que vayamos más allá de las divisiones, de nuestras ideas, de lo aprendido, de nuestras creencias. Que busquemos las respuestas en nuestro interior, en lo más profundo de nosotr@s en lugar de buscar fuera o de tapar nuestro deseo profundo de trascender.</p>
	Relação com o(s) outro(s)	<p>Doc 02 - "Nós temos quase 3 horas e consegui ter períodos de trinta minutos em que eles tiveram num silêncio total".</p> <p>Doc 07 - Publicidade da GALP, a passar nas televisões portuguesas em Fevereiro de 2016... "A tua energia cria mais energia", "o teu amor cria mais amor".</p> <p>Doc 18 - "HEREAFTER" - Filme.</p> <p>Doc 31 - Morgan Freeman conta "A História de Deus" no National Geographic. A nova série do National Geographic, apresentada e produzida por Morgan Freeman, é uma jornada em busca do verdadeiro significado da vida e de Deus.</p> <p>Doc 34 - Publicidade "Mercedes-Benz Classe E - Mais do que inteligente, intuitivo". Texto do video: "O que é a intuição? É um sexto sentido que o faz desviar-se no momento certo se o impacto for inevitável. É um automóvel que sabe exatamente o que precisa dele. Bem</p>
	Relação com o(s) outro(s)	<p>vindo à era da condução intuitiva. Novo Classe E. Mais do que inteligente... intuitivo. Mercedes Benz, the best or nothing". (p. 80)</p> <p>Doc 35 - "Nos acreditamos que a Terra é um só país e que</p>

Representações		<p>a Humanidade são os seus cidadãos [...] E apesar das crises, das guerras e dos conflitos, há uma nova raça de homens que está a emergir".</p> <p>Doc 36 - E darnos cuenta de que cuando decimos "el otro" en realidad me estoy refiriendo a mí porque el/la otr@ y yo somos lo mismo. El "otro" es un espejo de mí que me muestra lo que yo soy y también lo que tengo que aprender, aceptar o cambiar.</p>
	Relação com a Natureza	<p>Doc 10 - A protecção ambiental é um ato espiritual e consciente.</p> <p>Doc 20 - Os alicerces deste projecto são a arte do relacionamento, a bondade (por si próprio, pelos outros e pelo ambiente) e o auto-questionamento. Incentivamos a aproximação da natureza e valorizamos as actividades artísticas. A comparação e a competição são desencorajadas, assim como o sistema de castigo/recompensa. O diálogo desempenha um papel fundamental no nosso centro e norteia este projecto.</p>
Práticas	Relação consigo mesmo	<p>Doc 01 - Jogo "Posturas de Yoga".</p> <p>Doc 17 - "Estudar a espiritualidade do ser humano" - é este o principal objetivo da Fundação BIAL. Conhecer o corpo e a mente aliando a psicofisiologia e a parapsicologia numa abordagem transdisciplinar. Criada em 1994, a Fundação incentiva, distingue e apoia o trabalho de todos aqueles que procuram trilhar novos passos no caminho da Investigação e da Ciência".</p> <p>Doc 23 - Programa de Sociologia da Espiritualidade, Universidade Sénior de Azeitão (USAZ) Associação Cultural de Azeitão.</p> <p>Doc 35 - "[...] para mim na dança há uma espécie de poder sobrenatural, se conseguirmos senti-lo, é o que importa. E, se o sentirmos, não é necessário defini-lo".</p> <p>Doc 36- Na eco aldeia, todas as nossas actividades e relações de convivência, estarão animadas e impulsionadas pelo coração, além do mais sincero e amoroso respeito pelas pessoas e suas diferenças. Espiritualmente sentimos a unidade dentro de nós. E, como unidade que somos com o Universo, compartilhamos e expressamos esta energia, ajudando-nos, e ajudando, desde as actividades e do amor. conseguindo assim espero, que as nossas relações e todos á nosa volta, sejam um caminho sem fim de sabedoria e consciência, em todos os ambitos das nossas vidas. (social, educativa, espiritual, ecológica, no campo alimentar etc).</p>

Práticas	Relação com o(s) outro(s)	<p>Doc 02 - Projeto "Crescer com Reiki" em Guimarães</p> <p>Doc 04 - DRUSUNA - banda portuguesa.</p> <p>Doc 04 - "é xamânico, vamos buscar um conceito mais ancestral/primitivo. Uma das coisas que fazemos é escrever letras em protocelta é uma língua morta que deu origem a vários dialectos indo-europeus muito antes da idade do bronze".</p> <p>Doc 04 - "we use Proto- Celtic language witch is the ancestor language of all known Celtic languages, comonly used during the bronze age. As we are based in Gallaecia, we seek our etymological roots to to enrich our musical concept".</p> <p>Doc 13 - Aixsponza (Eks-Sponza) [...] Nós criamos novos mundos, construir guias de design, amor tipografia e compor a música que se adapta à sua nova forma visual da vida.</p> <p>Doc 14 - Animação: Yoga para crianças, (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SP5p1gLUOHI">https://www.youtube.com/watch?v=SP5p1gLUOHI</a>) [...]série de programas que passou no canal 2 da RTP durante 2015, integrado no ZIG ZAG, todas as tardes, com tradução para português.</p> <p>Doc 16 - <a href="#">Network For a New Culture</a></p> <p>Doc 17 - Projeto 2.0 da Fundação Bial - Portugal (<a href="http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=80">http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=80</a>)</p> <p>Doc 19 - MODA KIEV 2016 - COSMOS Reportagem Euronews: <a href="http://pt.euronews.com/2016/02/09/dias-da-moda-ucraniana-em-kiev/">http://pt.euronews.com/2016/02/09/dias-da-moda-ucraniana-em-kiev/</a></p> <p>Doc 19 - "Esta coleção é dedicada ao espaço, aos objetos espaciais, mesmo as cores, tudo o que me veio à cabeça está ligado ao Cosmos. É chamada "os convidados do futuro". Em cada estação inspiro-me em contos de fadas, histórias infantis. Tim Burton inspira-me muito. Gosto de complementar as imagens já criadas, os desenhos-animados", refere Anna K." [...] Isto é liberdade. Uma mulher que é livre para escolher.</p> <p>Doc 20 - O Mundo Somos Nós - Braga <a href="http://omundosomosnos.wix.com/projecto">http://omundosomosnos.wix.com/projecto</a> (p. 45)</p> <p>Doc 16 - In addition, to provide support which transcends the time and space limitations of the events, there is also an <a href="#">E-mail discussion group</a> which serves as an open forum for the discussion of any topic related to the exploration of "New Culture".</p> <p>Doc 24 - Colóquio Internacional, O imaginário esotérico. Literatura, Cinema, Banda Desenhada, Instituto de Letras e Ciências Humanas Universidade do Minho   Braga   23 e 24 abril de 2014 (p. 58)</p> <p>Doc 25 - Evento "Tibete ao Vivo, Convento do Carmo", em Braga, realizado entre 16 e 18 de abril de 2016. "As</p>
	Relação com o(s) outro(s)	

Práticas		<p>atividades serão várias desde a construção de uma Mandala de areia, entoação de mantras nos Claustros, prática de meditação, consultas de Astrologia e Oráculo".</p> <p>Doc 26 - Universidade Lusófona Budismo e Yoga, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração.</p> <p>Doc 27 - "A luz revela a tua identidade", cartaz e vídeo publicidade automóvel "DS3 - Nova assinatura luminosa".</p> <p>Doc 29 - Instituto CRIAP, com sede no Porto, Pós-graduação Arte Terapia e Waking Dream Therapy com recurso ao uso de terapias alternativas como o Reiki.</p> <p>Doc 36 - "Seremos também objecto de sensibilização em todos os temas e valores que se praticam no dia a dia, em relação uns com os outros, com a mãe terra e com o Universo. Portanto ao mesmo tempo que actuamos como exemplo de discernimento prático incorporando-nos na harmonia e equilíbrio da natureza, também sentimos que temos de actuar desde a consciência e não violência, como motor de expansão dentro de nós e á nossa volta, longe ou perto".</p> <p>Doc 36 - "Vivir de forma espiritual es vivir desde el respeto, la compasión, la humildad y la no violencia".</p> <p>Doc 36 - "Y en esa forma de vivir conscientemente, destilamos lo importante y eliminamos lo superfluo, dándonos cuenta de toda la nube de pensamientos y sentimientos que nos distraen y nos arrastran, desarrollando a través de la práctica (meditación, silencio, reflexión, lecturas, debates,...) la claridad de propósito, la empatía y el sentido de Unidad. Es entonces cuando el corazón despierta a la Verdad, a lo que Es, a la totalidad del Amor y Compasión por todo ser viviente, desde donde puedo ver más allá de mis ojos físicos. Y desde ahí, podré emprender acciones desde el amor y la visión y no desde la reacción a los hechos".</p> <p>Doc 37 - Em Levitação, dançarina do jura chulkov desafia a gravidade com impressionantes 3 d projecções pelo coreógrafo anna abalikhina e especialistas <u>SILA SVETA</u>. Todos os visuais projectados durante o desempenho foram fundidas na mosca em tempo real, sem qualquer pós-Produção.</p>
	Relação com a Natureza	<p>Doc 09 - Natureza, arte e espiritualidade são anti-inflamatório natural excelente.</p> <p>Doc 11 - Ecovilas - PORTUGAL (<a href="https://ecocasaportuguesadotcom.wordpress.com/2015/05/19/amigos-de-longa-data-criam-mini-vila-sustentavel-para-poderem-viver-juntos/">https://ecocasaportuguesadotcom.wordpress.com/2015/05/19/amigos-de-longa-data-criam-mini-vila-sustentavel-para-poderem-viver-juntos/</a>)</p>

Práticas	Relação com a Natureza	<p>Doc 15 - Em Portugal, a comunidade Anada. (<a href="http://www.anandakalyani.org/pt-pt/">http://www.anandakalyani.org/pt-pt/</a>)</p> <p>Doc 16 - "One of the keys to stopping the destruction of the planet is to return to the heart. NFNC aspires to create a world where we can all be free to come from our hearts, thereby changing the culture from the inside out. NFNC facilitates events and programs designed to help heal the wounds between men and women, between men and men, women and women, the individual and the community, and between the community and the Earth".</p> <p>Doc 28 - Eco-aldeia à procura de pessoas e famílias para viver em comunidade no norte de Portugal.</p> <p>Doc 28 - "Em resumo, somos famílias que amamos a natureza e reduzimos o âmbito das necessidades e a dependência do dinheiro. Autogestionamos a saúde, a educação, a alimentação, a energia, a ajuda mútua e tudo o que seja necessário", pode ler-se no anúncio publicado pela eco-aldeia vegetariana, frisando ainda que "cada qual vive no seu espaço, compartilhando atividades, terras e crescimento individual e grupal".</p>
----------	------------------------	--